

RAÍZES

Ano V - Nº 10

São Caetano do Sul

Janeiro de 1994



1/94
es/11

São Caetano, ano 45. Índices poucos usuais na cena nacional

São Caetano completou 45 anos de emancipação político-administrativa em outubro último, exibindo números pouco usuais no cenário brasileiro: 100% de infraestrutura (ruas pavimentadas, instalação de água e esgoto e iluminação pública e domiciliar), renda per capita acima da média brasileira, uma completa rede municipal de escolas e saúde. Todavia, não é apenas esse fato que distingue São Caetano das demais cidades da região e, seguramente, da média nacional: sua História reflete, também, períodos extremamente férteis do passado brasileiro.

A implantação da ferrovia pioneira do Barão de Mauá teve conseqüências diretas sobre a antiga Fazenda de São Caetano, a exemplo da política do II Império em abrir as fronteiras para a imigração européia, em busca de mão-de-obra. Foi assim, combinados a ferrovia e a política favorável à imigração, que nasceu o Núcleo Colonial de São Caetano. Esse fato deixou, de maneira indelével, marcas na cidade, cujo toque italianado, seguramente, ninguém pode negar. Depois, no final do século 19 e começo do presente século, vieram outros tantos imigrantes, aumentando a diversidade do cenário local. Mais tarde, à época da Segunda Grande Guerra, iniciou-se a migração de brasileiros do Norte e Nordeste, face ao surto incipiente de industrialização do Centro-Sul. Logo, São Caetano é um retrato diminuto do País, no que respeita à complexa composição étnica e à sucessão de ciclos econômicos e históricos que o Brasil atravessou nos últimos 150 anos.

Os índices positivos do Município, por outro lado, indicam, de modo incisivo, que a cidade somente pôde atingir esse patamar graças ao trabalho - diuturno e, muitas e muitas vezes, anônimo - de sua população. Esses diversos aspectos constituem importante matéria-prima que está sendo resgatada, graças, também, a um trabalho conjunto e contínuo.

O Editor



Capa: Gravura intitulada *Modernismo*, de Alessandro de O. Santos (aluno da Fundação das Artes de São Caetano do Sul).



Contracapa: Gravura sem título, de Eunice F. Veloza (aluna da Fundação das Artes de São Caetano do Sul).

RAÍZES

Ano V - Número 10 - Publicação semestral -
Distribuição Gratuita

Publicação da Assessoria de Comunicação
Social da Prefeitura de São Caetano do Sul -
Janeiro de 1994

Rua Eduardo Prado, 201 - CEP 09581-200 -
São Caetano do Sul (SP) - Telefones- (011)-
441-1000, ramais 246,248 e 249; (011) 743-
4618 (fax); telex - 114-4938

Editor/jornalista responsável
ALEKSANDAR JOVANOVIĆ
(MTb 13.165 - Sjpesp 7.290)

Secretário de Redação
PAULO HERAS
(MTb 15.191)

Conselho Editorial
Ademir Médici, Antonio de Andrade,
Aleksandar Jovanovic, Claudinei Rufini,
Henry Veronesi, Oscar Garbelotto, Silvio
José Buso, Sônia Maria Franco Xavier,
Valdenzio Petrolli

Publicação editada com apoio da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

Fotos

Reproduções de Yoji Agata, José Honório de
Castro e Gilson Cirino dos Santos

A revista *Raízes* está aberta à colaboração
de pesquisadores da História do ABC
paulista. A seleção do material é de responsabilidade
do Conselho Editorial. Originais
encaminhados à Redação não são devolvidos,
com exceção de fotografias. Opiniões emitidas
nos artigos são de exclusiva responsabilidade
de seus autores e não refletem, necessariamente,
a opinião da revista.

Computação Gráfica:
Plano Piloto - (716-0833)

Impressão
Grande ABC Artes Gráficas S/A
(712-5155)

ÍNDICE

- 4** *Martins na Inglaterra, pensando em São Caetano*
Ademir MÉDICI
- 6** *O Banco Real do Progresso e o capitalismo circunstancial*
Antonio de ANDRADE
- 7** *Banco Real: o que ficou na memória*
Verino FERRARI
- 9** *Movimento fundado por Baden Powell conta com três grupos em São Caetano*
Paulo HERAS
- 12** *Vicentinos atuam há 160 anos no combate à miséria e fome*
Geny VOLTARELLI e José VOLTARELLI
- 14** *O Paulistinha nascia no ABC. E voava pelo mundo*
José Roberto GIANELLO
- 17** *Carminé Guerriero - a vida de um prisioneiro de guerra*
Jocimara SPERATE
- 19** *Português especializou-se para vir trabalhar em São Caetano*
(A história de Diogo A.D. da Silva)
- 21** *História*
A saga vêneta
Arnaldo TREBILCOCK
- 36** *A centenária festa do padroeiro da cidade: São Caetano*
Oscar GARBELOTTO
- 41** *Medicina caseira nas primeiras décadas da fundação de São Caetano*
Henry VERONESI
- 44** *Educação*
IMES comemora 25 anos. Autorização para transformar-se em universidade
- 49** *Fundação das Artes, 25 anos de atividades*
- 53** *Instituto Mauá de Tecnologia: 29 anos de presença constante*
Marli BARBOSA
- 57** *O cotidiano escolar em São Caetano*
Eliane MIMESSI
- 59** *Livros*
Migração e Urbanização
- 60** *Eventos*
Exposição comemora 45 anos de autonomia
- 61** *Quadrinhistas e cartunistas do ABC*
- 62** *Exposição mostra trajetória de imigrantes italianos, de Vittorio Veneto a São Caetano*
- 63** *Memória Fotográfica*



As muitas histórias que São Caetano pode contar

Nossa cidade tem muitas histórias para contar: histórias de trabalho, de pobreza, de dificuldades, de sucesso, de gente que abandonou a própria terra em busca de novas oportunidades (tanto em outros continentes quanto dentro do próprio Brasil). São histórias, por vezes, tristes e, outras vezes, curiosas, ou seja, diversificadas e complexas como a própria vida e a natureza humana. São histórias que começam a ser registradas e deixadas para o futuro através das páginas da revista *Raízes*, cujo intuito é o de preservar a memória de São Caetano e, na medida do possível ou do necessário, das áreas circunvizinhas que, num passado não muito distante, constituía um único e grande núcleo em vias de urbanização e industrialização bastante progressiva.

Nossa cidade tem muitas histórias para contar, como é o caso do trabalho dos Vicentinos, da Festa Italiana de Rua, iniciada pelos colonos vênets, da própria região italiana de onde chegaram os primeiros colonizadores, na segunda metade do século passado, de instituições do Município que cresceram e hoje projetam o nome de São Caetano além de suas fronteiras territoriais, de empreendimentos pioneiros, de gente que viveu experiências bastante originais e únicas e, ainda, de momentos raros registrados, tantas e tantas vezes, pela objetiva anônima de fotógrafos - amadores ou profissionais, não importa - que perpetuaram cenas da antiga São Caetano, indicando nos trajes, costumes, tipos de arquitetura, formas de urbanização já não mais empregadas, meios de transporte que a juventude atual sequer conheceu...São Caetano tem muitas histórias para contar; por isso mesmo, por mais que elas sejam contadas e por mais que elas sejam reproduzidas e/ou perpetuadas, sempre haverá mais e mais para ser descoberto, desvendado, buscado e pesquisado, tal a riqueza humana que se concentra nos quinze quilômetros quadrados da cidade.

Antonio José Dall'Anese

ANTONIO JOSÉ DALL'ANESE
Prefeito
São Caetano do Sul, janeiro de 1994

Martins na Inglaterra, pensando em São Caetano

Ademir MÉDICI (*)

O sociólogo José de Souza Martins, coordenador temático dos dois primeiros Congressos de História do ABC, foi convidado a ocupar a cátedra Simão Bolívar, da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, que é uma espécie de pequeno Prêmio Nobel para intelectuais latino-americanos. Voltada exatamente à América Latina, essa cátedra é ocupada por intelectuais das mais diferentes áreas, desde romancistas até sociólogos e há mais de 10 anos nenhum brasileiro é indicado. Até hoje, do Brasil, somente foram convidados para a Simão Bolívar os intelectuais Antonio Callado, Celso Furtado e Fernando Henrique Cardoso. A cátedra é ocupada uma vez por ano por um único acadêmico. José de Souza Martins, do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo e com inúmeros trabalhos publicados, inclusive sobre a História do Grande ABC, viajou em setembro último e retornará da Inglaterra em fins de julho próximo, provavelmente para coordenar o III Congresso de História do ABC, em São Caetano. Nesse período, ministrará um curso na Universidade de Cambridge, escreverá um livro e fará palestras a convite de universidades inglesas e de outros pontos da Europa.

Entre os planos de Martins está o de consultar o arquivo da São Paulo Railways, companhia inglesa ainda existente, e que implantou a estrada de ferro Santos-a-Jundiá, em meados do século passado, por ela administrada até a década de 40.

Há muitos anos a Universidade de Cambridge, fundada no século XIII e uma das mais antigas e importantes do mundo, mantém a Cátedra Simão Bolívar, ligada à cúpula da instituição. Cabe ao intelectual escolhido estabelecer, livremente, seu plano de trabalho. A escolha do intelectual é feita por um sistema de indicação interno da universidade. São examinadas propostas, consultados acadêmicos importantes em universidades de diferentes lugares do mundo para ver se há, ou não, apoio às indicações. Finalmente, o comitê reúne-se e faz a escolha.

O nome de Martins foi indicado por duas universidades americanas, a de Nova Iorque e a da Flórida, onde ele foi professor-visitante em 1981. Mas é possível que tenha havido outras indicações. No Brasil, Martins teve o seu nome referendado pelo sociólogo Fernando Henrique Cardoso.

Além das indicações, o nome de Martins foi escolhido pelo conjunto de sua obra. Martins defende uma linha teórica anti-evolucionista, baseada no pressuposto de que o capitalismo não é uma etapa superável facilmente, mas que se renova às custas da restauração de relações arcaicas. Tal teo-

Acervo: SDHL / São Bernardo



Martins, em São Bernardo (10 de julho de 1992)

ria vai contra todas as interpretações que dominaram a América Latina nos anos 60 e 70.

Martins levantou essa hipótese em livros como *O cativo da terra* (1ª edição: 1979; 4ª edição, Hucitec, 1990) e num trabalho apresentado no México e discutido pessoalmente com acadêmicos, sociólogos e cientistas políticos autores das teses relativas às chamadas superações dos modos de produção. De qualquer forma, José de Souza Martins não tinha - antes de viajar - detalhes de como se processou sua escolha para a cátedra Simão Bolívar. Recebeu a informação, por telefone. Soube, apenas, que a reunião que escolheu seu nome foi presidida pelo ex-presidente Rafael Caldera, da Venezuela.

Livros da Itália

José de Souza Martins é bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (1964), onde fez o mestrado (1966) e o doutorado (1970) em Sociologia. Em novembro de 1992, prestou concurso de livre-docência na USP. Escreveu 14 livros e quatro antologias, além de contribuir em 21 obras coletivas e ter feito três publicações avulsas. De sua obra, dois livros foram lançados na Itália: *Non C'è terra da coltivare quest'estate* (tradução de Piera Feloj Galli, Vecchio Faggio Editore, Chieti, 1988), em português Não há terra para plantar neste verão (em segunda edição pela Vozes); e *L'Infanzia*

Negata (tradução do *O massacre dos inocentes*, Hucitec, 1991). No lançamento desses dois livros na Itália, Martins participou de verdadeiras festas. Quase todas as livrarias mais sérias, segundo ele, possuem pequenos auditórios para tais lançamentos, e o autor percorre praticamente toda a Itália, falando nas grandes cidades para a apresentação do livro. O lançamento de *L'Infanzia Negata*, em Perruchia, chegou a ser transmitido pela televisão e havia no auditório do antigo palácio mais de 400 pessoas. Esse livro trata das crianças do Brasil e defende a tese de que a infância está sendo suprimida no País.

III Congresso

José de Souza Martins já tem idéias para o III Congresso de História do ABC, previsto para o segundo semestre deste ano, quando estará sendo lembrado o 70º aniversário da Revolução de 1924. São Caetano foi ponto importante na frente de batalha. A cidade sediou um comando legalista e o Cine Central, agora em processo de movimento popular pela sua restauração, foi hospital de campanha. Além disso, houve muita repressão contra os operários locais, que foram enquadrados na Lei Marcial. Martins, então, acredita que é preciso pensar como tema geral do congresso alguma coisa que se relacione com o trabalho e a revolução ou o trabalho na guerra civil.

Outro tema deverá girar em torno da figura do maestro Gioacchin Capocchi, fundador da primeira banda de música de São Caetano e autor de várias missas e peças para corporações musicais. Martins procurou partituras das composições de Capocchi nos arquivos dos padres carlistas, na Itália e no Brasil. Nada encontrou. Agora, uma neta do maestro, após ver referência ao nome do avô no livro *Subúrbio* (Hucitec, Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992), entrou em contato com a Prefeitura, oferecendo documentos inéditos da obra de Capocchi, inclusive partituras. Martins acredita que será possível, então, apresentar uma das missas do maestro na paróquia Matriz do Bairro Fundação, em São Caetano, o que não foi possível nos congressos anteriores.

Gipem

Para Martins, o movimento de memória no Grande ABC tem garantido sua vitalidade justamente por ser um movimento. Isto contribui para o papel do Gipem, um grupo independente de pesquisadores da memória local. De qualquer forma, Martins entende que será necessário, mais

para a frente, pensar no fortalecimento da pesquisa acadêmica sobre a região. Hoje o que garante o movimento de memória é o pessoal não acadêmico. José de Souza Martins critica o fato de haver escolas superiores na região que não estão dando de si o que poderiam dar no campo da construção da memória. Não só entre o corpo docente como discente: "Acho que valeria a pena motivar professores e alunos das faculdades locais a se interessarem pelos temas históricos da região, pelo tema da memória".

O Gipem tem conversado com professores, diretores e delegacias de ensino da rede estadual sobre o assunto. A idéia é eleger 1993 o ano da memória na escola. Quem sabe a grande preparação para a própria realização do III Congresso de História do ABC, em 1994.

Uma sociologia ligada à micro-história

José de Souza Martins nasceu em São Caetano. Apesar de sua intensa vida acadêmica, nunca deixou de preocupar-se com o estudo da história de sua cidade e do Grande ABC. Diz que o tipo de Sociologia que faz é muito ligado à História e muito ligado à micro-sociologia e à micro-história. Acredita que um pouco da preservação da sua relação com a pesquisa histórica em São Caetano e ao Grande ABC tem a ver com isso. Ao retornar da Inglaterra, em 1994, pretende dar continuidade a seu projeto de mais dois livros sobre São Caetano, completando a trilogia que tem no centro o livro Subúrbio (Editora Hucitec: Prefeitura de São Caetano), lançado em 1992. O texto seguinte foi extraído de um discurso que Martins proferiu, em 17 de novembro último, no Bairro Fundação, ao lado da igreja antiga de São Caetano, por ocasião da inauguração da vitrine que guarda os achados arqueológicos ali desenvolvidos pela equipe da professora Margarida Davina Andreatta, do Museu Paulista. Nesse discurso, Martins descreveu o cenário da sede da antiga Fazenda dos Beneditinos em São Caetano, revelando detalhes que bem demonstram a sua preocupação com a história local.

Os escravos de São Bento

"Aqui, nesta praça, existiu um dos raros jardins perfumados de que se tem notícia na história do Brasil. Havia um aqui e outro, em São Bernardo. Aqui, o perfume era de cravos; em São Bernardo, de jasmíns. Era uma característica dos beneditinos preocupar-se com a harmonia de cores, de odores. Tudo estava ligado ao tipo de vida que eles levavam, à concepção de mundo e da vida que eles tinham.

Aqui ficava a capela primitiva de 1717 e, em volta da praça, ficavam as senzalas dos escravos de São Bento e a casa grande da antiga Fazenda de São Caetano. De fato, era uma casa muito grande. Nessa casa foi hospedado, em 1811, o bispo de São Paulo, dom Mateus de Abreu Pereira, num momento particularmente difícil das relações entre a Ordem de São Bento e a hierarquia da Igreja em São Paulo exatamente por causa da Fazenda de São Bernardo. A Cúria queria criar a Paróquia dentro da fazenda e a Ordem de São Bento reagiu a isso. O processo

judicial demorou anos para ser decidido e foi decidido pessoalmente por Dom João.

Essa área era cercada por uma espécie de muralha de taipa socada. Fora da área, existiu uma grande fábrica de cerâmica, distribuída em três pavilhões, dois deles dedicados à produção de telhas, tijolos, lajotas, e um dedicado à produção de louças. Essas construções foram feitas entre 1750 e 1754.

Os beneditinos instituíram aqui o que se poderia chamar de uma verdadeira fábrica. Isso era muito próprio da Ordem Beneditina, uma ordem industriosa. A importância dessa fábrica se revela no fato de que o governador da Capitania de São Paulo, Morgado de Mateus, que assumiu em 1765, enviou amostras de material da fábrica para o rei de Portugal, tentando sensibilizar para a possibilidade de desenvolvimento de indústrias desse tipo aqui na área. Não se tratava de olaria, como muitas vezes se diz. O material para a fabricação de louças aqui em São Caetano vinha do Rio de Janeiro. Há documentos de contabilidade da compra de chumbo para vidragem da louça, tinta para decoração, assim por diante.

Os beneditinos estabeleceram aqui um incrível sistema de navegação, aproveitando o fato de que o rio passa nas proximidades desta área, que, provavelmente, em tempos remotos, foi uma ilha aqui exatamente onde nós estamos. Esta área era toda inundada. Isso fica no meio do antigo pântano do Tijucuçu e aqui, exatamente, era o local em que existiu uma das chamadas ilhotas do pântano do Tijucuçu.

Os beneditinos instituíram um sistema de navegação que aproveitava o regime oscilatório das águas. A partir do século XVIII, há notícias frequentes de que a devastação das matas à beira do rio tinha diminuído o volume das águas e dificultava a navegação. Os beneditinos, então, instituíram o sistema, que no período das cheias, utilizava-se de canoas grandes que desciam carregadas de material cerâmico até o Porto Geral, que ficava ao pé de onde é hoje a Ladeira Porto Geral, em São Paulo, que era também conhecida como Porto Geral de São Bento. Ali existia um depósito grande onde os beneditinos depositavam os materiais levados daqui e depois revendiam ou redistribuíam. Ali também chegavam os produtos agrícolas descidos da antiga Fazenda de São Bernardo.

Esta Fazenda de São Caetano foi uma fazenda de pecuária. Aqui se criava o gado trazido da fazenda que os beneditinos tinham em Curitiba, no Paraná. Há também documentos da passagem de gado que vinha para cá. Todo o trabalho era feito por escravos, e havia alguns trabalhos feitos por homens livres.

Foi aqui que os beneditinos instituíram o que se poderia, forçando um pouco, chamar da primeira escola industrial da região do ABC. No século XVIII, eles contrataram um mestre oleiro para ensinar a arte da cerâmica aos jovens escravos da Fazenda de São Caetano. Havia trabalhadores assalariados. Havia o que se chamava na época de colonos, uma figura jurídica que não existe mais com aquele sentido e a quem geralmente se davam as ilhotas do rio Tamandateí para que cultivassem mandiocas. A lavoura era feita nas ilhotas e nos pastos criava-se gado. O pântano foi drenado entre

1750 e 1780, aproximadamente. Aqui mesmo, perto de onde nós estávamos, existe o remanescente de um canal aberto pelos beneditinos e que é aquele canal de esgoto que atravessa o terreno da Eletropaulo na rua Alagoas. Aquilo é um remanescente dos canais que os beneditinos abriram aqui neste terreno para drená-lo e evitar uma série de problemas, acidentes com o gado, etc.

A água deste dreno, deste canal, era trazida até esta praça para irrigar o jardim. Antes disso, ela passava por dentro da horta dos beneditinos. Uma horta que abasteceu a cidade de São Paulo por um bom tempo. Assim como a olaria abasteceu São Paulo com materiais de construção. O Palácio do Governo foi construído ou provavelmente reformado com material aqui da fábrica de São Caetano no século XVIII e vários conventos e igrejas, incluindo a própria igreja de São Bento, em São Paulo, foram feitos com materiais levados aqui de São Caetano.

Na praça irrigada havia uma fonte com carranca que é muito característica da arquitetura do século XVIII. Quem vai a Minas Gerais ainda vê esse tipo de fonte em funcionamento. E havia no centro da praça um relógio de sol para regular o horário dos escravos da fazenda. Todos os componentes do que se poderia chamar uma visão artística do mundo industrial moderno. Uma combinação curiosa de passado e futuro. A igreja que foi construída nesse local, da qual se descobre um trecho (com as obras de escavação arqueológica), foi reconstruída completamente no século XVIII. Pela descrição deixada pelo abade de São Bento, era belíssima, estilo barroco, muito bonita, toda decorada, pintada. Trouxeram imagens de longe. Uma dessas imagens existiu no frontispício da antiga capela de São Caetano e existiu nesta igreja até 1927, aproximadamente. Depois disso desapareceu, como tanta coisa da nossa história e da nossa memória.

A igreja de 1772 foi construída por mestres-artistas de São Paulo e ela contou na fase final com a participação de um grande arquiteto português, o brigadeiro José Custódio de Sá e Faria, que foi um dos construtores do Palácio das Necessidades, em Lisboa, o palácio real. Foi ele quem fez o projeto para o catafalco das pompas fúnebres do rei dom João V e os projetos das catedrais de Montevidéu e Buenos Aires. Ele morreu e está sepultado em Buenos Aires. Ficou aqui em São Caetano durante o primeiro semestre de 1773, exatamente trabalhando nesta igreja.

Esta igreja nova foi feita pelos imigrantes italianos que fundaram o Núcleo Colonial de São Caetano em 1877. Uma igreja ligada intimamente ao coração dos sancaetanenses e à memória dos sancaetanenses. É uma pena que ela esteja tão maltratada, tão malcuidada e tenha sido inteiramente desfigurada por dentro. Há referências documentais ao sepultamento dos escravos no interior desta igreja. É da antiga igreja, só que o piso é basicamente o mesmo da antiga capela, apenas recoberto e tudo o mais".

(*) *Ademir Médici é jornalista e responde pela coluna Grande ABC Memória, do jornal Diário do Grande ABC. Tem vários livros publicados, um dos quais - Migração e Urbanização (Prefeitura de São Caetano/Editora Hucitec) - focaliza a formação dos bairros de São Caetano.*

O Banco Real do Progresso e o capitalismo circunstancial

Antonio de ANDRADE (*)

Acervo: Verino Ferrari



Agência do Banco Real do Progresso, na Vila Gerti, à rua Visconde de Inhaúma, 845, atual agência Bamerindus

Em seu notável livro, *Subúrbio*, o sociólogo José de Souza Martins propõe uma crítica aos modelos histórico-sociológicos que privilegiam o enfoque elitista dos acontecimentos locais, a partir da perspectiva do centro para a periferia. Dessa forma, segundo Martins, a história local - por exemplo a de São Caetano do Sul - é "uma história circunstancial (...) não é uma história de protagonistas, mas de coadjuvantes".(1).

Este referencial teórico aponta para a grande importância de dois depoimentos de Verino Segundo Ferrari, publicados em *Raízes* nº 9, e nesta edição. O primeiro trata da história do Instituto de Ensino Sagrada Família; o segundo, do Banco Real do Progresso. Em ambos, a presença de Verino Ferrari foi fundamental. Tais depoimentos apontam para um capítulo da história do Município muito pouco estudado, mas de

importância enorme para a compreensão do processo de desenvolvimento que atingiu não somente a região do ABC mas, em especial, a São Caetano

do Sul, no pós-guerra e alongando-se pelas décadas de 50 e 60.

Verino Ferrari é apenas um, entre dezenas de outros, nome fundamental para a compreensão desse incrível processo de desenvolvimento capaz de permitir a instalação de dois bancos locais - o Banco de São Caetano e o Real do Progresso - em plena década de 50, logo depois da autonomia municipal. Mais ainda: em curto período, o banco dirigido por Verino Ferrari apresentava-se instalado em prédio próprio em todos os municípios do ABC e, inclusive, na cidade de São Paulo.

Inevitável expansão do crescimento econômico da cidade de São Paulo, que passava a ocupar os espaços adjacentes à capital: a afirmação é típica dos autores clássicos, comprometidos com a visão sectária-centro-periferia. A argumentação

Acervo: Verino Ferrari



Diretoria do Banco Real do Progresso: da esquerda para a direita, Kamal Yasbeck, Verino Ferrari, Luiz Andréia Braido, Manuel Gomes Santana, Walter Braido, Paulo Mauro, José Luiz Fláquer Neto, Raimundo Maffei, Leonello Vaccari, Augusto Marino Dell'Antonia, Silvério Manilli, Dario Leandrini, José Vitor Labate Tomás Pirozzi Neto

Banco Real: o que restou na memória

Verino FERRARI (*)

Eu tinha um escritório que fazia serviços contábeis e fiscais e, dessa forma, atendia a comerciantes, industriais e particulares que necessitavam dos meus serviços. Um certo dia, compareceu ao meu escritório um dos donos da Casa Bancária de São Caetano (antecessora do Banco de São Caetano do Sul, depois Bamerindus) e solicitou-me a preparação de uns papéis para dar visto em um balanço comercial. Esse trabalho foi feito na capital, pois São Caetano ainda não era comarca. Os proprietários da Casa Bancária de São Caetano pertenciam à elite comercial e industrial de São Caetano. Entre os nomes de que me lembro estavam os senhores Nelson Marchesan, Salvador Campanella e Jacob João Lorenzini. Um certo dia, fui convidado por Tomaz Perozzi Neto para participar da Sociedade Empresarial Bancária, pois havia a pretensão de fundar, em São Caetano, um banco, e fariam parte, além dele, José Luiz Flaquer Neto e Antonio Benedetti Sobrinho.

Após alguns dias, tive conhecimento que estava sendo formada a futura diretoria do banco, que viria a ser a seguinte: José Luiz Flaquer Neto (presidente), Tomás Perozzi Neto (diretor-superintendente), e Verino Ferrari (diretor-secretário). Fiquei surpreso com essa indicação, pois jamais passou pela minha cabeça ser secretário do futuro banco. José Luiz Flaquer Neto estava em contato permanente com o advogado José de Affonseca, para obter da Superintendência da Moeda e do Crédito (Sumoc) a carta-patente do futuro banco, cujo nome seria Banco Real do Progresso Sociedade Anônima, assim decidido em uma reunião noturna dos futuros acionistas. Tudo isso aconteceu no final de 1954 e, feita a transferência da carta-patente para São Caetano do Sul, foi comprado um imóvel à Rua Rio Grande do Sul, 39, onde seria a sede do banco. Nessa ocasião, o banco contava com os seguintes acionistas: José Luiz Flaquer Neto, Thomas Pirozzi Neto, Verino Segundo Ferrari, Hermógenes Walter Braido, Luiz Andréa Braido, Manuel Gomes Santana, Paulo Mauro, Raimundo Maffei,

Lionello Vacari, Marino Dall'Antonia, Silvério Manilli, José Lobatti, Kamal Yasbeck e Dario Leandrini.

Em junho de 1955, recebemos a autorização para a abertura do banco, e aproveitamos a data do aniversário da cidade (28 de julho) para a inauguração, com muita festa e bastante alegria, pois a cidade passava a ter um novo banco que trazia benefícios para toda a população, que crescia junto com a cidade. Em seguida, abrimos uma agência em São Paulo, localizada à Rua 3 de Dezembro e, posteriormente, compramos um prédio à rua Álvares Penteado, 240. Depois, abrimos uma agência em Santo André, à Rua Senador Flaquer, 115 (um prédio comprado da Imobiliária Bruno José Daniel), pois achávamos que Santo André precisava não só de uma filial, mas de duas, e assim inauguramos outra agência na Rua Oratório, 1760, em prédio construído especialmente para tal finalidade [que nós chamávamos de Agência do Parque (das Nações)]. O banco estava progredindo de modo maravilhoso; diretoria pôs à venda ações, cuja receptividade encontrava compradores em todas as cidades do Grande ABC, colaborando com o progresso do banco.

Assim, tínhamos em: São Caetano do Sul - 378 acionistas; em Santo André - 145 acionistas; em São Paulo - Capital - 195 acionistas; em Mauá - 57 acionistas; em Ribeirão Pires - 48 acionistas; em outras localidades - 115 acionistas, perfazendo um total de 938 acionistas.

Com esse sucesso, construímos um prédio de cinco andares na esquina das ruas Amazonas e João Pessoa, onde seria a nossa matriz. E, cada vez mais, a cidade acreditava em nosso trabalho. Terminada a construção da nossa matriz, começamos a receber pedidos para abrir uma agência no Bairro Fundação. Compramos um terreno, e construímos um prédio na Av. Francisco Matarazzo, 628, onde instalamos a Agência Fundação. Com isso, conseguimos uma boa clientela que pertencia à capital, pois a agência ficava situada a 100 me-

tros do Rio Tamanduateí, que divide São Caetano de São Paulo e, dessa forma, beneficiamos um grande número de empresas comerciais, industriais e também aos particulares.

Nos anos seguintes, o banco continuava com a abertura de novas agências: em Ribeirão Pires, compramos um terreno à Rua do Comércio, nº 12 - era a Agência Ribeirão Pires; em Mauá; construímos o prédio da Rua Justino Paixão, nº 2 - Agência Mauá; no atual Bairro Nova Gerti, à Av. Visconde de Inhaúma, 841. Apenas em São Bernardo o prédio da Rua Marechal Deodoro, 436, foi construído por nós, mas inaugurado pelo nosso sucessor, Banco Mercantil e Industrial - Bamerindus.

Uma das inovações que fizemos na época, foi o atendimento noturno. Terminado o expediente, às 18h00, entrava em funcionamento o segundo turno, que atendia o público até às 22h00. Na Matriz de São Caetano, o gerente noturno era Jorge Laranjeira, auxiliado por Ronaldo Perrela e Milton Buoizzi. Outra vantagem que o Banco Real do progresso oferecia a seus clientes, já em 1967, era o uso de computadores, através da Burroughs de São Paulo. Durante o dia, a conta-corrente era movimentada com depósitos ou saques e, no final do dia, eram preparadas fichas correspondentes à movimentação; durante à noite, em horário próprio, o banco enviava tais fichas para a Burroughs, para atualização das contas.

As dificuldades dos pequenos bancos, naquela época, eram com os clientes que necessitavam fazer cobranças em outras cidades ou estados. Os pequenos bancos sempre sofreram estas dificuldades, fato que atrasava o seu crescimento. Sempre foi assim: o pequeno sempre sofre e o grande fica por cima, dita as ordens. E o pequeno, se quiser viver, tem de obedecer, pois é nisso que identificamos, hoje, o crescimento dos grandes bancos; os pequenos continuam a marcar passo.

(*) Verino Segundo Ferrari é professor, contador, e administrador de empresas.



Inauguração da agência de Santo André, à rua Senador Flaquer, 113

explica parte, mas ignora o essencial. Uma forte e dinâmica burguesia local, fortemente identificada com os valores do Município, consolidava-se, criando condições estáveis para projetos ambiciosos e inovadores. O próprio depoimento de Verino Ferrari reforça esta tese. A lista de acionistas do Banco Real do Progresso demonstra que dois terços dos acionistas eram pequenos comerciantes, profissionais liberais e cidadãos moradores de São Caetano ou Santo André.

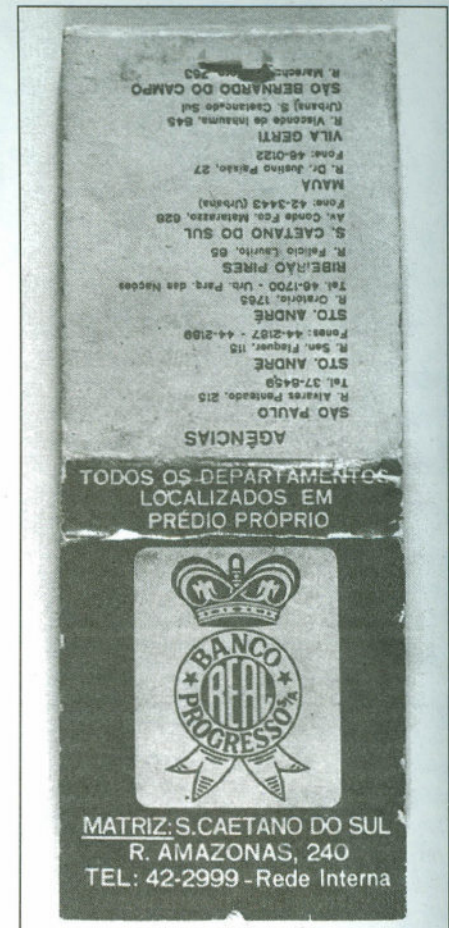
A pernicioso visão elitista da história local não se limitou, apenas, em apagar da memória o cotidiano sofrido do operário, do funcionário público e da dona-de-casa. Relegou ao ostracismo, igualmente, o pequeno empreendedor autóctone, quase sempre oriundo da imigração européia que aqui se fixou, não para reproduzir o quadro de miséria que com tanto sofrimento deixara na Europa. Vinha em busca de uma oportunidade, nada tinha a perder, sabia muito bem o porquê do exílio voluntário. O caso de Ferrari é exemplar. Neto de um colono, das primeiras levas de imigrantes - Giuseppe Ferrari - participou de todas as etapas do processo de transição agrícola-urbano, transitando entre o trabalho artesanal, na olaria do avô, participando em iniciativas marcantes na vida da cidade: União Operária, Círculo Operário, Congregação Mariana, Hospital São Caetano, Hospital Beneficência Portuguesa, Guarda-Mirim, Primarcar Veículos, inúmeros cinemas construídos em todo o ABC e São Paulo, e o já citado Instituto de Ensino Sagrada Família, onde atuou por mais de 50 anos.

Um vínculo que chama a atenção, na maioria desses empreendedores pioneiros, é o que se dá com a Igreja católica - no caso de Verino, com os padres estigmatinos Alexandre Grigolli, Arthur e Ezio Gislimberti. A presença da Igreja católica tem sido pouco analisada, merecendo uma maior atenção dos pesquisadores: Quase sempre, o enfoque limita-se ao aspecto do ensino religioso e

da catequização. Inúmeros depoimentos e exemplos concretos apontam para outras direções, ainda não devidamente estudadas. Foi o alemão Max Weber (1864-1920), reconhecidamente um dos maiores nomes da Sociologia, aquele que mais cuidadosamente analisou as vinculações entre a religiosidade cristã e a origem, implantação e consolidação daquilo que denominou de espírito do capitalismo. Para Weber, não seria possível a existência de um sistema econômico tão desagregador e desigual, se não houvesse uma ética religiosa que embasasse este modo de pensar e agir. A ênfase de Weber dirigiu-se ao protestantismo, mas em momento algum excluiu o comportamento católico.

O pensador alemão identificava no ascetismo cristão (2) o modo de vida capaz de contrabalançar a natureza intrinsecamente perversa do lucro, encarando-o não como pecado ou vício, mas sim como uma virtude. Assim, o modo de agir capitalista, na visão cristã, somente seria condenável "na medida em que construir uma tentação para a vadiagem e para o aproveitamento pecaminoso da vida". (3). Desta maneira o trabalho construiu, acima de tudo, a própria finalidade da vida e a perda de tempo o mais condenável dos pecados.

Quem conhece de perto Verino Ferrari sabe muito bem de sua rigidez na defesa dos valores éticos e morais e a não complacência com procedimentos desonestos e imorais, que se tornaram corriqueiros em nossa sociedade. Talvez nesta postura ética irremovível resida a explicação para o desaparecimento do Banco Real do Progresso e de tantas outras iniciativas de inúmeras personagens da história local. Eram pessoas profundamente envolvidas com os interesses da comunidade. Cresciam e enriqueciam em conjunto com a cidade e seus habitantes. Mais do que a busca do lucro, desenvolviam a busca de uma vocação, aquela que Weber foi localizar numa expressão paulina: "tra-



Símbolo do Banco Real do Progresso e os endereços de suas agências, estampados em caixas de fósforos, distribuídas aos clientes como brindes

balha energicamente em tua Vocação". Essa ética esse modo de agir, multiplicado aos milhares, constituiu a riqueza e pujança dos países que constituem hoje o denominado Primeiro Mundo, o mundo dos ricos. Entre nós, o processo ocorreu ao contrário. Sofucados pelo grande capital, aéreo, especulativo e concentrador, a iniciativa local foi substituída pelo interesse estritamente voltado para o lucro, distante da cidade e de seu morador. A consolidação das grandes corporações marca o fim destas iniciativas pessoais e fundamentais na sobrevivência da sociedade como uma grande família, uma autêntica comunidade. É por esse caminho que se pode entender a razão de nosso fracasso em estabelecer um país viável: faltaram Verinos aptos a constituir um país sério e autônomo.

(*) Antonio de Andrade é sociólogo, membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória e do Conselho Editorial da Revista Raízes.

Notas

(1) MARTINS, José de Souza - Subúrbio - São Paulo: Editora Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano, 1992, p.13;

(2) Ascetismo: um estilo de vida fundamentado na virtude e na moral;

(3) WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, São Paulo, Abril Cultural, 1974, p.216;

Movimento fundado por Baden Powell conta com três grupos em São Caetano

Paulo HERAS (*)

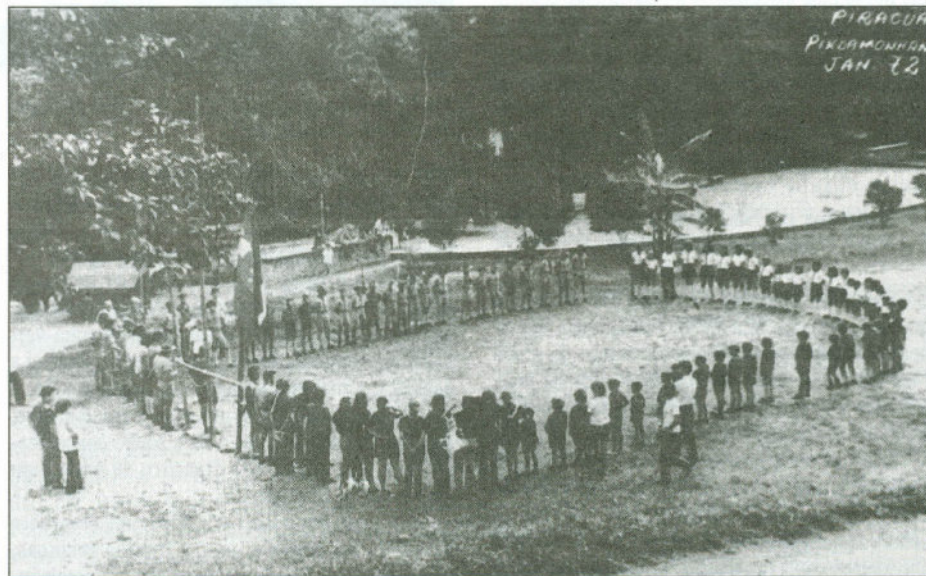
O movimento escoteiro foi fundado, na Inglaterra, por Lord Baden Powell, e existe no Brasil desde julho de 1928, sob a denominação de União dos Escoteiros do Brasil, com sede no Distrito Federal. Administrativamente, o movimento ramifica-se em regiões, distritos e grupos de escoteiros. São Caetano do Sul comporta um distrito escoteiro, que coordena três grupos: Grupo Escoteiro São Francisco de Assis, Grupo Escoteiro São Caetano do Sul e Grupo Escoteiro João Ramalho. Os três grupos somam a participação de, aproximadamente, 350 crianças, jovens e adultos. Os escoteiros atuam no Município há mais de 40 anos.

São Caetano do Sul conta, hoje, com três grupos de escoteiros, que reúnem, aproximadamente, 350 crianças, jovens e adultos. Mas, há muitos anos, a cidade contou com número muito maior de escoteiros. "Para uma cidade como São Caetano, com a população que tem, deveríamos ter um número bem maior de escoteiros", afirma o comissário do 44º Distrito, que coordena as atividades dos três grupos, Toshio Kawakami, militante no movimento há sete anos. E a busca do aumento desse número tem sido uma das metas do Distrito, inclusive com a criação de novos grupos. Há, porém, muitas dificuldades a serem superadas e uma série de cuidados extremos a seguir.

Todavia, não é apenas em São Caetano do Sul que se verifica o número reduzido de escoteiros. O fato ocorre também em muitas outras cidades, tanto é que a direção nacional planejou ações visando o aumento do contingente. "O que se observa é que o crescimento do número de escoteiros não acompanha o crescimento vegetativo da população", destaca o comissário distrital.

Segundo Kawakami, o movimento escoteiro tem enfrentado dois fortes concorrentes, que talvez justifiquem o número pequeno de adeptos: o desenvolvimento urbano da cidade e os jogos eletrônicos. "Mas nós não devemos lutar contra isso. Devemos adaptar-nos e associarmos a essa realidade", acentua o comissário.

Uma das tentativas para expansão do número de escoteiros na cidade é a reativação do Campo-escola, que funciona no Estádio Distrital Carlos Joel Nelli. A partir daí, dentre outras atividades, o comando dos escoteiros vai procurar a formação de adultos para atuar no movimento escoteiro e na orientação de eventuais novos grupos que venham a ser criados. "É um trabalho de muita responsabilidade, pois estamos falando de adultos que vão orientar nossas crianças, ajudar na formação de



Acervo: Grupo Escoteiro São Francisco de Assis

Acampamento de férias em Pindamonhangaba, um dos centenas de acampamentos do Grupo

caráter, etc. Então precisamos contar com adultos muito bem preparados para isso, caso contrário, podemos colocar tudo a perder".

A formação desses adultos dentro dos próprios quadros do escotismo seria o ideal. Porém, ao atingir a idade adulta, o escoteiro tem que enfrentar uma realidade mais madura, ou seja, sair para o mercado de trabalho, para frequentar curso superior, casamento, etc. "Aí ocorre um afastamento natural, e o escotismo não se indispõe com isso; ao contrário, nós orientamos que a vida particular está sempre em primeiro lugar e que as atividades escoteiras não devem prejudicá-la".

Escotismo: um método agradável de educação

O escotismo, conforme definem seus seguidores, é um método de educação apresentado ao rapaz ou moça de maneira agradável, como se fosse um grande jogo, que visa complementar a função do lar, da igreja e da escola. O objetivo do movimento pode ser sintetizado na promessa que rapazes e moças fazem ao integrar suas fileiras: "Prometo pela minha honra fazer o melhor possível para cumprir meu dever para com Deus e minha Pátria, ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião e obedecer a Lei do Escoteiro".

Em relação aos deveres para com Deus, o

escotismo reconhece a necessidade de desenvolver na juventude, os princípios religiosos. Porém, não recomenda uma religião específica e aceita e auxilia qualquer religião. O escotismo entende que os jovens devem ter uma crença religiosa, mas deixa aos pais e às instituições com as quais o escoteiro esteja ligado, o dever de desenvolver nele estes princípios.

Os deveres para com a Pátria dizem respeito aos tempos de guerra, como aos tempos de paz. Asseguram os adeptos do escotismo que, na guerra, a Pátria encontrará os escoteiros dispostos a prestar-lhes serviços verdadeiramente úteis em consequência de adiestramento disciplinado e ao ar livre. Na paz, poderão oferecer uma mente instruída com capacidade de direção para desempenhar trabalhos e funções de responsabilidade para a comunidade e para o governo.

A partir do cumprimento dos deveres para com a Pátria, o escotismo depreende que o homem ou mulher estará prestando importantes serviços a seus semelhantes e à comunidade, para o que mantém-no fisicamente forte, moralmente reto e mentalmente disposto.

Organização do movimento

Fundada na Inglaterra, por Lord Baden Powell, a Organização Mundial dos Escoteiros é

uma entidade jurídica internacional, de caráter puramente civil. Atualmente, a sede da organização é em Genebra (Suíça), onde estão representados os países que praticam o escotismo, através de um Comitê Internacional.

No Brasil, a organização, orientação e fiscalização do movimento escoteiro está afeto à União dos Escoteiros do Brasil, com sede no Distrito Federal, conforme lei nº 9.497, de 23 de julho de 1928 e decreto-lei nº 8.828, de 24 de janeiro de 1948, do governo federal. A União dos Escoteiros não está subordinada a nenhum departamento governamental, quer federal, estadual ou municipal. A instituição é reconhecida como de utilidade pública no âmbito federal.

Administrativamente, a União dos Escoteiros está distribuída em Regiões e Distritos Escoteiros, aos quais estão vinculados os Grupos Escoteiros. Em São Caetano do Sul, os grupos escoteiros, em número de três (Grupo Escoteiro São Francisco de Assis, Grupo Escoteiro João Ramalho e Grupo Escoteiro São Caetano do Sul), estão vinculados ao 44º Distrito Escoteiro.

Fundador do São Francisco conta a história do Grupo

Fundador do Grupo Escoteiro São Francisco de Assis, Antonio Martinelli, conta, neste depoimento, os fatos que originaram a criação do grupo e faz um breve relato de suas atividades até hoje. Antonio Martinelli também chefiou o São Francisco de Assis por mais de 25 anos.

“Aos 14 anos incompletos, eu trabalhava na Reprensagem de Algodão Fidelidade. Ao voltar do serviço, normalmente me encontrava com um vizinho que era escoteiro do Grupo Iguçu, do qual convidou-me para fazer parte. O convite interessou-me, pois quando pequeno, ainda residindo no Interior, minha mãe procurava explicar-me o que era o Escotismo. Na ocasião, eles usavam uniformes cáqui que também servia de uniforme escolar.

Mas como ia dizendo, o convite interessou-me e ingressei naquele Grupo, cuja sede era na rua Amazonas. O meu primeiro acampamento foi na cidade de Barueri. Tomamos o trem da Sorocabana, na estação Júlio Prestes. No mesmo vagão, por coincidência, encontramos os integrantes do Grupo Escoteiro Paes Leme.

Nosso chefe se excedera um pouco na bebida alcoólica e o chefe do Paes Leme não se acanhou em telefonar para a Federação (naquele tempo era Federação Paulista de Escoteiros), que, imediatamente, fez-se presente na estação e proibiu nosso chefe de acampar. Conseqüentemente, teríamos que voltar, mas foi tanta a choradeira dos menores, tantas as promessas dos maiores, que o representante consentiu que eu chefiasse o primeiro acampamento. Continuamos para Barueri e o Paes Leme, para São Roque.

Fácil será imaginar o que foi esse acampamento. Todos menores, com muito pouco ou nenhuma experiência de Escotismo, levados ali apenas com o espírito escoteiro.

Nós brincamos e cantamos até às 3h00 da manhã. No dia seguinte, ao embarcarmos na estação Barueri, quando a porta automática do



Participação dos escoteiros, uma das primeiras vezes, no desfile em comemoração ao dia 7 de Setembro. Foto de 1972

trem se fechou, a metade havia embarcado e a outra metade ficou na plataforma e só chegou a São Caetano às 22h00, deixando os pais aflitos. Porém, fora o atraso, nada de irregular ocorreu.

O Grupo havia sido despejado da sede e eu resolvi alugar um porão na Rua Maria do Carmo, na Vila Alpina. Nossos acampamentos eram verdadeiras aventuras. Aproveitando o mais possível a natureza, afinal não tínhamos as barracas... Já, a essa altura, sonhava com um grande grupo e, hoje, que orgulho sinto ao ver o meu sonho concretizado, pois, para mim, o São Francisco de Assis é um grande Grupo Escoteiro.

Voltando um pouco, nós nos reuníamos todas as noites no porão e, como éramos crianças, brincávamos e cantávamos, promovíamos brincadeiras até que um dia, o proprietário pediu o porão. Àquela altura, já estava com a gente o chefe Adair da Silva, o chefe Lica.

Da Vila Alpina fomos para a Vila Bela, pois o pai do escoteiro Willians, muito entusiasmado, ofereceu o quintal da casa dele para que fizéssemos a sede. Conseguimos então um Grupo muito

bom e numeroso. Mas, quando os filhos desistiram, o pai solicitou o terreno de volta. Mais uma vez estávamos na rua.

Então dirigi-me ao Colégio de Freiras da Vila Alpina e, graças ao entusiasmo da irmã Dolores, foi nos cedido um quartinho nos fundos do Grupo Lituano. Nesse ano fizemos nossa primeira festa de Natal. Não foi a mais rica, nem a melhor organizada, mas ela foi a mais linda e honesta. A essa altura, como o campo lá nas vilas estava cada vez mais restrito, vim para São Caetano do Sul.

Fui até a Câmara de Vereadores, a primeira após a emancipação da cidade, e solicitei colaboração dos senhores edis, conquistando a simpatia de José Holanda e José Lopes Filho, que conseguiram uma sala na rua Amazonas, defronte ao Cine Primax, onde já se praticava o judô. Assim, um dia era judô, no outro Escotismo.

Nessa época, a Região procurava um menino, talvez perdido na Vila Bela ou Vila Alpina e, de lá e de cá, pesquisando, chegaram até mim e propuseram a regularização do São Francisco de Assis, com o que concordei. Lá na Região fui aten-



Posse da comissão Executiva Distrital, em 1975. Da Esquerda para a direita: Gentil Monte, Antonio Dall'Anese, (?), (?), (?), Sebastião Lauriano, (?)



Comemoração do 35º aniversário de fundação do Grupo São Francisco de Assis, na antiga sede, à Av. Góias, ao lado do Centro de Saúde. No centro, sem uniforme, Tia Lili (falecida), orientadora espiritual e relações públicas.

didado por um coronel reformado da Força Pública, cujo entusiasmo me contagiou. Ele cedeu o registro. Estava, oficialmente, fundado o Grupo de Escoteiros São Francisco de Assis, em 16 de maio de 1950.

Mas como eu ainda era menor de idade, a Região mandou um soldado para tomar conta do grupo. Mais enciumado do que outra coisa, não concordei e, perdoem-me, comecei uma campanha contra o praça, até conseguir com que se demitisse e, assim, assumi novamente a chefia.

Nesse ano, no dia 15 de novembro, participamos do desfile cívico e, modéstia à parte, conseguimos o maior destaque. Também quando da criação do Tiro de Guerra em São Caetano, os escoteiros do São Francisco formaram a guarda de honra da Bandeira Nacional. Daí por diante foi constante a participação em campanhas beneméritas.

Contudo, nossa sede era emprestada. Resolvemos então contruir a sede própria. O pai do escoteiro Manoel Garcia cedeu um terreno na rua São Paulo. Escrevi à General Motors e ela nos cedeu táboas. A Cerâmica São Caetano nos cedeu telhas e, uma coisa aqui, outra ali, começamos a construção. Os pais nos ajudavam, principalmente

aos sábados e domingos. Em menos de um mês, estávamos instalados na nova sede, por sinal muito boa.

Graças ao contato propiciado pela construção, conseguimos eleger a nossa primeira comissão executiva e que estava assim composta: Pascoal Barontini (presidente), Constantino Coelho (secretário) e Antonio Fernandes (tesoureiro).

Alguns anos se passaram, e o Viaduto dos Autonomistas já havia sido inaugurado, no governo anterior. Então, o prefeito Oswaldo Samuel Massei resolveu, em boa hora, ceder-nos os baixos daquele próprio municipal. A Cooperativa dos Funcionários também entrou na parada e acabou ficando com duas salas e nós, com uma.

O prefeito seguinte, Walter Braidó, após o fechamento da Cooperativa, deu-nos as duas salas que a ela pertenciam e o grupo ficou com as instalações.

O primeiro presidente do Grupo foi Pascoal Barontini, seguido de Emílio Ferrari, Raimundo da Cunha Leite e, por fim, Walter da Silva Pinto, que permanece até hoje no cargo.

Com a construção do novo terminal rodoviário de São Caetano, fomos para o outro lado do viaduto, onde funciona a marcenaria da Prefeitura.

Passaram-se quase dois anos e, finalmente, a Prefeitura devolveu a nossa sede, onde ainda estamos".

Da fusão do Itaipu e David nasce o Grupo São Caetano

O Grupo Escoteiro São Caetano do Sul foi criado em 18 de dezembro de 1982, quando ocorreu a fusão dos grupos Itaipu e de David, assumindo a chefia do Grupo o ex-chefe do Grupo Escoteiro de David, Antonio Leça Pauleiro. Atualmente, o Grupo reúne 80 jovens, entre lobinhos, escoteiros e escoteiras, sênior,

guias e pioneiros, e cerca de 20 adultos na parte técnica e administrativa. A presidência da Comissão Executiva do Grupo Escoteiro São Caetano do Sul está a cargo de Maria Helena Verrone e a direção técnica está sob a responsabilidade de Toshio Kawakami.

As origens do Grupo Escoteiro São Caetano do Sul datam de 19 de março de 1969, quando foi oficialmente fundado o Grupo Escoteiro Missão Católica Espanhola, por um grupo de missionários católicos espanhóis, com sede na rua Castro Alves, 780, no mesmo local onde funciona hoje o Lar Santa Maria. Geraldo Pereira Otero presidia o Grupo, que tinha na chefia Júlio Vicente Guardiola.

Em janeiro de 1979, o grupo mudou o nome para Grupo Escoteiro Itaipu, tendo na presidência Geraldo Pereira Otero; na vice-presidência, Fernando Sanches Gimenes, e como chefe do Grupo, Adilson de Maria.

O Grupo Escoteiro São Caetano do Sul obteve sede própria, em 2 de agosto de 1981, construída pela Prefeitura, em terreno situado na rua Casemiro de Abreu, esquina com a rua das Mangueiras. O Grupo ainda se chamava Itaipu.

João Ramalho atua em todos os ramos escoteiros

Fundado em 14 de março de 1952, por José Gonçalves de Oliveira, funcionário da General Motors, o Grupo Escoteiro João Ramalho desenvolve suas atividades na sede da Associação Desportiva Classista General Motors, que também patrocina o grupo. Segundo seus dirigentes, o João Ramalho é um grupo completo e pode ser considerado um dos maiores da Grande São Paulo, porque possui em atividade todos os ramos escoteiros.

O maior contingente do Grupo é de lobinhos, de 7 a 10 anos de idade, num total de 72 crianças, divididas em três alcateias mistas. A composição do grupo inclui, ainda: uma tropa escoteira masculina, com 32 garotos de 11 a 14 anos; uma tropa escoteira feminina, com 24 garotas de 11 a 14 anos; uma tropa sênior, com 14 rapazes de 15 a 17 anos; uma tropa-guia, com 9 garotas de 15 a 17 anos, e um clã pioneiro misto, com 10 jovens de 18 a 21 anos.

Quarenta pessoas (pais de escoteiros e colaboradores), distribuídas entre chefia técnica e comissão executiva, todas voluntárias, participam na organização e adestramento do Grupo João Ramalho.

O Grupo dispõe também de equipamentos que auxiliam suas atividades. Carinhosamente apelidado de Carolina, os escoteiros contam com um ônibus tipo micro e uma estação de rádio-amador, utilizada em competições do gênero. A estação de rádio também auxilia nas comunicações dos acampamentos e também se faz presente na prestação de serviços de utilidade pública para a comunidade.

(*) Paulo Heras é jornalista e hoje atua na Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura de São Caetano do Sul

Acervo: Grupo Escoteiro São Francisco de Assis



Comemoração do Dia dos Pais, na sede sob o viaduto. À direita, Walter Pinto, presidente atual do grupo, e Emília Pinto da Silva chefe do Grupo

Vicentinos atuam há 160 anos no combate à miséria e à fome

Prof^º Geny VOLTARELLI e José VOLTARELLI (*)

Acervo: Fundação Pró-Memória



Procissão dos Vicentinos de São Caetano, em frente à Matriz da Sagrada Família, na Praça Cardeal Arcoverde, conduzindo a imagem de São Vicente de Paulo, em 1957

A Sociedade São Vicente de Paulo foi fundada em Paris, em 23 de abril de 1833, por um jovem de 20 anos, Antonio Frederico Ozanam, com outros sete colegas. Aluno da Sorbonne e católico fervoroso, era constantemente assediado por colegas devido à sua fé. Certa ocasião, um deles perguntou-lhe o que a Igreja fazia em benefício do povo, e ele ficou preocupado. Conversando com um colega e amigo, na pensão em que ambos moravam, viram num canto da sala um feixe de lenha que haviam adquirido; ocorreu-lhes então, levá-lo para uma família pobre da vizinhança. Surgiu, nesse momento, a idéia de ajudar os pobres da cidade. Foi esse o primeiro ato de caridade, aquecer com aquela lenha um pobre, pois fazia muito frio em Paris. Outros colegas vieram reunir-se a eles, e fundaram, então, a Conferência da Caridade.

Numa reunião subsequente, o jovem Léon Le Prevost propôs que fosse escolhido São Vicente de Paulo para patrono, o que foi aceito pelos outros, pedindo Ozanam que todos pensassem na responsabilidade da escolha, pois São Vicente de Paulo é considerado o patrono da caridade. Mais tarde, graças ao aumento crescente de jovens que se alistavam nas suas fileiras, a Conferência passou a chamar-se Sociedade São Vicente de Paulo. Cada membro comprometia-se a visitar, semanalmente, uma família necessitada, levando-lhe, além do alimento material, o alimento espiritual, arrumando emprego para os adultos e escola para os menores, remédios para os doentes, etc.

É esse o trabalho que os membros aclamados da Sociedade São Vicente de Paulo, vêm fazendo há 160 anos em todo mundo. É um trabalho silencioso feito sem alarde ou propaganda como queria o fundador, Ozanam. Devido ao contínuo aumento de católicos que se uniam aos jovens de Paris, foi preciso desmembrar a Sociedade e dentro em pouco já eram mais de 300 trabalhando em favor dos menos favorecidos e hoje são mais de 100.000 famílias assistidas no Brasil. A Sociedade de São Vicente de Paulo tem suas regras que devem ser cumpridas por quem se alista nas suas fileiras.

Voltemos agora para a nossa cidade. A primeira Conferência foi fundada em dezembro de 1927, sob a proteção de São José, no Bairro Barcelona. Outras foram fundadas no decorrer dos anos. Em 1957, foi autorizada a participação das mulheres no seio da Sociedade e foi fundada a primeira Conferência Feminina, em 7 de setembro de 1957, sob os auspícios de Nossa Senhora Aparecida, na Paróquia Sagrada Família. Hoje, existem 11 conferências mistas e 9 femininas, espalhadas pelas Paróquias, com exceção dos bairros São José, Prosperidade e Fundação, mas os vicentinos atendem também aos necessitados dos bairros citados. Atualmente, a SSVP, em São Caetano, atende a 110 famílias, havendo mais de outras cidades vizinhas. A SSVP, em vários cantos do mundo, pode socorrer às famílias, graças aos corações generosos que sempre estão dispostos a ajudar pecuniariamente. Lamenta-se somente que, uma Sociedade fundada por jovens de 20 anos, hoje conte na sua maioria com pessoas idosas, felizes por minorar o sofrimento das classes menos favorecidas. Se mais membros houvesse, mais famílias seriam socorridas. A sede fica à Rua

Manoel Coelho, 924. Os vicentinos da Paróquia Sagrada Família reúnem-se nos seguintes dias e horários: terças-feiras, às 14h00 e 19h00; quintas-feiras, às 13h00 e 19h00. As famílias são atendidas todas as quintas-feiras, das 13h00 às 14h30 em nosso Dispensário, à rua acima citada. Nas demais paróquias, os vicentinos reúnem-se em dias e horários pré-fixados.

Freqüente a mídia, com muito alarde, a Campanha da Ação da Cidadania contra a miséria e pela vida. Vem motivando o governo, os empresários e a sociedade, com um forte tom de resposta e adesão. Já formaram mais de 1.000 comitês. Descobriram, hoje, a fome no Brasil. Há 120 anos nós, vicentinos, os humildes obreiros da caridade cristã, trabalhamos nas áreas carentes de todo o país, assistindo aos pobres, saciando a fome. Mais de 100.000 famílias atendidas periodicamente, através das nossas 17.000 conferências e nossos postos de trabalho. Levamos alimento, limpeza, agasalhos, calor humano e, sempre que possível, a palavra de Deus, a todos, qualquer que seja a raça, condição e credo.

Passaram-se muitos governos. Houve liberdade e arbítrio; projetos arrojados, quimeras demagógicas, planos deslumbrados; crises reais, e crises fabricadas. Houve suicídio, deposição, renúncia, golpe. Houve até impeachment. Fabricou-se de tudo que as Constituições possam sonhar. E de tudo isso, só restou um Brasil grande, ainda que potencialmente grande, e a fome. A fome no paraíso, nas sonhadas terras de Canaã. Isso, num país agricolamente exuberante, de fecundas águas e riquíssimo solo, onde em se plantando tudo dá. Num país assim, a fome é simplesmente o entulho corrupto de uma sucessão de governos levianos, incompetentes, comprometidos com os espúrios interesses de minorias. Governos sem ética, sem dignidade, sem patriotismo. A fome no Brasil, é um decreto, uma resolução provisória da corrupção governamental. Só que provisória há muitas décadas. Indiscutivelmente, o Estado fez a fome. Só ele pode erradicá-la.

E nós, o que podemos fazer? Como cidadãos, temos que nos mobilizar, organizar-nos, clamar e pressionar os poderes constituídos e a sociedade, para que a fome seja debelada em suas causas sócio-econômicas. A fome não se mata com frases feitas, entrevistas teatrais, bons ângulos fotográficos, com bottom de partidos no peito. A fome não tem marketing. Tem soluções, ou perversidades. E há correntes partidárias que têm a fome como bandeira eleitoral, como slogan de palanque, e cujos dirigentes encham, ostensivamente, a conta bancária, a pança e as bochechas peludas com a fome dos indigentes. Como cristãos, resta-nos rezar, suplicar muito a Deus pela ética de nossos governantes. E depois, trabalhar, somar-se, correr em socorro daqueles que já estão ingressando na miséria. Fazer a caridade. A caridade assídua, ininterrupta, disciplinada que nós, vicentinos, recebemos de Cristo e Ozanam. Há 160 anos, combatemos a fome no mundo. Caridade paleativa, insuficiente e, por mais santa que seja, apenas salva o faminto, mas não extingue a fome. Nem por isso podemos parar, deixar de atender o pobre, buscar sua promoção humana. Ajudar é preciso. Com amor, espírito cristão, generosidade, aguerrimento

e discernimento. E com asco dos corruptos e aproveitadores públicos. Em seu novo catecismo, no Brasil, a Igreja deve iniciar a pedagogia da honestidade, da ética, do verdadeiro amor e respeito à pátria, à evangelização da dignidade na cidadania. Cristo não rezou pelo mundo; chorou, patrioticamente, por sua Jerusalém. Neste sentido, a Igreja vem assumindo posições corajosas na luta contra a fome. E deve avançar sempre mais. As Campanhas de Fraternidade, criadas pela CNBB, são eloqüente testemunho. Há pouco, em Brasília, ao ver instalado o Conselho de Segurança Alimentar, Dom Hélder Câmara, o valente e sempre moço soldado do pobre, pronunciou, diante do presidente da República, estas belas palavras que podem sinalizar para uma profunda mudança: "Há muito tempo, um sentimento tem tomado conta do meu coração: estamos às vésperas do terceiro milênio do nascimento de Cristo e, apesar disso, amargamos a triste realidade de um contingente de pessoas com necessidades essenciais básicas. Não há uma maneira mais bela de celebrar a passagem para o terceiro milênio do que nos aproximarmos desse ideal de fraternidade; chegar ao ano 2000 sem que nenhuma criatura humana tenha de envergonhar-se de ver um semelhante, irmão ou irmã, vivendo em situação degradante, com fome, e na miséria. Temos que lhe oferecer o essencial para uma vida digna. Nunca a humanidade teve tantas possibilidades de eliminar a miséria da face da terra. No Brasil, porém, não podemos esperar pelo ano 2000. O momento, a hora da vez, é hoje. Começa a se levantar um clamor de mudanças na sociedade, de moralização de governos, de reordenamento da economia.

Há sinais concretos e há decisões tomadas que muito nos animam. Pedimos a Deus que não haja desencantos nem recuos, nem sejam dispersadas estas manifestações de vontade coletiva e esta consciência depurada nas decepções e sofrimentos. Pelo menos, desta vez, haja dignidade cívica em nosso Congresso Nacional. A pobreza sempre existirá: pobres, sempre estarei convosco. Nos países de primeiro mundo, até nos países da fantasia, há pobres. O que não pode haver é miséria, fome.

Miséria e fome, no Brasil, são malditos artefatos de uma classe política inescrupulosa que sempre se locupletou do cofre aberto ou arrombado do Tesouro Nacional. Cada milhão roubado do Estado, é um lar sem comida, uma criança que morre, um grito de desespero... E por que não, um ladrão na cadeia?"

(*) Geny Voltarelli e José Voltarelli são Confrades Vicentinos de São Caetano do Sul.

O Paulistinha nascia no ABC. E voava pelo mundo.

José Roberto GIANELLO (*)

Com cerca de 8.300 aviões e mais de 350 helicópteros, o Brasil tem hoje a segunda maior frota de aviões civis do Ocidente, superada apenas pela dos Estados Unidos da América. Mais de 38% dessa frota são aviões da marca Cessna, Piper e Beechcraft, com predominância da Cessna (2.200 unidades) se não considerarmos a fabricação dos Pipers no Brasil, pela Embraer, superior a 3.000 unidades. Fabricantes de jatos executivos como a Cessna e a Gates Learjet, tem no Brasil excelente mercado com mais de 100 unidades vendidas cada uma. À frota civil ainda podem ser somados os veículos puramente esportivos como os ultra-levés cuja frota de 2000 unidades já está entre as maiores do mundo. Entretanto, há 50 anos atrás, a história era outra.

Na década de 40, a situação da aviação civil brasileira era completamente diferente. Este artigo pretende contar um fragmento da história da indústria aeronáutica brasileira, sobretudo da CAP-Cia. Aeronáutica Paulista, dos lendários aviões do grupo Pignatari, e especialmente do seu mais célebre modelo: O CAP.4 Paulistinha, o fusca dos aviões monomotores, assim considerado, pela qualidade e longevidade nos céus do Brasil e do mundo.

Os Paulistinhas eram fabricados no bairro de Utinga, Santo André, junto à divisa do então distrito de São Caetano, às margens do Tamanduateí, pela Laminação Nacional de Metais (hoje grupo Eluma) que, na década de 40, formava um complexo industrial com mais de cinco mil funcionários e que, além dos aviões, fabricava armas, chapas galvanizadas e alumínio, contando ainda em sua área com refeitórios, ambulatórios, aeroporto próprio, quadras de esporte e treze times de futebol.

Francisco Pignatari, antes de organizar sua Companhia Aeronáutica Paulista e iniciar a fabricação seriada de aviões, ajudou na construção de alguns protótipos particulares. Dois desses aviões foram o Petróleo e o Café projetados na capital paulista por L. Bresciani e construídos em 1939. Após serem apresentados numa feira industrial em São Paulo e de realizar uma série de vôos de ensaio, ambos os aviões foram desmontados por ordem do próprios Pignatari. O Petróleo era pintado com de alumínio, e o Café de vermelho escuro.

A II Guerra Mundial veio encontrar o Brasil iniciando o processo de industrialização que se acentuaria mais tarde durante os anos de 1950 e 1960. E o Estado de São Paulo era o principal foco dessa explosão de fábricas. Datam deste período as primeiras linhas de automóveis e caminhões, as

Acervo: Fundação Pró-Memória de São Caetano

CAP-4 Paulistinha

o traço de união das Americas!

Verifique estas vantagens técnicas:

- ★ Freios hidráulicos
- ★ Bequilha comandável
- ★ Autonomia 4,05 horas
- ★ Velocidade 130 K. por hora
- ★ Côr à sua escolha
- ★ 16 litros de gasolina por hora
- ★ Preço: Cr\$ 60.000,00

UM PRODUTO DA
COMPANHIA AERONAUTICA PAULISTA
R. São Vito, 91 - 13º Andar - S. Paulo
Fabrica em Utinga (E. F. S. J.)

500 POSSUIDORES ATESTAM SUAS QUALIDADES DE CONFORTO SEGURANÇA ECONOMIA

Publicidade do Paulistinha, publicada na revista O Cruzeiro, de 17 de maio de 1947

primeiras indústrias de material elétrico e as primeiras fábricas de alimentos enlatados. Neste contexto é que se destacava o Grupo Pignatari, um complexo industrial, em Utinga, onde em 1941, funcionavam entre outras, a Companhia Brasileira de Zinco, as Indústrias Brasileiras de Máquinas, a fábrica Alumínio do Brasil e a Laminação Nacional de Metais.

E foi uma dessas empresas, a Laminação Nacional de Metais que iniciou a produção de planadores desde fins de 1940. Em 1941, foram ali produzidos 30 planadores Alcatraz, cópias brasileiras do famoso, Grunou Baby alemão. E, em 1942, foram feitos outros 20 planadores tipo Saracura cuja licença de produção fora comprada

pelo industrial Pignatari ao Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo. A boa aceitação desses planadores nos meios aeronáuticos brasileiros e a existência de um excelente mercado potencial, entusiasmaram o industrial Francisco Pignatari a investir diretamente na aviação. E, em agosto de 1942 surgiu a CAP-Companhia Aeronáutica Paulista, a mais bem sucedida fábrica brasileira de aviões da década de 40.

Herdeira de recursos e da experiência da Seção de Aviação da Laminação Nacional de Metais, a CAP começou a funcionar em condições extremamente favoráveis. O grupo Pignatari já produzia, naquela época, tubos, chapas, peças metálicas usinadas e instrumentos de diversos tipos. Possuía grande experiência industrial, recursos suficientes e pessoal habilitado e também, instalações bastante satisfatórias. Isso explica porque poucos meses depois da sua criação, a CAP já possuía 300 funcionários, cinco engenheiros, uma completa divisão técnica e linhas de montagem instaladas em 3.500 metros quadrados de área industrial coberta.

Os estatutos da nova empresa previam a construção de aviões e planadores, a execução de projetos, estudos, construções e reparações aeronáuticas em geral. E seu lema era Asas Brasileiras para o Brasil.

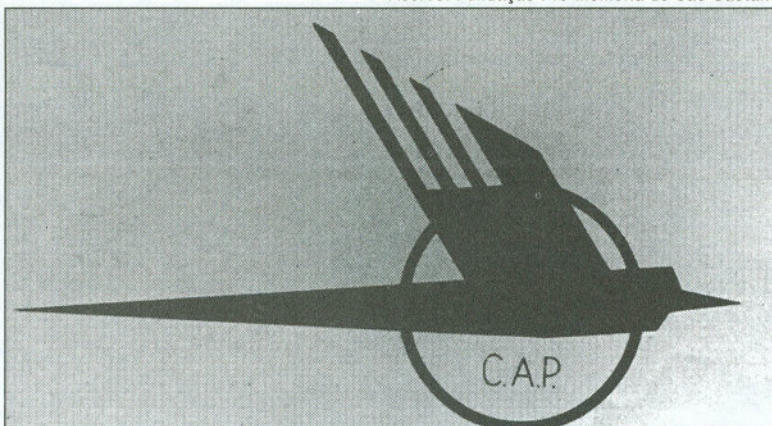
A primeira diretoria da CAP foi a seguinte: Hermenegildo Martini (Diretor Superintendente), Gilberto Rossetti (Diretor Tesoureiro), Jorge Rocha Fragoso (Diretor Industrial) e Clay Presgrave do Amaral (Diretor Gerente).

A lista dos principais acionistas, por sua vez, incluía os nomes de Francisco Junqueira Neto, Hermenegildo Martini, Renato Barbosa, Décio Tavares, Adamastor Ribeiro Carvalho, Jorge Rocha Fragoso e Clay Presgrave do Amaral.

O primeiro passo da nova empresa foi adquirir o protótipo e os direitos de fabricação do avião Eay-Ypiranga, pertencente a Empresa Aeronáutica Ypiranga.

A aeronave foi recalculada por uma equipe do IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas) composto pelos engenheiros Clay Presgrave do Amaral, Romeu Corsini e Adones Maitino. Todo o acervo da empresa foi transferido para Utinga, onde foram

Acervo: Fundação Pró-Memória de São Caetano



Símbolo da Companhia Aeronáutica Paulista, CAP

concluídos os quatro exemplares da pré-série do Ypiranga.

O Paulistinha: o fusca dos aviões monomotores.

No dia 2 de abril de 1943, apenas 80 dias após sua homologação, e 310 dias depois da compra de seus direitos, o EAY-201 começou a sair das linhas de montagem da Companhia Aeronáutica Paulista. Nessa época, entretanto ele já era um novo avião com características melhoradas e outro nome: chamava-se CAP-4 Paulistinha.

O êxito de Paulistinha foi possível graças a dois fatores: as inegáveis qualidades da aeronave e o suporte comercial da Campanha Nacional de Aviação, lançada no início de 1941 com a finalidade de reequipar os aeroclubes e as escolas brasileiras de pilotagem.

Acervo: Fundação Pró-Memória de São Caetano



Adriana Andreone, ex-funcionária da Laminação Nacional de Metais, ao lado do Paulistinha, no pátio da fábrica, em 1948

Não era segredo a deficiência brasileira em pilotos. Logo depois de assumir o cargo, o primeiro ministro da Aeronáutica, Salgado Filho, divulgava à imprensa, estatística com a verdadeira dimensão desse problema. Naquela época havia no Brasil apenas 189 aviões biplaces registrados dos quais cerca de 100 tinham condições de voar.

Com o apoio oficial do presidente Getúlio Vargas e o suporte publicitário da rede jornalística Diário Associados, de Assis Chateaubriand, foi então lançada a Campanha Nacional de Aviação, um movimento de âmbito nacional para levantar recursos para a compra de aviões de treinamento nos fabricantes nacionais e a distribuição desses aviões pelos aeroclubes brasileiros.

Muita coisa já foi escrita sobre essa campanha e é inegável que atrás dela abusos foram cometidos: desvios de verbas, chantagem econômica sobre comerciantes alemães e italianos

radicados no país e até mesmo suborno. Mas também não se pode negar que a Campanha Nacional de Aviação alcançou os fins básicos desejados garantindo um amplo mercado às fábricas brasileiras de aviões e espalhando aeronaves de treinamento por todo o país.

O verdadeiro autor intelectual da Campanha foi o luso-brasileiro Victorino Victorino de Oliveira, do Aeroclube do Brasil, com a divulgação do apelo Dêem Asas ao Brasil.

Mas sua execução efetiva dependeu da campanha movida pelos jornais, revistas, estações de rádio da rede dos Diários Associados. Em São Paulo, o interventor Ademar de Barros deu apoio oficial ao movimento e a Companhia Aeronáutica Paulista foi a sua principal beneficiária.

Nos anos de 1942, 1943 e 1944 eram comuns aparecer nos jornais e revistas brasileiras, listas de

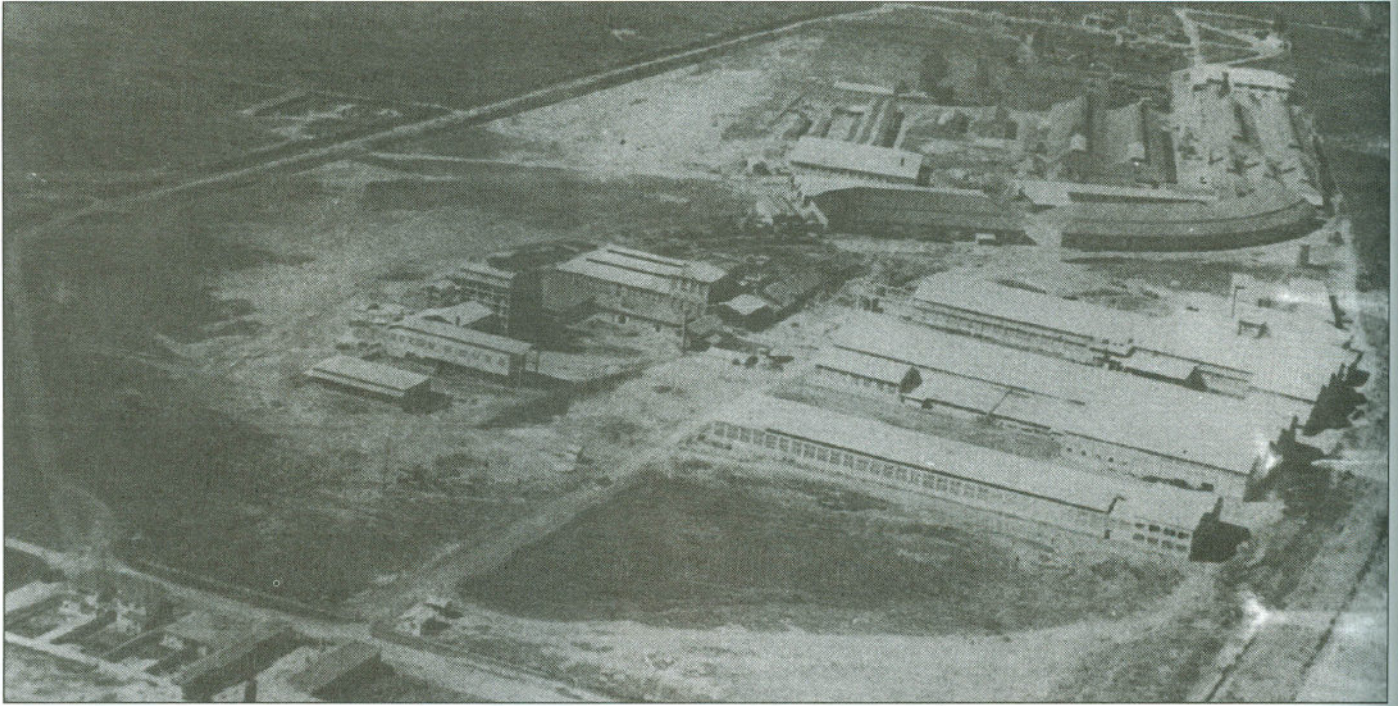
15
pessoas que davam quantias elevadas à Campanha Nacional de Aviação. "Meu mais ardente desejo é ver numerosas escolas de aviação no Brasil", disse certa vez Alberto Santos Dumont.

E foi preciso a ameaça de um conflito de grandes proporções, a II Guerra Mundial, para criar o ambiente necessário à concretização desse sonho.

Simples de construir, robusto e fácil de pilotar o Paulistinha era o avião ideal para um movimento desse tipo. E o industrial Francisco Pignatari contava com os meios

necessários para fabricá-lo em grande escala. Conseguiu aproveitar a potencialidade de suas numerosas fábricas para obter uma produção seriada de aviões, quase independente da importação de componentes difíceis de obter em tempos de guerra.

Já em 1943, o grupo Pignatari produzia rodas, freios, instrumentos para painel, cabos e tubos de



Vista aérea das instalações do Grupo Pignatari, no bairro de Utinga, em Santo André, em 1941

16

ção, peças usinadas de ligas especiais, trincos e fechaduras para porta, e cadeiras para seus aviões. As hélices de madeira, as chapas de contraplacada, as telas para cobertura externa e as tintas também eram nacionais, assim como os pneumáticos e tanques de combustível. Apenas os motores vinham dos Estados Unidos. E, apesar de todas as limitações do ainda jovem parque industrial brasileiro e dos problemas de importação Francisco Pignatari conseguiu produzir um Paulistinha por dia, em fins de 1943, na fase mais ativa da Campanha Nacional da Aviação. Esta marca só seria batida trinta anos mais tarde pela Embraer. Também não pode ser negado que o Paulistinha gozava de muito prestígio entre os aviadores brasileiros. Os números previam isso. Entre 1942, data em que começou a funcionar a Campanha Nacional de Aviação e 1949, época de seu encerramento, 1541 aviões de treinamento foram matriculados pelo Registro Aeronáutico Brasileiro. E desse total a metade era de Paulistinha CAP-4, alguns dos quais voaram até 1982, sobrevivendo aos demais tipos fabricados na época.

Outros modelos CAP

Derivados do CAP-4, surgiram os CAP-4A, CAP-4B e CAP-4C, com as mais diferentes finalidades. O CAP-4A foi construído até o final das atividades industriais da CAP, sendo que 775 aviões foram utilizados por aeroclubes civis e apenas 2 exemplares foram pintados de verde-oliva e incorporados à lista de aeronaves da Força Aérea Brasileira. O CAP-4B, do qual apenas 2 protótipos foram construídos, era uma versão sanitária, experimental do modelo básico, equipado com dobradiças na parte móvel superior da fuselagem para receber um ferido em maca. Um desses aviões

foi utilizado pela Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, mas o tipo nunca chegou a ser fabricado em série. E finalmente o CAP-4C conhecido como Paulistinha Rádio ou Paulistinha Observação. Teve um único exemplar experimental fabricado. No Paulistinha Rádio o observador traseiro sentava-se de costas para o piloto e possuía um potente rádio transmissor para orientar o tipo de artilharia e os ataques dos aviões de combate contra os objetivos no solo.

Alguns aviões Paulistinha CAP-4 foram eventualmente adquiridos por pilotos privados. Mas na grande maioria, essas aeronaves cumpriram a missão básica para que tinham sido destinadas: treinar pilotos brasileiros nos aeroclubes e escolas de pilotagem.

Entretanto, alguns fizeram vôos mais longos. Graças ao esforço da própria Companhia Aeronáutica Paulista e a iniciativa do governo brasileiro, cerca de 20 monomotores CAP-4, foram eventualmente exportados ou doados a outros países. A lista de nações que empregaram o Paulistinha CAP-4 inclui além do Brasil, os Estados Unidos, a Argentina, o Chile, Portugal, Uruguai, Paraguai e a Itália, onde um dos aparelhos foi reformado e ainda voava em 1973.

Final Melancólico

Os modelos de monomotores de linha CAP, foram se sucedendo até 1949, chegando até o CAP-9. Entretanto, sem o mesmo sucesso do CAP-4, o que deixava o industrial Francisco Pignatari irritado, pois os últimos modelos faziam um triste contraste de insucessos diante do êxito enorme que fora o Paulistinha e isto o fez desistir da produção seriada do CAP-8 e do CAP-9.

Quando a produção terminou em 1949, ainda

havia nos depósitos da Companhia Aeronáutica Paulista, peças, elementos e componentes para montar outros 120 aparelhos desse tipo, alguns dos quais estavam em avançado estágio de construção. Todo este material foi mais tarde aproveitado pelo industrial José Carlos de Barros Neiva, quando reiniciou a fabricação seriada da aeronave em meados da década de 50.

A II Guerra terminara e a procura voltava-se cada vez mais para as aeronaves de quatro e seis lugares, e as circunstâncias tinham mudado totalmente o mercado de aviões civis. O fim da guerra cortara o interesse e o apoio do Ministério da Aeronáutica, que podia comprar dos Estados Unidos, a preço de segunda mão, aviões militares novos em folha. Por outro lado dentro do Brasil a Campanha Nacional de Aviação tinha perdido seu ímpeto inicial e diminuiu suas atividades, furtando os industriais nacionais as enormes listas de encomendas que fizera nos anos anteriores.

Em 1949, aborrecido com essas dificuldades e preocupado com despesas crescentes de suas linhas de montagem aeronáuticas, o industrial Francisco Pignatari decidiu encerrar as atividades da Companhia Aeronáutica Paulista.

(*) José Roberto Gianello é sociólogo e membro do Grupo Independentes de Pesquisadores de Memória do Grande ABC (Gipem).

Notas

- (1) Andrade, Roberto Pereira e Antonio Ermete Piochi - *História da Construção Aeronáutica no Brasil, São Paulo. Aquarius - Editora e Distribuidora de Livros, 1982;*
- (2) *Depoimentos orais de Adriana Andreone e Francisco Müller, ex-funcionários da Laminação Nacional de Metais.*

Carmine Guerriero - a vida de um prisioneiro de guerra

Jocimara SPERATE (*)

Uma das piores épocas que uma nação pode viver é a da guerra. Período de crises, que traz ao povo sentimentos muito fortes de medo, fome e perdas inestimáveis. Presenciar e participar desses momentos deixa marcas na história da vida de um homem que o tempo não consegue apagar.

Carmine Luigi Guerriero é um desses homens. Nasceu na Província de Avelino, Itália, no dia 10 de novembro de 1920. Veio para o Brasil em 1953. Conta que muitos italianos estavam imigrando na época. Quando chegou, foi encaminhado pela Hospedaria dos Imigrantes, no Brás, para trabalhar na Laminação Nacional de Metais, em Santo André. Em 1959, estabeleceu-se em São Caetano e até hoje reside no Bairro Prosperidade, Carmine diz que a maioria dos italianos buscavam esta cidade.

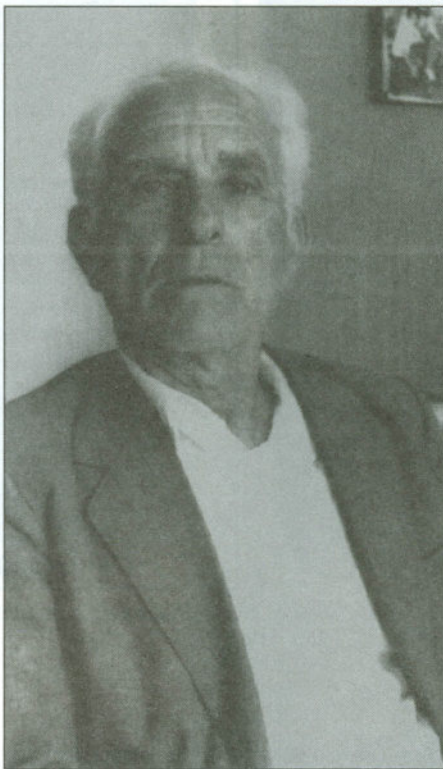
Hoje, aos 73 anos de idade, ele conta sua passagem pela II Grande Guerra Mundial, com precisão de datas e realismo nos fatos, que faz voltar àquela época e assistir ao seu sofrimento e de todos os outros prisioneiros dos terríveis campos de concentração alemães. Carmine relata cada

Acervo: Carmine Guerriero



Carmine Guerriero, em reprodução do passaporte de 1953

Acervo: Raízes



Carmine Guerriero, em foto de 1993

detalhe da história que viveu, do alistamento na Marinha aos trabalhos forçados nas fábricas na Alemanha.

Em 15 de novembro de 1940, Carmine Luigi Guerriero constava, pela primeira vez, da lista do Corpo Real de Equipamento Marítimo da Itália. Aos 20 anos, trabalhava na Marinha, no setor de rádio-comunicações. Era sua a responsabilidade de informar quando avistava aviões inimigos.

Ele lembra que, depois de alistado, foi para a escola de aperfeiçoamento em sistema de defesa anti-aérea. Classificado como especialista no Sistema de Captação Aereofônica, encaminharam-no para trabalhar na defesa do canal de Corinto, na Grécia. Permaneceu no comando até o dia 27 de julho de 1941, quando a defesa passava da Marinha para o Exército italiano. Passou para uma base naval italiana avançada, no Mediterrâneo.

“No dia 8 de setembro de 1943, o Marechal Pietro Badoglio, no comando, informou que havia acontecido um armistício incondicional. Ele afirmou que ingleses e americanos mentiam ao dizer

que eram nossos aliados. Nesse momento, nesse exato momento, alguns alemães tiraram nossas armas e nos levaram para Atenas (Grécia), onde ficamos quatro dias, à espera de uma solução. De lá, em cima de vagões de carvão, atravessamos parte da Europa e fomos para um campo de concentração ao sul de Berlim.

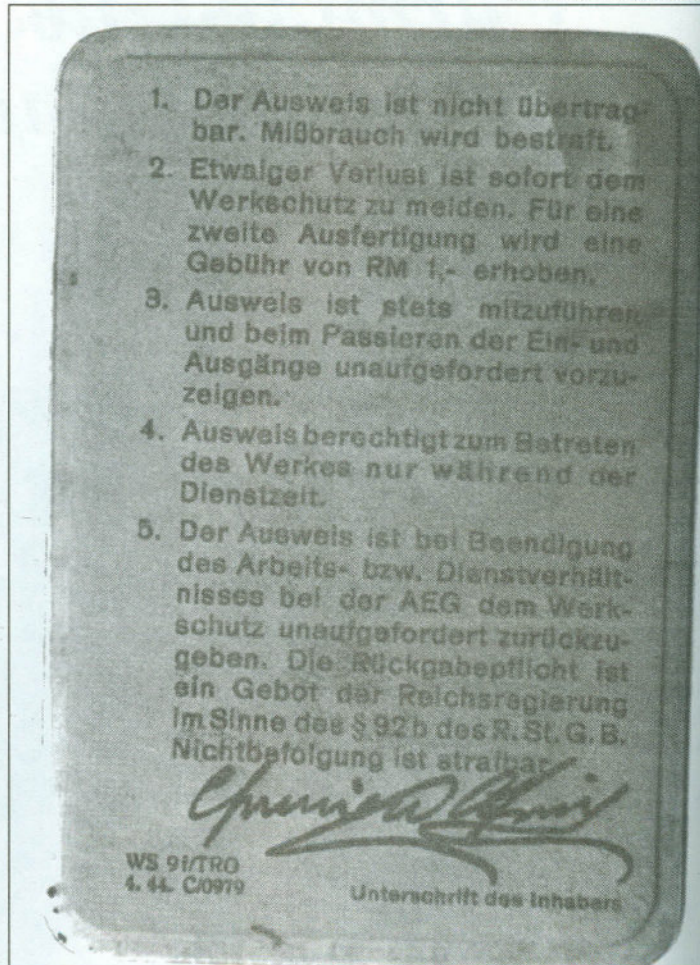
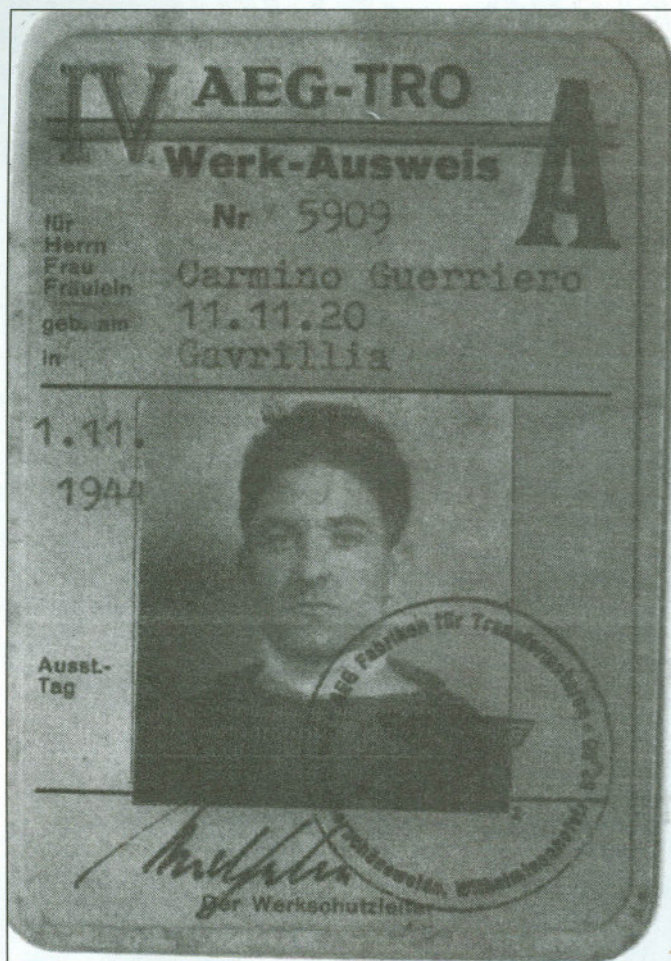
No dia 15 de outubro de 1943, os prisioneiros italianos foram levados até um grande salão. Lá, um homem subiu numa espécie de palco improvisado e disse: - Eu peço que colaborem comigo. Temos de continuar a guerra junto com os alemães. Em sinal de confiança, cantem comigo o nosso hino fascista.

Ninguém deu o sinal esperado. Ninguém se manifestou favorável ao seu pedido. Ele desceu do palco e nunca mais o vimos. Desse dia em diante nosso caminho e o destino de nossas vidas estava traçado para o sofrimento. Fomos obrigados a 12 horas de trabalhos forçados nas fábricas de maquinário elétrico, próximas aos campos de concentração. Constantemente, éramos transferidos. Ora pelos bombardeios aéreos que destruíam fábrica e campo, ora pela simples vontade alemã de remanejar os funcionários dessas fábricas.

Acervo: Carmine Guerriero



Lucia, esposa de Carmine Guerriero, em reprodução do passaporte de 1953



Cartão de identificação para entrada e saída na AEG Fabriken für Transformatoren, datada de 1º de novembro de 1944

Um dos maiores bombardeios aconteceu na noite do dia 24 de dezembro de 1943. O campo foi totalmente destruído. As luzes das bombas, ao se chocarem com o solo, eram amendrontadoras. O fogo consumia tudo. Assistíamos a tudo horrorizados. Por sorte, tínhamos os esconderijos anti-aéreos. Não sobrou nada. O pavor nos fez esquecer que era noite de Natal.

Em junho de 1944, fui afastado do trabalho por doença. Uma ferida no pescoço infeccionou bastante. A febre e o mal-estar me deixaram, por um tempo, internado num pequeno hospital. Quando voltei ao campo, o Gestapo estava no comando total. Selecionaram um grupo de sete italianos, eu estava entre eles, para ajudarmos os soldados alemães no front de Berlim, na intenção de impedir o avanço das tropas russas.

Ficamos instalados na fazenda Rosenberg. Não trabalhamos diretamente na front, mas no carregamento de armas, limpeza e outros trabalhos da mesma importância. Em abril de 1945, ouvimos as rajadas dos canhões bem mais próximas. Os soldados alemães, na fazenda, estavam tensos, muito agitados. Soubemos, no dia seguinte, que os russos haviam ultrapassado a fronteira. A prova de que as

coisas estavam indo mal é que o proprietário da fazenda ordenou que os soldados libertassem todos os animais, para que os russos não tivessem acesso à alimentação.

Um oficial da Gestapo mandou-nos seguir caminho para Berlim. Liberaram-nos como aos animais. Ninguém nos acompanhou. Ninguém nos explicou nada. Durante o percurso, encontramos um soldado russo que, vendo o nosso sofrimento, fome e muito frio, deu-nos um carneiro já morto para que nos alimentássemos. Um grupo de aproximadamente cem mulheres viu que tínhamos comida e pediu para ficar e seguir o nosso caminho. Nós aceitamos. Afinal, éramos todos prisioneiros de guerra.

Com muito sofrimento, andamos dia e noite, sem rumo, sem abrigo, sem alimentação. Conseguimos chegar até uma outra fazenda para o descanso tão necessário, mas estava abandonada. Havia apenas alguns cavalos, mas nada de soldados. Se estivessem por ali, deveriam ser russos ou poloneses; alemães não usavam cavalo. De repente, um soldado polonês apareceu e chamou-me. Não entendi o que falava, mas parecia nervoso. Vi, bem distante de nós, dois soldados

alemães, armados, que tentavam matar-nos. Um dos cavalos foi nossa proteção. Assustado, empurrou-nos. Caímos no chão e as balas não nos acertaram. Fugimos, cada um para um lado. Nunca mais vi o soldado polonês, e nem os alemães. Eu corri para dentro da casa da fazenda e me refugiei com meus amigos.

Os tiros devem ter alertado soldados poloneses, que estavam por perto. Em meia hora, a fazenda foi invadida pela cavalaria polaca. Eles nos tomaram por alemães e queriam fuzilar-nos. Chegaram a colocar-nos em posição de tiro. Pensei que era o fim. Uma das mulheres que nos acompanhava nos salvou, explicando nossa verdadeira nacionalidade e nossa vida de prisioneiros de guerra. Eles nos libertaram. Continuamos o caminho para Berlim. Era 21 de abril de 1945.

No dia 3 de outubro de 1945, alguns soldados russos nos encontraram e nos transportaram até uma estação ferroviária para chegarmos ao sul de Berlim, de onde nos encaminharam a Verona, na Itália, Fim do pesadelo. Início de uma nova vida”.

(*)Jocimara Sperate é Jornalista

Português especializou-se para vir trabalhar em São Caetano

(A história de Diogo A.D. da Silva)

Acervo: Guilherme Silva



Fábrica na Rua Piauí esquina com Wenceslau Brás (1945)

Acervo: Guilherme Silva



Fábrica de Porcelana Santa Maria já ampliada (1951)

Diogo Antonio Dias da Silva, português da Vila Nova de Gaia, sonhava em trabalhar no Brasil. O mesmo idioma iria ajudá-lo a direcionar a nova vida que buscava. Antes disso, procurou especializar-se no ramo de trabalho por aqui, de filetador de louças. Ele apaixonou-se pela arte e a desenvolvia com o máximo de talento.

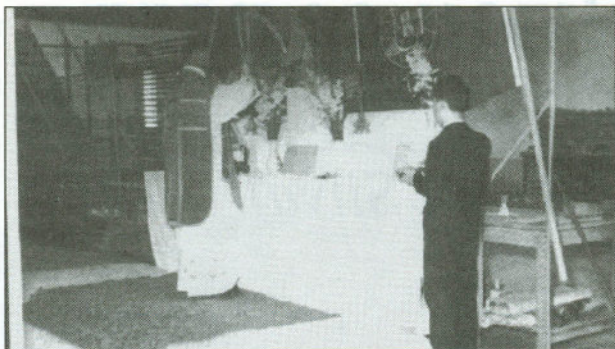
A história deste saudoso português é contada pelo filho, Guilherme Silva, que lembra os detalhes da viagem até o sucesso do empreendimento em São Caetano do Sul: "O primeiro emprego de

Acervo: Guilherme Silva



Diogo Antonio Dias da Silva (o 1º da esquerda para direita da 2ª fila) com os primeiros funcionários (1944)

papai foi na Louças Adelinas, em 1941, logo que chegou, com 27 anos de idade. O contato teve início em Portugal. A fábrica brasileira colocou um anúncio num jornal português, de Vila Nova de Gaia, requisitando um pintor especializado em filetar louças, que estivesse disposto a morar no Brasil. Ele entrou em contato com a empresa, via correspondência; rapidamente, estava contratado e de viagem marcada para o Brasil, ou melhor, São Caetano, cidade-sede da fábrica. Ainda lembro bem o dia em que ele reuniu a família e explicou que viria para cá, mas sozinho. Acertaria sua vida, para depois reunir todos novamente. Era época da Segunda Guerra Mundial e tudo estava muito difícil. Minha mãe, dona Diolinda, assumiu as funções da casa em Portugal e papai pôde vir assumir o seu cargo nas Louças Adelinas."



Padre Ézio Gislimberti celebra a missa em comemoração da ampliação da fábrica, em 1952



Funcionários e familiares assistem à celebração da missa pela ampliação da fábrica (1952)



Diogo Antonio Dias da Silva (centro) recebe os amigos para a comemoração da ampliação da fábrica (1952)



A loja Ao Mundo das Louças, à rua Visconde de Inhaúma (1959)



Em pé, Maria Otília, Guilherme e Laurinda; sentados, Diolinda e Diogo (1951)

Quando Diogo chegou a São Caetano, ficou hospedado em uma pensão muito simples, na rua Pernambuco. Tempos depois, mudou-se para outra, um pouco mais confortável, na rua Baraldi. Economizou o máximo para realizar o sonho de ter seu próprio negócio. Em 1943, com a família ainda afastada, conquistou o seu espaço. Fundou a fábrica de Louças Porcelana Santa Maria, num bar-

ração, à rua Piauí, esquina com a rua Wenceslau Brás.

No começo, associou-se a mais três pessoas (Manoel Ribeiro e Teodoro Simões da Graça). Apesar da guerra, conseguiram superar as dificuldades. "Mas a sociedade é sempre muito complicada. Então, papai comprou a parte dos sócios e comandou tudo sozinho. Eu vim para São Caetano, junto com minha mãe e irmãs, Maria Otília e Laurinha Fernanda, em 1949, quando tinha 15 anos. Todos colaboraram para o progresso da fábrica." - lembra o filho Guilherme.

Em 1951, superadas as dificuldades, teve início a fase de progresso, com a ampliação da fábrica.

"Compramos o terreno ao lado, colocamos mais fornos e aumentamos o número de funcionários. A partir disso, começamos a vender porcelanas para o País inteiro. A fábrica de Porcelana Santa Maria contava com representantes de vendas, que conquistaram o mercado consolidando a empresa, definitivamente, por volta de 1954." - explica Guilherme.

Mas a economia do País não estava consolidada e sofria muitas mudanças. "Os preços da matéria-prima aumentaram demais e fomos obrigados a repassá-los ao consumidor. As vendas diminuíram e, por volta de 1959, resolvemos fechar a fábrica e abrir a loja, o Mundo das Louças, na rua Visconde de Inhaúma, na então Vila Gerti. Na época uma das poucas lojas do bairro. Hoje a loja está sob o comando dos filhos e netos. Através de seu exemplo, eu comecei a me



Diogo Antonio Dias da Silva, em 1951

dedicar totalmente ao comércio, não só o nosso como o de toda a cidade. Acreditava que o desenvolvimento de São Caetano dependia de cada um de nós comerciantes. Esta força e este pensamento foram deixados de herança por papai. Ele não participou de nenhuma entidade, mas o amor pela cidade transparecia na sua constante dedicação ao comércio" - finaliza Guilherme Silva.

Baldassar, Francisco - Cappella Maggiore in altri tempi, Cooperativa Servizi Culturali



Em foto de 1936, Cappella Maggiore, cidade do Treviso, oferece singelo panorama de sua praça principal, recoberta de neve. Desta pequena cidade vêneta saíram várias famílias de imigrantes que vieram formar São Caetano, em 1877

Grockor seguia o caminho tortuoso que a trilha aberta por algum animal na floresta espessa de abetos e pinheiros e descia montanha abaixo. Continuava andando, sem parar, dominado por um impulso que o acalentava muitos dias, luas talvez, e que o levava a deixar a sua morada em busca de algo que ele mesmo não sabia definir ou nomear.

Há muito tempo, o homem começara a sentir uma vontade, um desejo, quase uma ordem, de buscar algo melhor do que a sua habitação tosca em que se abrigava com mulher e filhos nas noites frias ou mornas, no pequeno desfiladeiro nos contrafortes cárnicos. Lá Grockor nascera e lá crescera. Como já haviam feito seu pai, seu avô e outros antanhos, Grockor cuidava de uma pequena plantação de cardos, cujo plantio fora iniciado muitas décadas antes de sua chegada. Além dos vegetais, Grockor tinha alguns coelhos ou lebres vagamente domesticados e uns cervos, dois entre esses servindo-lhe de animais de carga para trazer da floresta os galhos e os gravetos que lhe davam o fogo necessário para o seu aquecimento e o preparo de carnes e vegetais, base do sustento seu e de sua família (mulher e três filhos, então já crescidos).

Corrim assim os dias, semanas e meses, numa igual andança, sem emoções, sem trabalho excessivo, sem mais prazer além dos ruidosos mergulhos no rio caudaloso de águas limpas ou corridas entre as árvores em jocosa perseguição aos filhos ou na esportiva caça a lebres selvagens, gamos ou lobo, fauno desgarrado de alcateias que perambulavam por vales e montes em busca de comida. Assim fluía a vida de Grockor, sua mulher e seus filhos; assim também viviam, sem nenhuma mudança visível, os vizinhos e amigos de Grockor, dispersos

sabia contar, não sabia calcular, não tinha a menor noção do que fosse uma letra, uma escrita por sinal consistente. Pouco sabia dos nomes de seus vizinhos. Não sabia quais eram seus parentes, próximos ou remoto, que eram e o que faziam. Poucos contatos tinha com a maioria dos demais habitantes, e raramente trocava com eles algo mais do que um fugaz aceno de cabeça, breve e brusco para os apenas conhecidos, ou um levantar da mão e um sorriso para os que mais frequentemente encontrava, em especial nas andanças atrás de uma caça.

Nuvens & estrelas

Mas Grockor tinha algo diferente, uma centelha mais

A saga vêneta

Arnaldo TREBILCOCK (*)

pelas montanhas ou habitando os estreitos vales daquele áspero grupo de montes pré-alpinos. Não eram muitos os moradores da região. Grockor não

vivia em sua inteligência restrita como a de todos de seu tempo, porém nele mais vívida e alerta. Grockor aprendera, sem ensino algum, pela observação das nuvens, o sentir dos ventos e brilho das estrelas, prever a chegada das nuvens, do vento gélido e do frio agudo, precursor das neves; tudo quanto trazia desconforto aos homens e afugentava os animais que se enroscavam em suas tocas, escasseando as chances de um alimento mais sólido para os filhos.

Pouco a pouco, graças a sua espírito prudente e preservador, Grockor tornou-se conhecido na região como um homem sábio, um homem superi-

Turismo Veneto



"Agordino, cuore delle Dolomiti". A expressão não poderia ser mais adequada diante da beleza incomparável de Agordo, província de Belluno, entre o lago e os montes de pedra cobertos de neve. É importante centro de esportes de inverno dos Alpes Vênetos

or, diferente. Todos ficaram sabendo que Grockor tinha melhor sorte ou mais habilidade, pois em sua casa nunca faltavam comida, nem fogo, nem peles para sustento e conforto da família durante os longos períodos em que o gelo e a neve selavam as trilhas, os caminhos, vetando a caça. Não tardou muito e outros homens do vale começaram a buscar, junto a Grockor, um conselho quanto o que de melhor poderiam fazer para ter, como ele, calor e comida nos períodos de gelo.

Grockor, por sua índole amável e tranqüila, nunca negou conselhos e idéias, pois sentia-se satisfeito em ajudar a outros e torná-los tão felizes quanto ele. E, assim, paulatinamente, Grockor foi elevado, sem que houvesse dele o menor esforço e menor vontade imperativa, a uma espécie de conselheiro, a um quase-líder da comunidade. Não tardou muito e muitos, se não todos, buscavam ostensivamente ou simuladamente, a companhia de Grockor nas andanças pelos bosques e montes, nas caçadas a antílopes e gamos, porcos selvagens ou lebres ariscas. Formaram, assim, sem querer, um grupo, uma associação, uma comunidade em que trabalhavam em conjunto. Começaram a comparar armas e apetrechos de caça e, mais por gosto esportivo do que por emulação, iniciaram tentativas de superar uns aos outros em seus sucessos de caçadores, buscando caça mais gorda, mais rendosa, concentrando-se alguns nos porcos selvagens, com preferência pelos maiores, de presas mais agudas e pêlos espessos que, por se alimentarem de raízes mais duras e fibrosas, e mesmo de alguns pequenos roedores, tinham carnes mais gordurosas, mais fibrosas e de sabor mais agudo e apetitoso. Eram estes porcos grandes bem diferentes dos demais. Não andavam em bandos pois percorriam os bosques e vales sós, quando muito em pares, raramente em pequenos grupos de três a quatro. Tinham também hábitos diferentes. Buscavam seu alimento e faziam suas incursões isoladamente, somente um deles atacando, cada um por si, em direções diferentes, reunindo-se para novas caminhadas após terem consumido o que haviam caçado, desenterrado ou roído, deixando aos abutres os restos de seus eventuais banquetes. E lá iam novamente, trotando lado a lado, até o momento de recolher, quando dispersavam, indo cada um à sua toca, sua árvore ou seu abrigo. Seu pelame espesso e ríspido - escuro com algumas estrias mais claras, seu focinho alongado e especialmente suas presas salientes, aparentes e aguçadas que lhe permitiam romper numa só dentada as mais duras cascas de raízes e com maior rapidez ferir mortalmente os pequenos animais que mais lhes apeteciam - aguçava a curiosidade dos caçadores, Grockor e amigos, que buscavam matar esses porcos grandes, mais ferozes e mais difíceis de abater que, contraria-



A província de Belluno, ao norte do Vêneto, é dominada por paisagens alpinas de beleza incomparável. O contraste entre o verde e a alvura dos Montes Dolomitas dá um toque quase mágico à região

mente aos porcos comuns não, fugiam em corridas desabaladas, aos guichos lamentosos. Esses porcos grandes, na maioria das vezes, enfrentavam os caçadores, às vezes atacando de surpresa, confundindo os homens e levando-os à defensiva. As lanças dos caçadores eram inócuas contra esses porcos grandes. Seu pelame mais espesso e áspero e suas carnes mais sólidas embotavam as pontas das lanças, quebravam os fúeiros e rebatiam os paus aguçados que os caçadores, aflitos, lançavam sobre os animais que, desdenhosamente voltavam à floresta, lançando aos homens grunhidos hostis e irônicos. Somente quando feridos esses porcos grandes contra-atacavam, focinho arreganhado, grandes presas à mostra, em cargas silenciosas e organizadas que assustavam os caçadores, levando-os a uma prudente e salvadora retirada... Vez ou outra, um caçador menos avisado e imprudente fincava pés buscando vencer, por uma suposta superioridade física ou por alguma manha, o animal enraivecido. E ao animal iam sempre as glórias; terminava sempre o embate com o caçador em retirada apressada com braço ou perna feridos pelos dentes do porco grande que, vencedor do momento, mas acometido pelos demais caçadores,

deixava o campo de luta, embrenhando-se na floresta espessa em busca de tranqüilidade e sossego para cuidar de suas feridas.

Aos poucos, foi se avolumando o grupo de caçadores que, desprezando os demais animais, buscavam apenas os porcos grandes que ofereciam mais luta, mais diversão, exigindo maior esforço e maior habilidade, dando maior prazer e mais alegria aos homens.

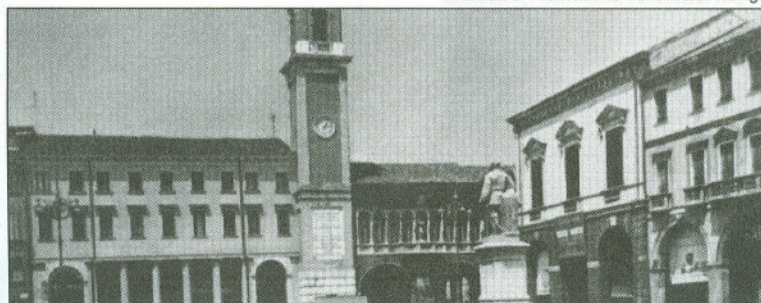
Não tardou muito e Grockor presentiu, naquela preferência, um crescente espírito de competição que poderia, ele assim pensava, levar a algum embate ou briga entre os homens, se cada um continuasse buscando uma fátua predominância ao clamar maior sucesso e maior valor abatendo o maior porco grande exibindo-o aos demais como um troféu.

Suavemente, sem imposição ou arengas, Grockor falou aos homens e dissuadiu-os em tornar a caça esporte e fonte de sustento, numa competição perigosa. Em vez de salientar este aspecto da competição, Grockor levou-o à consideração de uma possível monotonia na comida; poderou que, se todos continuassem comendo somente a carne do porco grande, acabariam rejeitando as demais carnes, o que traria um problema: a necessidade de ampliar o território de caça, pois, por imperativo natural, os animais iriam se distanciar de seus perseguidores ou escasseando, tornando, enfim, mais escassa a caçada, provocando falta de alimento, especialmente na estocagem para tempos mais frios; além do mais, o porco grande consumia mais fogo, mais galhos e gravetos para o cosimento, mais gelo para conservação, o que dificultava o trabalho pois os gravetos eram mais difíceis de encontrar sob a neve ou o gelo mais difícil no transporte e conservação quando, cortado no alto dos montes chegava ao vale já parcialmente desfeito pelo frio menos intenso.

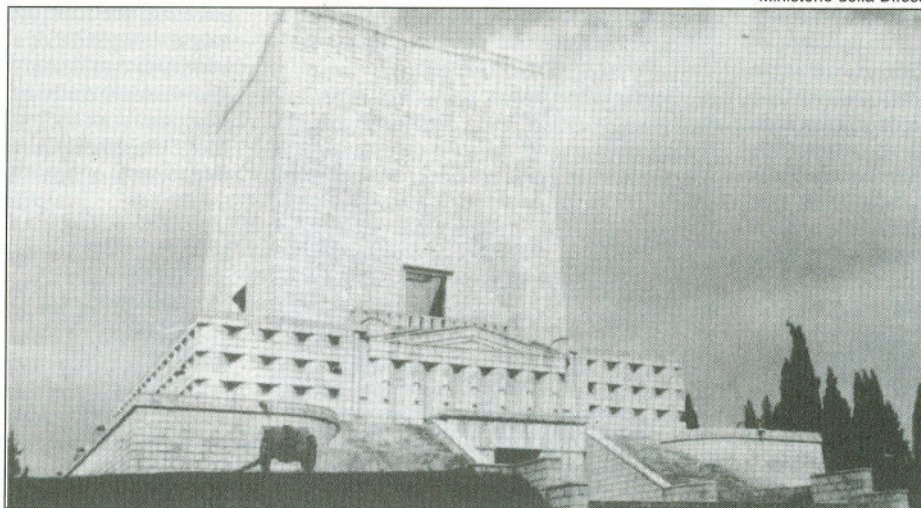
Organização

Assim, sem saber, sem querer, sem impor-se, Grockor formou, naquele pequeno vale dos Montes Cárpatos uma espécie de cooperativa, algo assim uma comunidade organizada, com certas normas e regulamentos que os homens aceitavam e seguiam, por absoluta conveniência, habituando-se, aos poucos, a viver por normas e regras que, afinal, tornavam suas vidas mais ordenadas, mais fáceis e melhores.

Organizando caçadas, regrando as incursões a montes e florestas, em busca do que já conheciam e em busca sempre de algo novo, talvez melhor, iam os homens - Grockor sempre à frente - criando uma comunidade, um consenso, uma vida em comum. Já havia, com maior frequência, reuniões em grupos, nas clareiras, nos dias mais quentes, as conversas sobre as caçadas, ao debater programas futuros ou simplesmente a trocar idéias em palavras de



A mais setentrional das províncias vênetas, Rovigo, guarda tesouros arqueológicos que permitem interessantes estudos sobre a pré-história local. Sua capital é a cidade de Rovigo, mostrada, parcialmente, na foto da Piazza Vittorio Emanuele II



No Bosque Montello, ao lado da cidade de Nervesa Della Bataglia, ao pé das planícies do rio Piave, situa-se o mais importante monumento aos soldados italianos mortos na Primeira Guerra Mundial. Projetado pelo arquiteto Felice Nori di Roma, concluído em 1935, Il Sacrario del Montello abriga os restos mortais de 9.325 soldados, dos quais apenas 6.099 foram identificados. Anualmente, é palco de grandes comemorações

apoio, encômio, ou veladas críticas. Pouco se falava sobre o gelo, o frio, sobre tudo quanto fosse aspero, difícil e desconfortável. As mulheres raramente ou nunca se juntavam aos homens. Por instinto ou noção de inferioridade, preferiam o isolamento das tocas e abrigos, cuidando da limpeza, tentando manter as crianças, quando as havia, em ordem, evitando algazarras que pudessem perturbar os homens em tertúlias... Faziam assim a sua parte: cuidar do abrigo, criar os filhos e satisfazer seus homens, sem nenhuma demanda ou queixas inoportunas!

Com a caça organizada, planificada, evitados os possíveis atritos competitivos entre os homens-caçadores, Grockor sentiu-se mais livre, menos tenso, certo de que já tinha maiores responsabilidades e podia dar-se mais a um de seus prazeres prediletos: admirar a natureza, olhar mais para o céu, as árvores, as florestas, os campos, o vale. Passou a ficar horas a fio sentado ou deitado sobre a relva, olhos fitos nas nuvens e no céu. Dias seguidos ficando assim, num quase êxtase contemplativo, via bandos de pássaros a voarem em formação em direção oposta à montanha.

Voavam os pássaros, cegonhas, patos e outros rumo a outras plagas. Grockor, em sua mente observadora e aguçada, começou a matutar sobre o porquê daqueles vôos de pássaros indo dia a dia para o mesmo ponto, deixando para trás os ninhos que haviam construído. Grockor convenceu-se de que os pássaros voavam sempre para lá e não voltavam ao anoitecer à floresta, como faziam os pardais nas tardes quentes, porque tinham descoberto e para lá iam, algum lugar melhor onde certamente viviam vidas mais alegres e ativas. E assim pensou o homem: se os pássaros buscam lugar melhor, vida melhor, por que não devo fazer o mesmo? Começou um impulso cada vez mais forte de partir, ir aonde iam os pássaros, em busca de outra vida. Aos poucos foi formulado um plano: algum dia sairia ele também, como os pássaros, rumo ao desconhecido, sonhando como lugar ideal para melhor viver. Conversou muito com a mulher e os filhos já ao fim da adolescência e tudo organizou para passar o comando da casa ao filho mais velho. E um dia, sem despedidas emocionadas,

sem adeus, mas com um simples ..vou indo.. Grockor partiu.

Desceu o vale até chegar ao riacho, que ali começava seu curso mais tranqüilo, livre das sucessivas quedas entre rochas da montanha verde. Terminado o dia acampou sob uma rocha protendida: tempo bom, temperatura amena, noite estrelada. Tudo quanto Grockor queria para um repouso refrescante. Deitado sobre a relva tenra, Grockor fitou o céu onde miríades de estrelas pareciam brilhar para ele. Ao alto, à esquerda, a estrela polar, de brilho mais intenso, identificava o norte. Grockor não sabia nada sobre norte sul, leste e oeste; não conhecia nada sobre a disposição coreográfica das estrelas, nem tinha o menor conheci-

mento quanto a rumo, orientação astrofísica e outros mistérios que iriam intrigar, muito tempo depois, os navegantes e viajantes, aventureiros ou estudiosos. Sabia apenas que, se quisesse chegar aonde os pássaros iam, deveria caminhar em direção oblíqua ao curso do sol, iniciando sua caminhada diária com o sol à sua esquerda e terminando quando o sol se pusesse, ao fim do arco, à sua direita. Quando caminhava ao centro da floresta, orientava-se pela sombra das árvores ou pela umidade de suas cascas. E assim foi Grockor caminhando, sempre rumo ao pouso dos pássaros. Quanto tempo durou a

caminhada? Quem pode dizer? Não tinha calendários, bússolas, instrumento algum. Somente sabia que tinha que andar, procurando manter o mesmo rumo, corrigindo-o quando necessário, sempre que o sol estivesse em posição diferente.

Uma manhã ensolarada Grockor chegou a um vale onde parou, não mais retomando a caminhada: extasiado, deslumbrado pela beleza do pequeno vale. Livre da floresta, descia o vale em suave declínio por algumas centenas de metros até o fundo, onde um rio de águas límpidas e frescas corria tranqüilo, nele nadando peixes de escamas prateadas, quase brancas, de tamanho médio. Grockor sorveu a água gostosa do rio, subindo quase até a floresta e acampando finalmente sob

uma árvore de uma espécie que ele não conhecia. Ao contrário dos abetos e pinos, tinha a árvore copa frondosa a ampla, dando sombra extensa e protetora. Sua folhas, maiores das dos pinos eram mais largas do que longas, bem juntas umas às outras, entre muitos galhos e ramos, lisos e nodosos, formando uma copa espreada e acolhedora.

Outra língua

Ao fim do dia, quase ao acaso, Grockor ouviu piados de aves e julgou ter, enfim, chegado ao pouso dos pássaros que tinha visto voar nun determinado rumo em sua região natal. Procurou ver as cegonhas e os patos, mas nada viu: deu de ombros, certo de que as frondes da árvore não permitia ver os pássaros nela pousados. Comeu, bebeu água do rio que trouxera num odre e.. dormiu.

Ao amanhecer, desceu novamente ao rio a sorver sua água límpida e fresca... E chegando à borda, assustou-se. Do outro lado do rio, alguns homens olhavam-no, curiosos. Grockor acenou com sua mão

La marca trevigiana - Provincia di Treviso



Oderso, outra cidade importante no Vêneto, abriga o Museu Cívico, guardião de valioso acervo da era romana

espalhada em linha reta, gesto de paz em sua terra. Os homens do outro lado acenaram também de maneira parecida: suas mãos eram agitadas e os dedos movidos, mas o significado era o mesmo: paz! Os homens de lá disseram palavras que Grockor não entendeu, percebendo não ser a sua língua. Acenaram então os homens para que Grockor cruzasse o rio e fosse ter com eles, indicando com gestos vigorosos ser o rio naquele ponto de vau fácil e seguro. Grockor, mais por curiosidade que outra coisa, cruzou o rio, andando cuidadosamente sobre as pedras do fundo, interrompendo os passos a cada instante, os olhos fixos nas pedras procurando a certeza do equilíbrio, numa cautela medrosa que provocou risos e gestos de encorajamento dos homens de lá, certamente afeitos há longo tempo ao curso d'água. Depois de muitos titubeios e muitos risos, Grockor chegou à margem, onde vários braços o alcançaram para ajudá-lo. Chegando à margem todos os homens, uns seis talvez, apoiaram, um de cada vez, suas mãos ao ombro de Grockor numa clara saudação de amizade. Falaram muito, às vezes todos juntos, mas Grockor nada entendeu. Ele também não foi entendido. Recorreram todos então à língua dos gestos e Grockor pôde entender que eram eles os homens do vale, não montanheses como ele. Mais altos do que Grockor, tinham olhos claros, azuis em maioria, cabelos de um louro avermelhado que usavam longos e lisos, sem ondulações. A todo momento olhavam para Grockor, esmiuçando mais um ou outro detalhe. Grockor era mais baixo, seu cabelo era escuro, curto e seus olhos castanhos. Após um tempo de conversas, os homens acenaram para além do rio, onde o vale terminava bruscamente, cercado por uma moita de árvores, as mesmas que Grockor vira ao alto do vale. Ainda por gestos os homens convidaram Grockor a caminhar até seus abrigos e, lá chegando, ofereceram ao visitante nacos de uma carne nunca antes provada por ele e, surpresa agradável, pedaços de peixes, daqueles peixes argênteos que Grockor vira nadando no rio. Comeu e... gostou. Grockor, o homem do norte, como ficou conhecido depois, tinha saboreado uma truta, a succulenta, saborosa

truta do Tagliamento. O rio encantara Grockor, que nunca comera peixe e não sabia o que eram as trutas e muito menos sabia ser aquele rio o Tagliamento, o belo rio do Vêneto...

Muito tempo passou, muitas luas surgiram e sumiram. Grockor já estava firmemente instalado em seu novo mundo, em seu vale encantado, ao ato, no ponto em que se enamorara do vale. Outros

ponto do vale que ele dizia ser seu, alguns dos homens de lá o acompanharam. Com o seu instinto natural de organizador e conselheiro, Grockor foi novamente considerado como líder e a ele recorreram os demais, em busca de ensinamento e idéias. Mais uma vez Grockor tornou-se, naturalmente, líder e conselheiro. Ainda plenamente em forma, fisicamente completo, Grockor tomou mulher que lhe deu carinho e filhos.

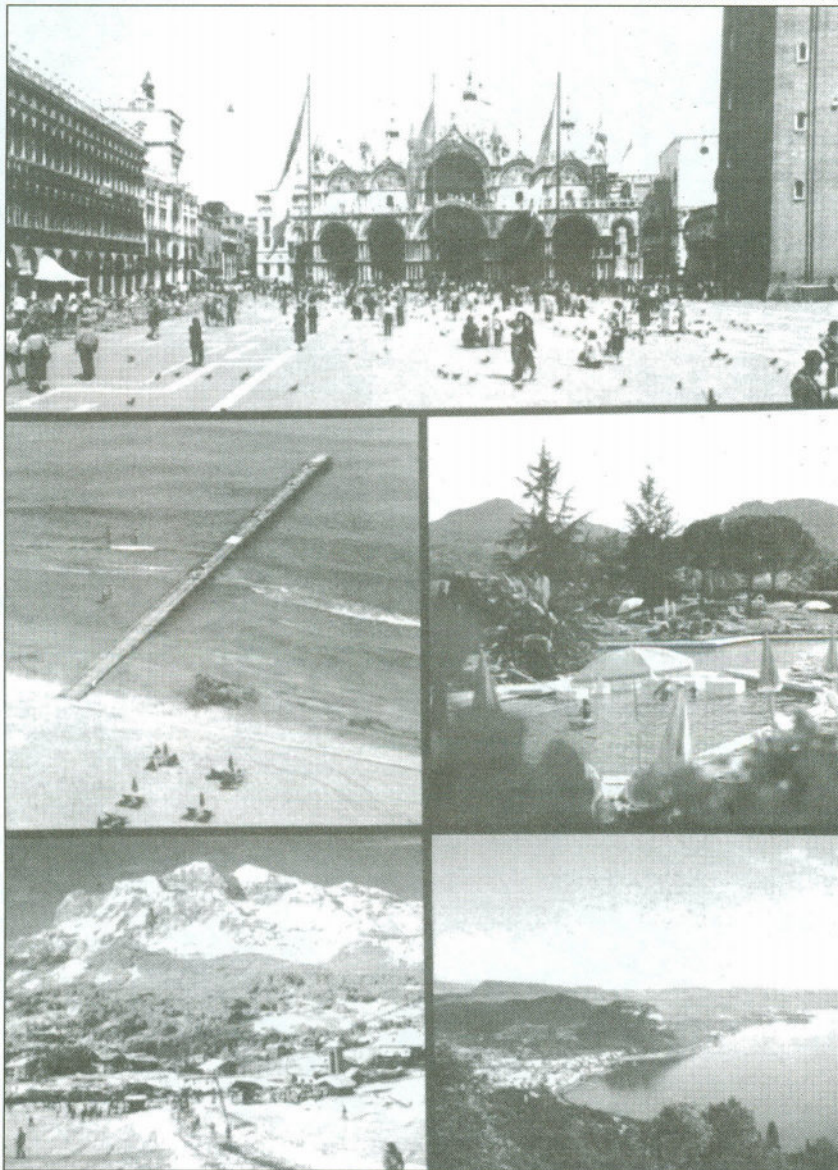
Grockor não tinha a menor noção do que fizera ou estava fazendo, mas foi com toda certeza o primeiro invasor daquela porção da Itália, mais especificamente o Vêneto. Afinal, quem era Grockor? Germano?! Gaulês? Celta? Quem sabe? A vida de Grockor foi vivida milênios antes de Cristo... Não ousamos afirmar, mas supomos, que Grockor foi o primeiro, ou um dos primeiros, a fundar uma comunidade vêneta, embora naquele tempo fosse apenas um núcleo de andarilhos que, por feitiço de um vale vêneta ali ficaram, ali progrediram, ali foram sucedidos por filhos, netos, descendentes e toda uma linhagem que desenvolveu o vale, fundou núcleos, construiu vilarejos que prosperaram e progrediram até a chegada dos bárbaros invasores e predadores: longobardos, godos, visigodos e, finalmente os hunos de Átila que pilharam destruíram esquearam, levando os vênetsos sobreviventes a penosa e seguidas fainas de reconstrução.

Quanto a Grockor, viveu longos anos em quase completa felicidade e teria vivido mais tempo, se não tivesse um dia, seu cérebro possivelmente já em tanto empedrado pela idade, desafiado alguns amigos a uma caçada a feroz javali, um porco

grande que andava fazendo estrepolias nas redondezas.

Na caçada, adiantando-se aos demais, Grockor foi o primeiro a enfrentar o javali, uma besta maior do que Grockor caçada antes. Sem esperar a chegada dos amigos, Grockor enfrentou a fera sozinho, atacando-a rapidamente, com a mesma tática que havia empregado tantas vezes com sucesso total. Mas o javali, macho na plenitude de suas forças, foi mais rápido e ágil, esquivou-se do ataque de Grockor e contra-atacou. Surpreso com a

Carta turística do Vêneto



O Vêneto ocupa privilegiada região no norte da península itálica, onde são comuns imagens de praias, campos e montanhas. Na primeira foto, a Praça São Marcos, na capital vêneta, Veneza

estavam junto a ele. Com sua inteligência aguda, dominou rapidamente, em poucas luas, a língua dos homens de lá e passou a bem entender-se com todos. Quando, depois de uns dias de permanência junto a seus novos amigos, Grockor voltou ao seu ponto predileto, com ele foram mais outros habitantes, curiosos em saber mais, ver mais do estranho visitante, de aparência tão rude e de fala tão mansa e diferente, de atos cordiais e bondosos, que cativou logo os homens de lá. Quando Grockor resolveu montar definitivamente sua morada no

agilidade do javali, Grockor tentou refazer a manobra e retornar o ataque. Não conseguiu... Em poucos minutos, o javali já se lançara sobre o caçador, derrubando-o com uma tremenda cabeça e cravando seguidamente suas presas arqueadas e pontudas no ventre e no peito de Grockor. Os demais caçadores acudiram e, atacando por vários lados, mataram a fera. Socorreram Grockor mas este já estava nas vascas da agonia.

Assim morreu Grockor, o homem do norte, o invasor do vêneto.

Vêneto, região semi-definida

Durante os nebulosos anos, do início ao apogeu do Império Romano, numa porção do território então denominado Gália Cisalpina, foi aos poucos surgindo uma região vêneta, ou terra dos vênéticos, que já formavam grupos etnicamente definidos. Eram os vênéticos uma comunidade pacífica, sem pruridos bélicos ou ambições de conquistas, dedicados em parte à agricultura, ainda empírica e primitiva e tendo como atividade econômica principal a manipulação e comércio do âmbar, matéria-prima que lhes vinha pelas orlas do Báltico, percorrendo longos caminhos através da Germânia e parte da Gália, chegando aos vênéticos com maior facilidade provavelmente pelo passo do Brenner, ou do Brennero como é hoje conhecido. E que tipo de gente eram aqueles vênéticos?

Alguns cronistas do passado longínquo deram os vênéticos da Cisalpina como descendentes dos Vêneti, tribo antiga da Europa Céltica, ou mais propriamente Gália Céltica. Mas estes vênéticos eram ousados e rudes navegantes e mantinham um intenso comércio marítimo no Atlântico Norte, portanto, bem distantes do Adriático que banha as costas do Vêneto.

É possível que alguns destes marujos celtas tenham realmente se embrenhado em território centro-europeu após serem quase aniquilados pelos romanos, numa furiosa batalha naval em que os empenharam nas esperanças de vencer Roma, contra quem se haviam sublevado um ano antes. Essa batalha final e fatal para os Vênéticos-Celtas certamente dizimou quase toda a população. É sabido, e disso há menção em todos os relatos históricos sobre o império e as legiões de Roma, que eles costumavam dominar com mão de ferro as terras conquistadas e não titubeavam em passar pelas armas todos quantos tinham a veledade de antepor-se a seus comandos, com maior furor e fervor quando tratavam com rebeldes desafiantes.

Teriam realmente grupos destes marujos atlânticos chegado à vertente sul da Gália Cisalpina e montado suas tendas no Vêneto? E teriam contradito as primeiras notícias sobre os vênéticos que falam de gente pacífica, amável e dedicadas ao comércio, muito diferente de componentes de tribos belicosas e, como somente podem ser os povos bons navegadores rudes e bravios? Não há dúvida de que uma longa caminhada do Atlântico ao Adriático, através de terras e povos hostis e semi-bárbaros da Germânia e da Gália Nórdica, além do domínio e transposição dos Alpes e seus contrafortes sub-alpinos montanhas formidáveis, rochas basálticas ou vulcânicas, com seus picos mais elevados insólitos em neves eter-

La marca trevigiana- Provincia di Treviso

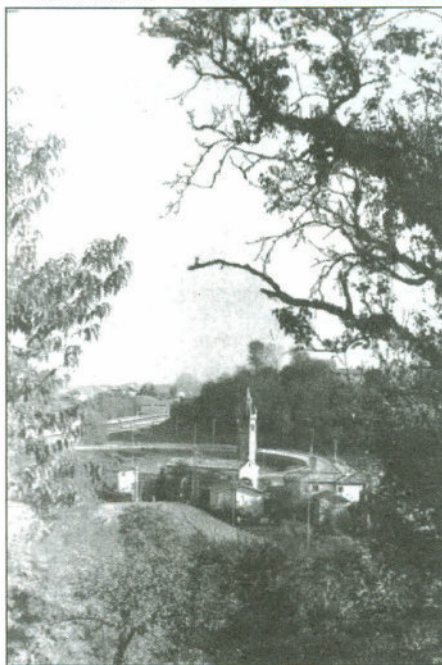


A bela e histórica cidade de Treviso, capital da província do mesmo nome, faz parte do Vêneto. Foi dessa área que a maior parte do contingente de imigrantes italianos veio para São Caetano

nas, eram aventuras que podem ter sido dominadas somente de alto valor e coragem, já habituados às agruras e obstáculos de montes e planícies pantanosas e, principalmente, das águas gélidas do Atlântico Norte. E, se foram realmente alguns destes vênéticos-celtas que entraram e permaneceram no Vêneto, foram tempos depois novamente surrados pelos romanos...

Embora desde um ou dois séculos antes de Cristo já houvesse uma parte da Gália Cisalpina conhecida como terra vêneta, ainda sem status de região ou departamento, sua posição geográfica era bastante fluida e escassamente delineada. Os romanos, experts e cuidadosos na administração de todas as terras conquistadas ou subjugadas, insti-

Sartori, Basilio de - Cozzuolo - Dario De Bastiani Editore



O centro de Cozzuolo, típica cidade da região vittoriese, nas proximidades de Vittorio Veneto

tuíram a Décima Itálica, unido administrativamente o Vêneto e a Istria, parte da Gália Cisalpina. Assim foi o Vêneto incorporado definitivamente ao Império Romano, sob o domínio de Augustus. Conservaram, porém, os vênéticos uma quase completa autonomia administrativa que lhes dava uma diáfana sensação de independência pois, embora fossem parte do império viviam uma vida regional, sem muita obediência civil a Roma. Foi este o melhor período do Vêneto pagão. O comércio evoluiu e mais uma atividade peculiar surgiu na região. Corria por toda a Europa, da Germânia Setentrional a Roma e Itália Sulina, a fama dos vênéticos na habilidade de domar e adestrar certos cavalos selvagens, que se tornavam, depois de trabalhados pelos vênéticos, excelentes animais de carga e tração. Não eram na verdade cavalos, mas sim ótimas mulas que foram formando, ao longo dos anos, manadas preciosas que serviam com grande utilidade os agricultores ao puxar arados e aos exércitos para carga de apetrechos e virtualhas.

As mulas eram sempre preferidas em tais mistérios; mais pacientes, mais calmas e muitíssimo mais seguras do que os cavalos, não tinham como estes rompantes de vivacidade que os tornavam repentinamente árdegos e rebeldes. Mulas e mulos não eram árdegos, não tinham ímpetos fogosos e não se lançavam nunca a violentos galopes corcoveantes. Tranquilas, de passo firme e seguro, as mulas levavam pacientemente suas cargas ou seus cavaleiros sem nenhum transtorno ou violência. Não eram, vale dizer, tão santos como a descrição que demos parece indicar, pois tinham lá suas coisas ao empacar subitamente, sem nenhum motivo e sem razão alguma. Simplesmente paravam, plantavam firmes seus cascos no chão e nada os fazia retomar as andanças: chicotes, látigos e pauladas de nada adiantavam... Os animais fincavam as patas, empinavam as orelhas e agüentavam firmes bastonadas e chicotadas: apenas, quando percebiam (ou provocavam por sutis manobras) que alguém estava atrás deles e ao alcance, disparavam coices certos que, se não matabam, quase sempre aleijavam seus algozes.

Assim eram as mulas domesticadas pelos vênéticos. Havia, no entender de alguns, uma certa semelhança no caráter dos vênéticos e de seus mulos: ambos tinham uma paciência enorme, um respeito e amor ao trabalho e uma postura firme e determinada. Quem teria, naqueles tempos remotos, assimilado tais características? Foram as mulas que acompanharam os vênéticos ou foram os vênéticos que absorveram por mimetismo as características das mulas? Sei que os leitores, unanimemente, gritarão contra a heresia de pôr homens como possíveis imitadores de animais, mas quem pode dizer qual a verdade? Nos anos de formação do Império Romano não havia psicólogos, psiquiatras ou analistas que pudessem estudar a fundo o assunto e dar o veredito final quanto a quem copiou quem nem quem assimilou o que era do outro...

Pouco se sabe quanto aos costumes e comportamento dos vênéticos-romanos. Como todo território ou região em que não havia grande movimentação militar ou bélica, pela índole de seus habitantes e ausência de resistências civis ou armadas, tinha a região, por parte do império uma atenção meramente administrativa e burocrática.

Não se tem notícia de que na região vêneta houvesse, em qualquer momento, um pró-cônsul ou um general de carreira ou auto-nomeado a governar, mandar e desmandar. Devia-se isto certamente a que o Vêneto, como o conhecemos hoje, não era uma região definida, pois fazia parte da Cália Cisalpina, sub-província de Gália ultra-alpina que veio a ser, séculos depois a Áustria.

Ao que se sabe é que na região dos vênedos a vida correu serena e normal, seus habitantes atarefados na agricultura, seus artesãos cuidando do comércio do âmbar, com pouca ou nenhuma atividade militar. Foi talvez o peculiar mister da doma e uso das mulas ao ganharem notoriedade o componente central da citação dos vênedos pelos historiadores do chamado Período das Trevas antes de Cristo... Certamente foi este pacifismo sólido e inato que levou a generoso Augustus a permitir aos vênedos aquela autonomia de que tão bem desfrutaram, organizando seus grupos de semeadores, artesãos e muleteiros em comunidades definidas e operosas. Roma, a Roma de Augustus, não teve problemas naquela região que lhe serviu sempre com segurança e fidelidade de apoio, bivaque e sustentação de suas centúrias ou legiões sempre que necessitassem atingir com presteza e retaguarda segura algum foco de resistência ou rebelião ao norte.

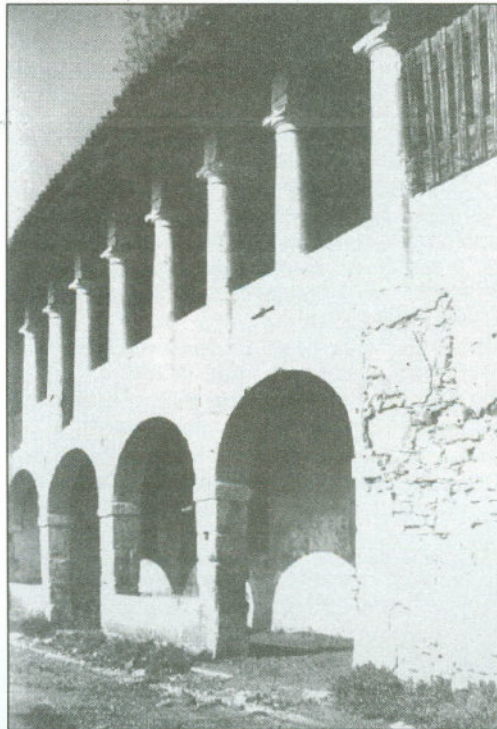
Por pouco usarem o Vêneto, pela pequena interferência de Roma na região, permitiram, por sua displicência, a criação de uma foca pagã mais nórdico. Os ritos e funções religiosas pagãs dos vênedos assimilavam mais os ritos bárbaros do extremo norte e alguns costumes que se assemelhavam aos dos godos, visigodos e outros, numa miscigenação confusa com os ritos romanos que eram diafanamente seguidos e suas normas nem sempre obedecidas. Foram assim correndo os anos, a região prosperou dentro da prosperidade do império, vivendo os vênedos uma vida tranqüila, pacífica e operosa, constituindo aos poucos uma comunidade fechada, pouco comunicativa, bem diferente das demais regiões itálicas. Eram considerados desiguais pelos italianos. Por sua integração à Istria, outra região mais eslava do que latina, quando formaram, por decisão imperial, a Décima Região Itálica, os vênedos absorveram costumes e ritos mais germânicos e bizantinos, inclusive, possivelmente, nas cerimônias e costumes nupciais.

Foi surgindo assim imperceptivelmente um modo de ser, uma maneira de pensar e agir peculiar e própria: souberam os vênedos primordiais dissecar, decantar e sublimar o que havia de melhor nos dois sistemas, o germano-bárbaro e o romano latinizado, então mais culto e civilizado. Esse processo foi, finalmente, interrompido e destruído em 89 A.C., quando Pompeius Strabo decretou o fim da autonomia vêneta, trazendo a região integralmente ao império e impondo-lhe o *ius latinum*...

Assim, os descendentes de Grockor, o homem do norte que invadiu o Vêneto e ali fincou sua tenda, ali procurou e ali iniciou uma dinastia que milênios depois, iria frutificar numa raça vêneta cujas características principais mantiveram e praticaram as mais nobres prerrogativas de Grockor: firmeza de caráter, amor ao trabalho e lealdade à família, à comunidade, ao clã. Herdaram

também a teimosia empacadora que transmitiram às mulas, a altivez extremada e a vontade insaciável de autonomia e liberdade. Somente a inexorável e incontestável autoridade romana, ao impor ao Vêneto o *ius latinum* que implicava na adoção de todas as normas, ritos e leis romanas, com renúncia e negação a qualquer outro modelo não-romano, somente o férreo poder de Roma conseguiram sopitar a vontade vêneta que, porém, não morreu, mas recolheu-se ao âmago de suas casas, grutas e tendas. Tanto quanto as suas mulas, os vênedos aceitaram calados o que os romanos impunham, disciplinadamente, sem reclamos ou protestos, bem sabendo que qualquer veleidade de oposição aos ditames senatoriais resultariam em repressões bruscas, rígidas e violentas. Se algum foco houve de desobediência, foi ato de um ou outro dono de terras ou oficinas que foram rapidamente postos

Sartori, Basilio de - Cozzuolo - Dario De Bastiani Editore



Denominada de convento, essa é uma casa rural típica de Val di Caldas, na região de Vittorio Vêneto

em seus lugares e aprenderam, com toda clareza, a suprema lex: Roma locuta, causa finita. Sabiam todos o quanto era inútil e desastroso argüir contra Roma quando os césores e seus senados tornavam Roma a intérprete e executora da vontade dos deuses, fossem Vênus, Minerva, Marte ou Vulcano.

E a região vêneta seguiu vivendo sua vida ativa, cuidando com denodo de sua agricultura, seu artesanato e suas mulas, aceitando com paciência e sabedoria o verniz que Roma deu a seu *modus vivendi*, mantendo sempre aceso, em seu íntimo mais profundo, o gosto pela liberdade e autonomia, o prazer de desfrutar das belezas e benesses que lhes ofereciam seus rios, suas planícies, seus vales, suas montanhas, suas florestas e suas neves que temperavam o clima saudável do mundo vêneto. Foram, aos poucos, se afastando da *astria*, por

quem não tinham muita afinidade, embora fossem ambas parte integrante da Décima Região Itálica. Os moradores da Istria setentrional, devido talvez à maior rudeza da região, onde as neves eram mais ásperas e agressivas, foram levando seus moradores a buscar mais afamosamente a orla do Adriático, de frio menos intenso, numa península mais eslava do que latina, território que pouco ou nada assimilou do *ius latinum*, mantendo íntegra sua formação eslava. A Istria nunca, em nenhum momento, aceitou a união com o Vêneto, base-mater da Décima Região Itálica e buscou, pelos séculos seguintes, uma separação nítida do Vêneto e total independência da Itália a quem nunca aceitou pertencer. A própria cidade de Trieste, uma cidade de origem italiana e que, como tantas outras, passou por diversas mãos, manteve-se sempre intimamente eslava e foi, ao desmoronar o Império

Romano, uma região independente em várias ocasiões. Mesmo quando cedida à Itália pela Áustria derrotada, em 1919, Trieste manteve sempre acesa a chama de sua esclavitude. Nas rebeliões, nas guerras, nas lutas de príncipes, barões e imperadores que tantas vezes incendiaram a região, na Idade Média e depois, a *astria* manteve-se sempre, firme e adamantina ao lado das regiões, príncipes ou barões ou dos impérios centrais germânicos e eslavos. E esta filosofia de vida da Istria manteve-se intocada e continua a sê-lo.

Os vênedos, por sua vez, nunca tiveram a fé inquebrantável dos romanos aos deuses. Nunca deram a nenhum deles, desde Odin a Zeus, uma crença fanática e inconteste. Talvez por não recebidos nunca nenhuma proteção especial de nenhum deles, viam nas tempestades de gelo e neve, no florir da primavera, no frutificar do outono, apenas o que eram: obra da natureza que os vênedos amavam e temiam. Em suas terras não havia tonitroantes vulcões, nenhuma lava nunca escorreu pelas encostas de seus montes, a destruir, em brasa, lavouas e choupanas, ceifando vidas e tornando estéréis por longo tempo seus campos. O gelo, as tempestades, as inundações causavam, sim, danos de menor ou maior monta, mas eram aceitos pelos vênedos por serem inevitáveis e fazerem parte do ciclo da vida. Souberam, ao longo do tempo, o quanto a neve, por exemplo, podia ser benéfica para o germinar do trigo, quanto a chuva e o sol faziam para o brotar do milho, este misterioso grão que empolgou a Europa toda, trazido pelos conquistadores ibéricos ao conquistar o Novo Mundo; o gostoso e nutritivo milho, base futura de um dos mais apreciados pratos vênedos: a polenta, ou melhor, a *pattona*.

Qual a origem, qual o ponto inicial da cidadania vêneta? Se partirmos, como nós o estamos fazendo, da fantástica existência de Grockor, o primeiro invasor do Vêneto, diremos que o Vêneto brotou e floresceu nas montanhas e vales friulanos.

O Friuli abarca aquela porção vêneta com uma área aproximada de 6.000 Km², nesta a província de Udine e naquela a província de Gorizia, ao norte delimitada pelos Montes Alpinos Giulianos e Cárnicos, ao sul pelas planícies aluvionais do Isonzo e Tagliamento e outros rios de menor

importância, que se transformaram em correntes impetuosas quando das fortes chuvas de outono e o degelo das neves na primavera. O nome Friuli deriva do nome romano de Foro Iulium, hoje Cividale Del Friuli. A região foi ocupada e subjugada pelos romanos lá pelo segundo século a.C. e tornou-se parte da Gália Transpadana. Os romanos ali fundaram, além de Forumiuli, Concordia e Aquileia. Não temos dúvidas: a altivez, quase rispidez do caráter vêneto, nasceu no Friuli. Há uma certa semelhança e igualdade no caráter de dois grupos de povos: os navegadores, os audaciosos nautas que enfrentaram e dominaram a fúria das ondas, primeiramente pelas fortes paladas dos remos, depois pela habilidade no manejo das velas, desde os polinésios aos vikings, aos bretões, normandos e finalmente aos atrevidos navegadores ibéricos que, desafiando o tão temido non plus ultra conquistaram o Novo Mundo e os que, em solo firme tão áspero e hostil como as ondas, souberam enfrentar e superar as montanhas, seus picos, suas rochas e seus gelos perenes.

O embate, a luta, o domínio das ondas encapeladas é tão áspero e cruel como o desafio às rochas, às neves, ao gelo, aos ventos. E o vento viu formar-se em seu solo e crescerem ambos os grupos: ao leste, os vencedores dos Picos Alpinos e Pré-Alpinos; ao sul e este, os navegadores venezianos. Montanhese e navegantes são tão similares que encontramos os mesmos traços de altivez e coragem estoica nos vênets, nos lígures, nos sardos, todos montanhese ou nautas.

As invasões

O Vêneto transcorreu todo o longo período imperial romano sem grandes tormentas, sem rebeliões de porte, sempre trabalhando, produzindo, progredindo.

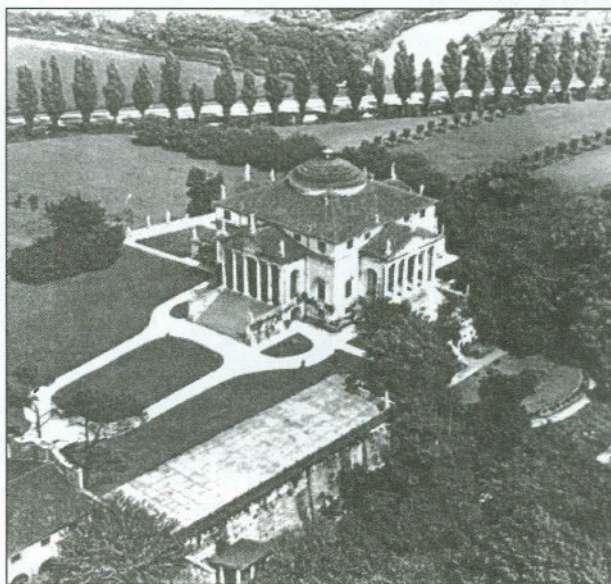
Ao desmoronar do Império Romano, o Vêneto, pela sua posição geográfica, por seus vales e planícies, seus montes e seus passos de transposição relativamente fácil, foi a região itálica que mais sofreu as invasões de bárbaros - marcovanos, godos, visigodos -, e o Vêneto foi seguidamente invadido, estripado e saqueado, seus homens assassinados e suas mulheres estupradas sem piedade pelos homens do norte, tão diferentes de Grockor, o invasor pacífico que veio ao Vêneto em busca de vida e que ali permaneceu, encantado pela beleza da região, ali ficou, progrediu e procriou...

Coroando, numa coroa mais dolorosa do que a de Cristo, o Vêneto recebeu a não desejada visita dos hunos, comandados por aquela triste figura de átila, o flagelo de Deus. Átila e seus brutos foram além, muito além de tudo quanto seus antecessores tinham feito quanto à pilhagem, carnagem e destruição. Não se satisfizeram em roubar, saquear, pilhar. Em nome de seus comandantes, ou por iniciativa própria, castigaram os pacíficos vênets com o mais completo requinte de crueldade. Inexperientes em guerras e embates armados, já sem a proteção das legiões romanas desfeitas e inexistentes, dispersas corte de tropas ineptas sem

comandantes a não ser algum centurião de moral baixa, corrompidos pelo luxo, luxúria e comodidade que o imenso poder imperial lhes havia proporcionado, os vênets pouco puderam fazer em defesa própria contra as hordas de Átila, que pôde, assim, à frente de seus bandoleiros, escorraçar por todo o Vêneto, pilhando, saqueando, roubando, matando, incendiando cidades, vilas e campos, destruindo tudo quanto não podiam carregar em seus alforjes repletos e seus carros atulhados de botim. Foram muitas as incursões dos bárbaros ao Vêneto e cada uma deixava feridas profundas, que quase nunca chegavam a cicatrizar-se antes da chegada de novas hordas.

Finalmente Átila, premido por outros chefes e por potentados de outras nações, retirou-se a seus pagos, buscando reequipar suas hostes e planejar novas incursões à doce Itália. Felizmente, o destino não lhe deu novas chances e a morte cuidou deste funesto bandoleiro, levando-o em carros de fogo a plagas mais tormentosas e infinitamente mais quentes do que as planícies e desfiladeiros do Vêneto que ele tanto apreciara e destruíra...

Ville Venete - R. Cervese



A Villa La Rotonda, construída no século XVI, é uma das mais belas do Vêneto. Situa-se na comuna de Vicenza, província de Treviso. Parcela significativa dos colonos italianos que fundaram São Caetano veio de Vicenza

Exaurido pela ação maléfica dos bárbaros, ferido profundamente até o âmago, o Vêneto tentava mais uma vez a reconstrução, quando foi devastado por nova praga: não mais Átila, não mais nenhum outro bárbaro, nenhum saqueador: abateu sobre o Vêneto a terrível peste negra, a praga que, no rastro das destruições dos bárbaros, dizimou, quase exaurindo, a população das cidades e planícies vênets. Veio a peste no rastro dos bárbaros e enegrecer ainda mais as, ruínas das cidades vênets: Padova, Verona, Aquiléia e outras, os campos e vales.

As primeiras décadas do século XIII foram de relativa calma e precário bem-estar para o Vêneto, já então consolidada a região como uma das mais importantes e produtivas províncias da Itália. Era a Itália, então, uma nação fluída, ainda desconjunta, um país cuja posição geográfica e principal-

mente administrativa eram indefinidas, ninguém sabendo ao certo quais eram as fronteiras de quem, neste algo chamado Itália. Com a completa dissolução de Império Romano, a Itália, tanto quanto a Gália e a Germânia, tornaram-se territórios campestres, sem uma diretriz comum, sem a menor consistência como administração. Pululavam reinados, ducados, condados, com território e populações camaleônicas. Surgiu em toda a Itália um colorário de chefes e chefetes, cada um montado sua corte encastelados em seus palácios. Muitos destes não iam além, no contexto arquitetônico e habitacional, de moradas rústicas onde o chefe, o senhor - muitos deles marqueses, condes e duques auto-coroados em coloridos cerimônias, viviam em estágios pouco acima de seus súbitos, vassalos ou servos, não raramente comendo à mesma mesa carcaças de cervos, porcos e javalis, todos usando os mesmos utensílios: suas próprias mãos que eram normalmente esfregadas em mangas de camisas, blusões, jibões ou pantalonas para limpá-las.

A diferença entre os barões e seus servos era que aos primeiros reservavam-se as partes mais nobres das carnes; aos segundos cabia comer, em pé ou acorados ao chão de cozinhas, ao redor dos fogos. Findo o regabofe, iam os nobres a seus aposentos íntimos a fazer a sesta repousante ou embrenhar-se em discussões com seus capitães ou prolongar os prazeres da mesa em bebericos de cervejas, vinhos, ambrósias ou qualquer beberagem disponível, vez por outras agitando dados em canecos de couro, sobraçando mulheres, tentando com inúmeras artimanhas tirar algumas moedas de seus convivas que, passivamente, aceitavam as trapaças do mandante, seja pelo seu eterno pendor de bajuladores, seja por saberem evitar a ira do poderoso se alguma manobra fosse contestada: sabiam muito bem os inferiores que o senhor era dono de tudo, incluindo a vida de seus vassalos, vida que podia terminar brusca-mente ao fim de uma inócua ou infeliz referência à honestidade do mandante.

Condottieri

Como seqüência lógica dessa enxurrada de pequenos príncipes de fancaria, surgiram, no início do século XIII, os primeiros bandos organizados de mercenários, capitaneados por condottieri, uma alcunha italiana que foi primeiramente aplicada a um cidadão francês, monsieur D'Albano, arguto provençal que, pela primeira vez montou um corpo guerreiro estruturado e disciplinado. Estes pugilos de mercenários foram formados em bases rigidamente militares, divididos em pelotões e grupos comandados por oficiais que seguiam fielmente as injunções do chefe, o condottiere. As oscilações de poder entre os inúmeros príncipes, duques e barões da Itália, especialmente as lutas entre guelfos e gibelinos, ofereceram campo fértil a aparição e crescimento de bandos de condottieri. O iniciador, o senhor D'Albano foi morto pelos seus lugar-tenentes Rienzi e Lanzo, quando o bando já somava cerca de seis mil ho-

mens da cavalaria e uns mil e quinhentos infantes, num total aproximado de oito mil homens em armas, na maioria germanos. Após o armistício de Bretigny, em 1360, que pôs fim a uma das tantas guerras entre ingleses e franceses, um bem estruturado exército de mercenários, sob o comando do inglês Howkwood percorreu a Itália, tomando parte ativa nas guerras locais nos trinta anos seguintes. As maiores contendas, as mais sangrentas lutas entre os diversos grupos mercenários que atormentavam a Itália naquele século, foram travadas em território lombardo, tendo Milão como epicentro. Coube ao Vêneto a parcela talvez mais espinhosa deste período de turbulências. Em território vêneto surgiram também príncipes e duques que guerreavam entre si ou contra mercenários franceses, ingleses, alemães... Por seu afã em trabalhar e produzir, pelas colheitas de seus campos férteis, pelos frutos de seus bosques de castanheiras, foi o Vêneto preferido para o bivaque de inúmeros grupos mercenários que lá iam ao repouso hibernal, recuperando suas energias, comendo e bebendo o que o Vêneto de melhor oferecia. Tomavam os militares, à parte melhor de tudo quanto o Vêneto produzia, requisitavam com a absoluta persuasão pelo punho de suas espadas ou mira de seus mosquetes; permitiam generosamente que o populacho retivesse as sobras, tudo quanto era de segunda escolha, permitindo que a população toda fosse bem alimentada. Já então os chefes intuía o perigo que representava um estômago vazio que não tem medo de espadas, chuços ou baionetas...

Em fins do século XIII, os italianos resolveram criar seus próprios grupos militares e produziram seus eficientes condottieri que arregimentaram, pela primeira vez, homens de uma só nacionalidade, quase todos lombardos ou vênets, organizando os primeiros mercenários nacionalistas, embrião dos exércitos nacionais regulares que iriam aparecer em toda a Europa nos séculos seguintes. Surgiram ali os primeiros chefes que deram a verdadeira expressão e o real valor ao termo condottiere. Esses chefes italianos não mais eram aventureiros em busca de botins e posses, mas conduziam milícias disciplinadas e regulares, vivendo de seus soldos e bônus. Os mercenários italianos não mais saqueavam, roubavam, estupravam como norma, pois a disciplina e o comportamento viril impostos nos acampamentos, em ação ou no relacionamento com os paisanos.

Foram esses condutores italianos que iniciaram os exércitos nacionais, cuja missão era manter a ordem nos territórios por eles dominados, lutando com denodo e ferozmente contra bandos de outras plagas em suas tentativas de conquista.

Artesãos & comerciantes

No liminar do século XIV, o Vêneto já era uma região definida e próspera. Boas cidades pontilhavam seus territórios: Padova, Verona, Mantova, Udine, ostentavam comércio e indústria

de valor. Tecidos de seda e algodão, artefatos de ferro e obras de vidro eram os principais produtos artesanais da região. A criação do bicho da seda já era notável. Em seus campos o trigo, as uvas, as castanhas, amêndoas, nozes, cerejas e ameixas cresciam e eram avidamente consumidos pelos nativos e por de outras partes que compravam ou simplesmente tomavam o que desejassem. O Vêneto foi talvez a província, entre as mais produtivas da Itália, que menos guerreou e que mais sofreu pelas guerras dos outros, seu território transformado em campo de batalha e em pontos de pilhagem e saque. Mesmo os condottieri italianos, os que formaram os primeiros grupos disciplinados, não raro permitiam a seus homens atos de bandagem, como diversão das agruras das batalhas.

Com o fim, o esfacelamento do Império Romano, o Vêneto, com toda a Itália e quase toda a Europa, mergulhou num longo período de trevas. O começo da Idade Média viu o Vêneto retalhado, passando ao domínio de um a outro reinado, mar-

serenissima república, baseavam seu poder em suas armadas, pois eram excelentes navegadores e seus almirantes raramente ou nunca perdiam uma batalha naval, retornando sempre vencedores de suas inúmeras incursões ao Levante em busca de púrpura, especiarias e ouros. Não tinham, entretanto, comandantes hábeis e conhecedores dos meandros das guerras interioranas. Confiaram, assim, o comando de seus exércitos aos conde de Carmagnola e pretenderam que este lutasse vitoriosamente contra seu antigo chefe, um Visconti... corrigiram em tempo seu erro simplesmente destituindo Carmagnola e, para impedir alguma represália, cortaram-lhe a cabeça.

Há uma diferença notável que poucos gostam de comentar: embora sendo parte integrante e importante do Vêneto, Veneza, a bizantina cidade adriática sempre se considerou algo à parte, geograficamente vêneta, mas politicamente e administrativamente altivamente Veneza, ducado, república ou cidade... Não poucos foram os chefes venezianos que marcharam sobre outras cidades do Vêneto e se comportaram como conquistadores e seus intuítos não eram libertar partes da região e consolidar a província vêneta, mas simplesmente anexar a seus domínios as partes conquistadas... Era comum ouvir de um cidadão de Veneza a assertiva enfática de ser veneziano, nunca Vêneto.

Falando ainda dos condottieri que percorreram o Vêneto: uma das facetas boas desta soldadesca, onde a cavalaria predominava é que suas lutas nunca foram muito sangrentas. Excelentemente armados e cavalgando ótimas montarias, bem vestidos os infantes, não massacravam o inimigo. Preferiam fazer prisioneiros a amontoar cadáveres. Por serem mercenários, os comandantes achavam mais útil um prisioneiro do que um morto, porque, depois de instruído, podia ser transformado em mais um infante que era levado a lutar em outras regiões, contra outros inimigos...

Ao fim do século XV, quando as grandes cidades foram aos poucos engolfadas por estados nascentes e quando a Itália, pela sua posição geográfica tornou-se o campo de batalha preferido pelos exércitos de França, Alemanha e Espanha, os condottieri, mesmo os melhores bandos italianos mais organizados, foram impotentes frente ao bando francês, as famosas gendarmes. Terminaram sendo dissolvidos e desapareceram do cenário italiano. As últimas ações, as últimas escaramuças, foram travadas em território vêneta.

O Vêneto já ostentava lindas cidades que possuíam tesouros de arte e arquitetura. Padova: a cidade das pontes elegantes que margeiam o Bacchiglione, que tem o Palazzo, imponente construção iniciada em 1218; a Loggia Gran Guardia, construída em 1495; sua universidade, já famosa no mundo inteiro, tida como uma das melhores no universo. E Padova, que trocou de mãos várias vezes, foi definitivamente incorporada a Veneza em 1405. Aquilêia é o mais importante entreposto

Acervo: Fundação Pró-Memória



Veneza, "A sereníssima", capital eterna do Vêneto. Seu encantamento atravessa os séculos, mantendo-a como a cidade mais fascinante do mundo pela singularidade de seu traçado urbano

quês, duque ou conde, na maioria vindos de outras plagas. Na vizinha Lombardia, um dos mais bem sucedidos comandantes, Francesco Sforza, a quem o pai, Muzio Sforza, deixara um poderoso exército bem estruturado e que levara à refeição a organização de grupos de homens em armas, tornou-se duque de Milão, lá por 1450. Alguns anos, antes o ducado de Milão estivera em período pela ação do condottiere Carmagnola que, a serviço da serenissima República de Veneza, foi incumbido pelo doce reinante a guerrear Sforza e Visconti e retomar os territórios vênets que os lombargos ocupavam. Carmagnola, porém, levou sua guerrilha particular a um ritmo tão lento e inconsistente que despertou a desconfiança dos oligarcas venezianos: chamado a Veneza, foi inquirido, julgado e culpado, teve sua cabeça decepada em praça pública, ante o Palazzo de São Marcos. Foi esse um dos raros erros que os venezianos cometeram, confiando o comando de seus exércitos a um condottiere não veneziano, mesmo sabendo que Carmagnola já fora lugar-tenente de um Visconti. Os doges de Veneza, oligarcas da

romano, base logística e de repouso das legiões e centúrias que levavam as águias romanas ao domínio e manutenção da Gália e da Germânia, fundada em 181 antes de Cristo. Arrasada pelos hunos de Átila, em 452; destruída totalmente por um devastador terremoto, em 1438. Após o terremoto, já longe os faustos imperiais, Aquileia foi perdendo importância e ficou aos poucos reduzida a uma pequena localidade, cuja população nunca foi além dos dois a três mil almas, se tanto. Verona - a bela; um de seus filhos mais ilustres foi o poeta Catullus, bardo romano aplaudido pelo império, mimado pelo Senado, que perambulava pelas ruas dizendo-se pobre e deserdado, sempre em busca de algum favor ou benesse, nunca revelando ser possuidor de uma vila à beira do lago de Garda e de casas em Verona e alhures. Verona tem ainda a basílica de São Zeno, o protetor da cidade, magnífico templo em estilo bizantino, erguido em 1135. Foi ainda eleita pelo inglês Shakespeare para palco da tragicomédia Romeu e Julieta, o casal romântico cujo amor não construiu, ao contrário destruiu...

Como Padova, Verona também foi engolfada por Veneza, em 1405. Culminando o martírio destas cidades e da região vêneta, quase toda a denominada Venetia foi cedida à Áustria, por Napoleão, em 1797. O truculento autocoroado imperador, achando-se um emissário de Deus na terra, dispunha de nações e povos como melhor lhe aprouvera ou melhor servia seus desígnios de conquista e domínio. O Vêneto, quase todo, foi dado aos austríacos por um potentado que, por ser filho da Córsega, era mais italiano do que francês. Caía, assim, o Vêneto sob o jugo austríaco que iria se alongar, com pequena variações ocasionais de extensão territorial, até 1918. Certamente, deve ter sido cunhada no Vêneto a fantasiosa conversa entre Fagiolino e Pulcinella bonecos de teatro italiano de fantoches que dizia assim:

“... *Dimmi Pulcinella, è vero che tutti i francesi sono ladri?...*”

“...*No, Fagiolino, tutti no, ma buona parte...*”

A verdade é que Napoleão, alcunhado pelos seus próprios compatriotas que lhe eram hostis de petit corporal, nunca foi muito benquisto no Vêneto, talvez a única região da Itália do século XIX, que nunca comemorou o feriado de cinco de maio, data da morte do corso. Não se sabe se a não comemoração foi uma decisão íntima dos vênetsos ou uma imposição dos austríacos, dominadores da região e virtuais inimigos do corso, em que pese a dádiva dele recebida. Nas escolas do Vêneto, nenhum professor declamou nunca os versos da ode que um poeta lombardo compôs num lamento à morte do déspota. Napoleão Bonaparte fez suas correrias pelo Vêneto afora e seus exércitos, onde pululavam alemães e austríacos, soube sempre tirar do Vêneto tudo quanto lhe aprouvera. As correrias dos exércitos de Napoleão deixaram sempre um

nada cheiroso rastro nos campos e nas cidades vênetsas.

E Veneza, a bela Veneza, em que campo jogava nos áureos tempos do imperador francês? Veneza foi aliada de Napoleão... Por ser considerado um estado autônomo, ex-república dos doges, governantes cuja filosofia serviu em parte à formação da filosofia de Napoleão, foi por este tratada com amizade e respeito e não foi doada aos austríacos... Nada disso surpreendeu nem magoou os vênetsos, pois Veneza sempre foi Veneza, somente Veneza, nunca sentindo-se integrada ao Vêneto; ao contrário, várias vezes conquistando partes da província...

Como sede de uma república que em pouco tempo conquistou o respeito e reconhecimento de todos, teve como ponto de partida para sua magnificência o ataque ao seu território por Pepino, o Franco, que impôs ao mundo sua condição de Rei da Itália. Pepino atacou lá por 775 d.C, tomou Chioggia e subiu o lido em busca de Malamocco, então o núcleo de poder dos venezianos. Mas estes

Acervo: Fundação Pró-Memória



Veneza

se enrincheiraram em Rialto e sua tenaz resistência, aliada aos miasmas do verão, forçaram Pepino à retirada. A concentração de venezianos em Rialto deu início a formação do estado veneziano. Cresceu o estado e tornou-se a república de Veneza, a sereníssima. Os venezianos montaram uma bem estruturada armada, ao princípio com o pretexto de defender-se das freqüentes incursões dos piratas dálmatas. E a armada foi crescendo em poder e formou a espinha dorsal da expansão territorial e econômica da república. Muitas foram as glórias da armada veneziana, mas a que mais lustrou o brasão da república foi a esplêndida vitória naval de Vittorio Pisani, ao capturar numa manobra de gênio a frota do genovês Luciano Doria, em 1380. Esta vitória marcou o início da supremacia veneziana no Mediterrâneo no comércio com o Levante.

Como todos os estados formados por governos fortes e oligarcas, a república de Veneza teve dias de glória, fausto e apogeu, e como sempre acontece, seus dias torpes e de decadência. A república de Veneza e seus doges, dinastia que começou

com Angelo Particiaco, nobre varão heracleano, foi seguindo pelos anos afora, cada doge trazendo a Veneza algo mais... O que Veneza contruiu, acumulou e legou à humanidade forma hoje um dos mais ricos e magníficos acervos em obras de arte e maravilhas arquitetônicas: a basílica de São Marcos, o palácio dos doges rico em inúmeros tesouros pictóricos e em esculturas preciosas, em seus vários salões onde obras de arte acumulam; o Museu Arqueológico, o Museu Cívico e o Museu Histórico Naval ostentam palácios e salas que rivalizam com os de Firenze. A Escola de Belas Artes é única; os Arquivos do Estado e a Biblioteca Nacional ombreiam com os melhores do mundo.

Teve a república de Veneza seus dias negros também... As intrigas políticas e as sorradeiras manobras para conquista e manutenção do poder foram tão tenebrosas e violentas como as de qualquer estado oligárquico.

Foram os venezianos, ou melhor os oligarcas de Veneza que, pela primeira vez, tornaram oficial e legítima a denúncia anônima, a espionagem individual, a calúnia sem rosto. Para, assim disseram, criar um órgão de defesa do povo, instituíram a delação pública. Na famigerada Boca de Leão, uma espécie de caixa preta instalada na fachada do palácio, qualquer cidadão podia depositar, sem ser molestado ou sequer olhado pelos guardas, sua mensagem denunciando fatos ou homens... A polícia do estado acatava a denúncia, mesmo anônima e providenciava a prisão do denunciado que era encarcerado antes do inquérito. Muitos foram os que, por simples perseguição política, por vingança ou ainda por cupidez, passaram longos meses na prisão, esperando um julgamento que tardava ou até nem chegava...

Fama triste criou a mais ignóbil prisão veneziana, os chamados Piombi de Venezia, uma espécie de ponte fechada ligando palácios sobre o Canal Grande e que tinha o telhado em chumbo grosso, tornando o ergástolo verdadeiro forno crematório sob o sol ardente do verão.

Talvez os doges, com suas prisões arbitrárias, com sua rede de intrigas e calúnias, com seus fornos tenham inspirado, séculos depois, outros déspotas que os seguiram na história. Há uma certa semelhança de origem or fornos de Veneza e os fornos nazistas, entre as prisões sem culpa formada dos doges e as iníquas prisões cautelares, ainda hoje em uso em vários países... Mas forçoso é reconhecer que, antes de cometer seus atos privados de legalidade e direito, os doges e Veneza criaram vida opulenta a seus cidadãos e foram amassando belezas que encantam todos quantos têm a ventura de admirá-las.

Diferente foram os títeres modernos: copiaram apenas o que de pior fizeram seus possíveis modelos, mas não construíram nada de duradouro e nem um pequeno cubículo onde alguma obra de arte pudesse um dia ser admirada por um visitante. Nosso respeito aos venezianos por terem superado

em alto grau atos bons em seus atos ruins. Veneza, sempre Veneza, à parte, à parte do Vêneto...

Garibaldi

O século XIX marcou o início da unificação italiana. A Itália era então um arquipélago de poder. A oeste, Piemonte e Lombardia, eram regiões italianas. O Vêneto gemia quase todo sob o tacho da Áustria que ali desmandava graças à doação do francês em 1797... Ao centro, Remagna e Toscana, formavam quase um estado à parte. Desde Roma, o estado papal ditava normas. Ao sul, a Sicília era dos Bourbons. A Córsega pertencia à França. A Sardenha, por sua vez, tinha seu próprio governo...

Em meados do século, Giuseppe Garibaldi, o herói dos dois mundos, juntou em três pequenos navios seus mil homens e zarpor das costas genovesas, atravessando o Mediterrâneo sob a velada proteção da esquadra inglesa e iniciou, com a ocupação de Marsala, sua esplêndida saga que culminaria, em 1870, com o aperto de mão do condottiere e o rei Emmanuele II, nas colinas de Fiesole. Selou-se ali a união da Itália que passou a reconhecer um único rei, Vittorio Emmanuele Secondo, Ré D'Italia. O papa, derrotado pelos camisas vermelhas de Garibaldi, trancou-se no Vaticano, onde seus sucessores também ficaram semi-reclusos, até o Tratado de Latrão, quando foi oficializado o que chamamos hoje Estado Vaticano e liberou o pontífice...

Na luta pela unificação italiana, o Vêneto pôde ter uma atuação modesta, pois os austríacos reprimiam qualquer veleidade de independência, destruindo ou tentando destruir no nascedouro qualquer associação, aparente ou secreta, que tentasse arregimentar homens e oferecer apoio aos garibaldinos.

Não puderam os austríacos evitar, naturalmente, que Garibaldi excursionasse pelo Vêneto não ocupado e o guerreiro soube infiltrar no Vêneto submisso suas pontas de lança. Certamente, projetou alguma ação de maior vulto no Vêneto livre, mas a morte de sua amada Anita, a brasileira que o acompanhava fielmente em todos seus momentos de glória ou amarguras, ceifada pelos miasmas malignos que a tomaram nos pântanos de Ravenna, derubou o homem. Depois da morte de Anita, Garibaldi foi aos poucos perdendo o gosto pela luta e arrefeceu seu ímpeto, deixando mais ao conde Camilo Benso de Cavour a tarefa de levar ao fim a unificação da Itália.

Garibaldi deixou no Vêneto sementes preciosas que germinaram e frutificaram sob as barbas dos austríacos e que formaram uma rede de informações que foram de grande valia ao governo italiano no preparo e desenvolvimento da luta contra

a Áustria. E que muito auxiliou a vitória italiana na Primeira Guerra Mundial.

Dominavam a política e a administração do Vêneto, na parte totalmente austríaca, algumas famílias da mais pura nobreza, cujas origens perdiam-se no passado e que iam em recuo além da Idade Média. Eram famílias nitidamente italianas, nas ligadas, em suas origens e descendência, à nobreza germânica, suíça, britânica e mesmo austro-húngara... Quando da unificação italiana, houve uma certa separação nas famílias nobres do Vêneto. As de formação secular puramente italiana formaram núcleos de resistência política aos austríacos, existindo entre os jovens, especialmente os estudantes da universidade de Padova, um forte espírito de rebelião; repeliam qualquer movimento de união cultural com intelectuais austríacos. Por outro lado, as famílias nobres ítalo-germânicas buscavam um entendimento cultural com a nobreza austríaca, tentando formar uma entente pacífica que pudesse levar, por meios pacíficos e

entra as várias nobrezas da Europa, aos Grunding, Fürst e outros germano-austríacos. Um de seus antanhos, o conde Guarienti foi, como coronel do exército de Sua Majestade, elevado a ajudante de ordens do imperador Francisco José; uma honraria que nada acrescentou à nobreza da família, aceita com bonomia pelos mais sensatos e com repulsa raivosa pelos fanáticos nacionalistas que forçaram uma divisão da família: uma parte permaneceu junto aos austríacos, residindo em Innsbruck; a facção mais radical formou sua sede em Verona; seus jovens extremistas indo para Mantova e Cremona. Uniram-se estes moços a outros igualmente fanáticos e formaram grupos de resistência, dentro do movimento chamado Irredentismo. Esses jovens, na maioria estudantes, criaram uma cadeia de informações sobre a movimentação administrativa e militar dos austríacos no Vêneto, informações que reuniam e arquivavam ou passavam ao governo central ou aos serviços especiais da casa de Savóia, que reinava na Itália. Nunca tiveram

êxitos de vulto, seja por serem desunidos e mal equipados, seja por não merecerem a atenção devida por parte do governo central. A casa de Savóia, de origem francesa, nunca deu muita atenção ao Vêneto, que considerava uma região secundária, de escasso valor para a unidade da Itália, seus nobres permeados como eram pela mentalidade austríaca. O governo italiano, por sua vez, descartando a ajuda dos grupos irredentos, tentou criar seu próprio grupo de ação por um bem estruturado e disciplinado centro de resistência que pertenciam os dois proto-mártires da reconquista do Vêneto - Giusti e Battisti, ambos pilhados, julgados e justicados pelos austríacos, enforcados no pátio da fortaleza que albergava o alto comando austríaco no Vêneto. Os jovens fanáticos lançaram aos nobres

pacifistas a acusação de terem traído os conspiradores e tê-los entregue ao inimigo; uma acusação injusta e que se perdeu no tempo sem que os acusadores apresentassem provas aceitáveis da pseudo-traição.

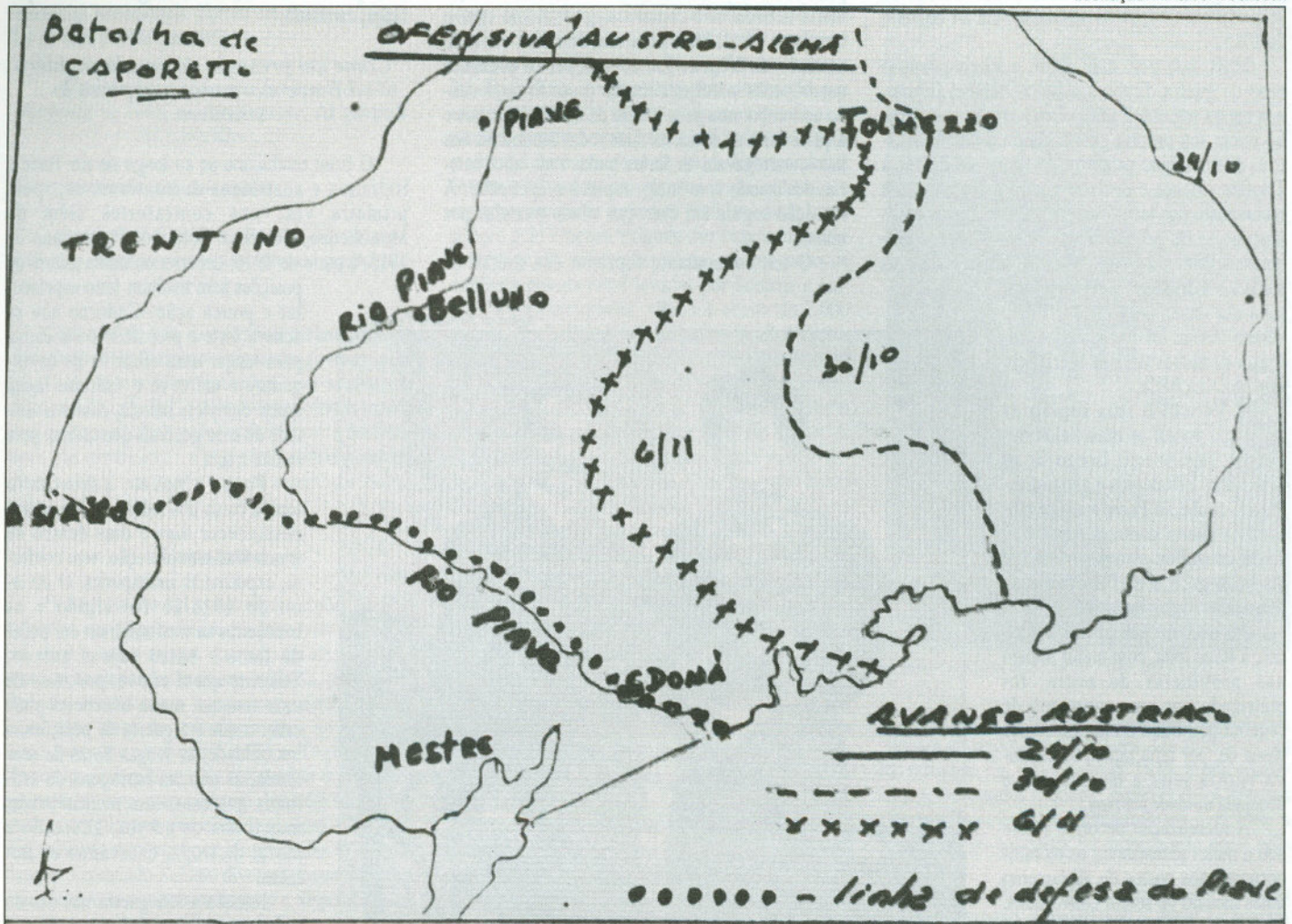
O século XX iniciou-se no Vêneto sem nenhuma novidade, sem que soasse a tão sonhada hora da independência, do retorno total à Itália, já então uma nação unida, em que dois pontos cinzentos ponteavam o mapa: ao norte/leste, o Vêneto, sob o domínio da Áustria; ao sul/oeste, a Córsega, ilha pertencente à França, uma propriedade consagrada e incontestada por todas as outras potências européias e sem nenhuma esperança de vir a ser politicamente italiana. A própria Casa di Savoia e seu governo aceitavam como lícita e legal a posse da ilha pela França, posse que datava de milênios, muito antes de Cristo e antes do surgimento de um efetivo em Roma. Seus habitantes se diziam primordialmente corsos, com maior pendor pela França. Pescadores e madeireiros, comerciavam tanto com a França como com a Itália, e não

Acervo: Fundação Pró-Memória



Veneza

persuasivos, à paulatina autonomia vêneta, até atingir a total independência da região, que se uniria, então, à Itália única. Tais famílias nobres vênetas foram execradas pelas outras e por uma parte da população, embora não merecessem tal tratamento. Não eram, como diziam seus opositos, aliados dos austríacos, nem eram submissos ao despotismo teuto. Apenas obedeciam com altivez e tranqüilidade às leis e normas em vigor, tanto quanto faziam os demais, com ódio e protestos que nada valiam, nada construíam e traziam aos renitentes represálias, muitas vezes dolorosas. Eram uma destas famílias os Guarienti, prováveis descendentes do pintor padovano Guariento que, por volta de 1380 decorou o palácio dos doges em Veneza com vários afrescos, notadamente o Paraíso, uma obra-prima que foi subsequentemente coberta por pinturas de nenhum valor, redescoberta em 1903 (!), transferida para a tela e que hoje decora o palácio dos doges, em Veneza. Os Guarienti eram vênets e italianos, mas seus antecessores eram unidos por casamento, o que era habitual



Mapa da ofensiva austro-alemã e das linhas de defesa italianas na Batalha de Caporetto

poucos eram os que em suas andanças e intercâmbios cuidassem de seus próprios interesses, mesmo à revelia das leis e normas francesas, sonhando sem escrúpulos as dízimas, taxas e impostos... Rudes ilhotas formaram em seus portos bandos de marujos que aperavam por conta própria, cometendo atos de comércio ilícito, quando não de escancarada pirataria, vez por outra juntando-se a colegas sardos em incursões de maior vulto. E o comércio fraudador dos corsos resistiu a todas as disciplinas francesas ou italianas, ou outras, até os anos 30 do século XX...

Reconhecendo a Córsega como territorialmente pertencente à França, por direito adquirido, restou à coroa italiana o espinho do Vêneto austríaco. Queria a Casa di Savoia, e queriam os políticos italianos, a volta do Vêneto à Itália, anulando a doação feita por Napoleão. Desde o início do século, iniciaram manobras e negociações visando conseguir seus desejos... A guerra ítalo-turca de 1910 anulou tais negociações, que foram totalmente abortadas quando a Itália participou da Tríplice Aliança - pacto de não agressão e parceria comercial entre os impérios alemão e austro-húngaro e a Itália. A entrada da Itália nesta tríplice aliança foi um golpe duríssimo à população do norte. Piemonte e Lombardia queriam mais um entendi-

mento com a França, pois ambas as províncias ainda cicatrizavam as feridas das inúmeras invasões de teutos e hunos, ressentidos ainda contra Alemanha e Áustria. Clamavam ainda contra o que consideravam um golpe baixo dos políticos contra a Casa di Savoia, cuja dinastia tinha origens francesas, assim como o próprio conde Camilo Benso Di Cavour. Os vênetsos ficaram estarelecidos com a jogada política de Roma. Viram na participação da Itália na Tríplice Aliança o fim de suas esperanças de independência e sentiram o golpe como uma continuidade da doação do francês-corsico e pressentiram a eternidade do domínio austríaco.

Varreu a Itália, com maior virulência nas províncias do norte, uma onda indignação e rancor. As famílias nobres do Vêneto, aquelas que tentavam um estreitamento cultural com os nobres austríacos, de imediato e bruscamente romperam todos os contatos e fecharam-se a qualquer conversa. Várias famílias deixaram a áustria e o Vêneto coupado, e foram para a Itália. Entre estas, os Guarienti, que deixaram Innsbruck e juntaram-se a seus parentes em Mantova, Milão e Genova. Cresceu e avolumou-se a indignação popular. Cresceram também as pressões de França, Bélgica, Inglaterra. As manifestações nos parlamentos e nos

clubes políticos alcançaram tamanho clamor que os Impérios Centrais se alarmaram e começaram a pressionar o governo italiano para transformar a aliança política numa férrea aliança militar, exigindo o entrosamento do exército italiano com os exércitos imperiais. Venceu o bom-senso e a latinidade. Revendo sua posição, pensando melhor seu ato insólito, o governo da Itália e a Casa di Savoia, já instalados em Roma, repudiaram a aliança e abandonaram os entendimentos com Alemanha e áustria. E, em 1914, quando França e Inglaterra entraram em guerra contra Alemanha e aliados, a Itália declarou-se neutra: não tinha permitido a passagem de tropas alemãs que buscavam, pelo passo do Brenner, um caminho mais livre, em território neutro, imunes aos ataques do inimigo ao marchar contra a França, procurando atingir sua orla mediterrânea não fortificada e fracamente guarnecida.

Como seqüência lógica desta neutralidade italiana, vieram rompimentos diplomáticos e pequenos ataques a postos de fronteira. Pressionados pela opinião pública e pelas potências amigas, ante a perspectiva de virem seu território novamente invadido pelos tedescos, governo e rei deram enfim o passo decisivo: firmaram uma aliança total com França e Inglaterra e decla-

maram guerra à Áustria, iniciando a marcha de seus exércitos contra os austríacos, em 24 de maio de 1915.

Mais uma vez, caiu sobre o Vêneto todo o peso da guerra. Embora a Itália viesse a formar, nos meses seguintes, um exército aliado, combateu no início sua própria guerra contra a odiada Áustria. A finalidade primeira da Itália, ao deixar a Tríplice Aliança e declarar guerra à Áustria, era a reconquista dos territórios vênéticos ocupados pelos austríacos. Os primeiros movimentos táticos italianos na Primeira Guerra Mundial foram levar seus soldados à fronteira italo-austríaca, toda ela desenhada em território vênético. Assim foi que soldados italianos penetraram em território inimigo... na Itália...

O Vêneto é uma região da Itália que possui os mais belos rios - Piave, Tagliamento, Isonzo são os principais. Estratégica e geograficamente, coube ao Piave a maior atuação na guerra contra a Áustria. O Piave constituiu o maior obstáculo ao inimigo e a melhor linha de defesa das forças italianas.

Ao declarar sua guerra à Áustria, a Itália toda, com maior ímpeto nas províncias do norte, foi eletrizada por um sentimento de orgulho patriótico e uma esperança rósea de, por uma rápida e definitiva vitória selar a tão sonhada e desejada unidade italiana...

A mobilização decorreu célere sob o maior entusiasmo; os recrutas correram aos postos de alistamento antes mesmo de serem convocados. Manifestações patrióticas sulcaram as ruas de Roma e de todas as cidades. Até mesmo os anarquistas e os pseudo-socialistas foram às ruas. Hinos e canções foram compostos e cantados nas ruas, nos teatros, nos bares, nas escolas. E o Piave teve também sua própria canção. Alguém compôs o livro *Del Piave* cujos primeiros versos diziam:

"Il Piave mormorava calmo e placido al passaggio dei primi fanti il ventiquattro maggio..."

E o exército italiano marchou. Batalhões, divisões e corpos de exército foram organizados e... armados. Não estava, porém, o exército da Itália preparado para uma operação bélica de tamanha envergadura. A artilharia era escassa, os transportes insuficientes, as comunicações precárias. Mas os infantess italianos tudo supriram logo no início, com seu ardor e sua vontade. Enquanto os batalhões franceses e ingleses eram levados ao front por trens e um grande número de caminhões, os esquadrões de cavalaria embarcados, homens e cavalos levados sem esforço por trens militares, os pelotões italianos marchavam a

pé e os cavalos tratavam até à exaustão. A artilharia também não contava logo de início com o transporte ideal. Mais uma vez, entraram em ação as mulas do Vêneto. Era comum ver os pacientes quadrúpedes marchar, com seu passo firme, levando ao lombo uma peça inteira de artilharia: canos e alça de mira ao meio, as duas rodas amarradas aos lados, carregavam as fortes mulas toda uma bateria, deslizando com maior rapidez o apetrecho. A munição seguia em carroças, ainda puxadas por mulas.

O rei, comandante supremo dos exércitos,

a canção do Piave enviou mensagem de fé e esperança, cantando:

*"Come un presagio dolce e lusinghiero
il Piave mormorò: non passa lo
straniero..."*

O front estabilizou-se ao longo do rio Torre e italianos e austríacos defrontaram-se, pela primeira vez, nos contrafortes além de Monfalcone, Gorizia e Tolmino. Todo o ano de 1915, e parte de 1916, decorreram numa guerra de posições sem nenhum feito espetacular e pouca ação. Cadorna não se achava forte e preparado o suficiente para lançar uma ofensiva de envergadura e manteve o exército numa quase completa inércia, contra a vontade de seus generais que ardiam para iniciar a luta.

Pouco a pouco, a frustração tomou conta dos soldados, forçados a permanecer dias e dias dentro de trincheiras sem proteção, sem conforto, expostos às intempéries. O inverno de 1915/16 foi rígido e as trincheiras se transformaram em poças de lama e barro sujo e gelado. Somente quem esteve, por mais de uma semana, numa trincheira pode saber o que é a guerra de posições, a imobilidade, as longas horas de sentinela, as súbitas barragens de artilharia que causavam poucas baixas mas roíam os nervos, alterando o moral da tropa, enervando os homens.

Iniciaram sua guerra nas asa do ardor patriótico os infantess italianos. A desilusão, o desânimo, a perda de resistência, sentimentos tão peculiares e profundos nos latinos, tomaram conta de toda a nação. Enquanto no front os soldados sofriram pela falta de ação e pelo desconforto das trincheiras, nas cidades grassava um sentimento anti-bélico; grupo de anarquistas e esquerdistas, os eternos arautos do quanto pior melhor, derrotistas e comodistas falavam abertamente nas ruas, nos bares, nas oficinas, da inutilidade da guerra italiana, da tremenda superioridade dos exércitos austríacos e alemães sobre os aliados e pregavam cada vez com mais sonoridade o armistício, o fim da guerra, a correção do que chamavam erro, cometido pela aristocracia que cercava a Casa di Savoia. Diziam: não foi o comando supremo confiado a um aristocrata? não sabia o populacho que o general-conde levava uma vida cômoda e fácil em seu castelo, onde instalara, com toda a mordomia, o quartel-general; onde passava os dias estudando mapas e compêndios, ficando comodamente frente à lareira, sem enfrentar as agruras que dominavam os soldados, a plebe e os camponeses? O comandante-em-chefe parecia esquecido do alvo primeiro da ofensiva italiana: a conquista de Trento e Trieste, os dois centros sím-

Acervo: Arnaldo Trebilcock



Jovem casal da nobreza vêneta, em foto de 1897. Ela, italiana de Verona; ele, natural de Innsbruck (hoje, Áustria)

conferiu o comando geral em campo a um general de altos méritos: o conde Luigi Cadorna, general de carreira, filho de Pallanza, sobre o lago Maggiore, onde nascera 1850. Cadorna era um brilhante oficial. Servira na infantaria, na artilharia e no estado-maior, tendo sucedido como chefe do estado-maior ao general político, por morte deste em 1914. Cadorna, ao assumir o comando geral em 1914, encontrou os forças italianas em deplorável estado e, com sua extraordinária energia e capacidade, conseguiu formar um forte aparato militar constituindo uma arma pronta a bater, e bater forte.

Ao romper as hostilidades, Cadorna assumiu o comando supremo e iniciou suas manobras, enviando logo seu exército a enfrentar o inimigo. E

bolo do irredentismo. Começaram a circular boatos e notícias intencionais. Entrou em moda o cantarolar de uma estrofe que dizia:

"... Il General Cadorna ha scritto alla Regina, se vuol veder Trieste, la guardi in cartolina..."

e, mais maldosamente ainda:

"... il general Cadorna mangia le biste-cche; e ai poveri soldati da sol castagne secche..."

Sabendo destas campanhas difamatórias e desagregantes, Cadorna exigiu do governo uma repressão a tais manifestações, que acabariam minando de uma vez a moral dos soldados, moral esta já bem abalada pelos sofrimentos e imobilidade das trincheiras... e o general, comandante em chefe, entrou em atrito com os manhosos políticos...

Caporetto

O imobilismo foi subitamente truncado pela ofensiva austro-germânica, na primavera de 1916, no setor trentino-asiago. Atacado em duas frentes, por forças dispostas de muita artilharia, as divisões italianas recuaram em boa ordem e estabeleceram uma nova linha de resistência mais ao sul, num arco que abarcava quase todo o Tagliamento. Fincaram pé e cuidaram de reorganizar o exército e planejaram uma contra-ofensiva que foi sucessivamente adiada por questões logísticas e táticas. Estabilizado o novo front, reagrupadas as forças, lançou o comando italiano diversas pequenas ações que buscavam aquilatar a força e a disposição dos austríacos, colhendo alguns prisioneiros que, habilmente interrogados pela Inteligência, forneciam sempre alguma informação de valia. A região montanhosa, quase íngreme, tinha todo o peso das escaramuças. Nesses embates, tiveram ação preponderante os alpinos, corpo de soldados especializados em varcar montanhas, recém-criado pelo Comando Supremo. Eram os alpinos homens escolhidos a dedo, de físico avantajados, na maioria homens da montanha, afeitos à escalada de montes e picos, habituados a carregar mochilas e volumes, em esforço. Vênetos, lombardos e piemonteses compunham esses batalhões de Alpinos, em sua maioria vênetos. Quando possível, sempre que os montes ofereciam caminhos e trilhas, as fiéis mulas acompanhavam-nos, para espanto dos austríacos que julgavam impossível a postura de canhões nos topos dos morros mais íngremes.

A ofensiva austríaca foi uma seqüência às várias batalhas menores que infernizaram a região no outono e inverno de 1915. Ao iniciar a guerra contra a áustria, os italianos avançaram, sem encontrar forte resistência, e ocuparam extensas regiões de território inimigo, num amplo arco que, em linhas gerais, ia do vale do Terragnolo ao vale D'Ampezzo. Tentavam empurrar as forças austríacas para além das montanhas, buscando conquistar os picos de onde o inimigo dominava os vales e planícies do Adige e do Brenta. As mais cruentas

ações tiveram como palco o norte de Cadore, ao longo do Col Di Lana, onde os italianos sofreram perdas consideráveis que poderiam ter posto em xeque toda a região vêneta reconquistada, mas que foi, finalmente, resguardada pela destruição por minas potentes com que os italianos explodiram o pico em disputa e mantiveram o domínio de toda a montanha; isto em abril de 1916. Esses embates foram efetuados em pontos cuja altitude e aspereza, em picos e montes rochosos onde havia sempre gelo e neves, exigiam dos bravos alpinos e de suas mulas proezas hercúleas, em que peças de artilharia pesada eram levadas por homens e animais a estreitos platôs, situados acima de 2.000 metros. Os italianos conquistaram muitos destes platôs, com pesados sacrifícios; foram desalojados pelos ataques dos alemães, os Alpenkorps, precedidos por imensa barragem de artilharia de grosso calibre na ofensiva austríaca de maio de 1916. Objetivo final da ofensiva austríaca era reconquistar e ocupar as planícies de Vicenza, mas foram detidos pela firme e vitoriosa resistência italiana em diversos pontos-chave, na orla do platô de Asiago.

E em suas novas posições permaneceram austríacos e italianos, refazendo energias, reagrupando forças e preparando novas batalhas. Pequenas ações e curtas batalhas seguiram-se entre maio de 1916 e outubro de 1917, quando explodiu a batalha de Caporetto. Ao permanecer inativo, ao não lançar ataques de envergadura, mesmo contra a opinião de seus comandantes, especialmente Capello, Cadorna deu aos austríacos a vantagem do primeiro bote.

Ajudados, a bem dizer efetivamente tutorados pelos estrategistas e generais alemães, os austríacos lançaram uma ofensiva pesadíssima, erichada de canhões de grosso calibre, protegendo divisões veteranas e bem municionadas. Iniciada em fins de outubro de 1917, a ofensiva austro-alemã rolou até 6 de novembro, ocupando uma enorme área do Vêneto, de Caporetto e Piave, a Asiago, a San Dona quase na foz do Piave, onde estancaram.

O desastre de Caporetto foi debatido profundamente pelo gabinete italiano, dando ouvido maldoso a acusações e intrigas, julgou Cadorna culpado e o relevaram do comando supremo. Em seu lugar foi nomeado o general Armando Diaz, comandante-em-chefe dos exércitos italianos. Assim, o aristocrata do norte, o conde Luigi Cadorna deu lugar ao plebeu napolitano Armando Diaz; estas foram as denominações e os apódos usados pela imprensa ao noticiar, com muita fala, a troca de comando... Para gáudio dos esquerdistas, socialistas e anarquistas, que já infiltravam a imprensa populista...

Foi grande o sofrimento de Cadorna ao ser aliado do comando supremo; seus comandantes sofreram também ao ver afastado o chefe que tinham - merecidamente - em alta consideração e com quem tinham planejado, executado e comandado as ações durante dois anos, sempre unidos ao redor de Cadorna, seja na euforia dos sucessos, seja na agrura das derrotas. Porém quem sofreu, quem mais sentiu o desastre de Caporetto, foi o Vêneto, foram as populações da imensa área que caía novamente em mãos austríacas e alemãs. Dois anos antes, os mesmos vênetos tinham acolhido com

Acervo: Arnaldo Trebilcock



Embarcadouro de uma villa no Lago di Sarda

vivas e flores as tropas italianas que, finalmente, tinham chegado para libertá-los. Os austríacos, ao se retirarem em maio/junho de 1915, foram apunados e molestados o quanto possível pelos vênetos que os inectivavam, mandando-os para casa a engrossar os batalhões na mobilização geral austríaca.

É indescritível o que sofreram esses cidadãos vênetos, quando os austríacos a quem se haviam juntado os alemães, reocupando seus antigos postos. Foram dias eternos de angústia e apreensão; dias e noites de perplexidade e pavor, esperando sempre surgir, a qualquer momento um soldado inimigo a apontar seu fuzil, com baioneta calada, ameaçador e... dominante.

A imprensa italiana, aquela parte da imprensa em que dominavam derrotistas, noticiou com os mais extremados exageros a ação dos austríacos na região retomada. Falaram muito em assassinatos em massa de crianças que eram espetadas as baionetas teutas e levadas ao ombro, em fieira de duas, três, até quatro criancinhas, exibidas com troféus. Falaram também em assassinatos de homens postos em fila e abatidos pela metralhadoras. Davam notícias de destruição metódica de lares nas cidades, nos vales, nos campos; diziam de vinhas destruídas, colheitas queimadas finalizando com horror supremo estupros de senhoras idosas e ... de freiras arrancadas de suas clausuras. Na verdade, não houve nenhum destes horrores, que nunca existiram, a não ser algum caso isolado e individual de pequenos saques, sempre severamente reprimidos pelos oficiais austríacos, que queriam a tranqüilidade necessária para bivacar suas tropas e solidificar suas novas posições.

Os vênetos daquela região reconquistada pelos austríacos sofreram a dor maior ao verem seus lares, suas vilas, suas cidades mais uma vez em



Queda d'água, no Tagliamento superior

mãos inimigas, estrangeiras, prepotentes e cruéis. Sofreram os vênéticos o martírio de ver as bandeiras tricolores que haviam desfraldado, com alegria e orgulho, serem retiradas, atiradas ao chão, sujo ou queimado. Sofreram os vênéticos ao ver as bandeiras e os lábaros do comando austríaco drapejando ao vento vênético. Sofreram os vênéticos a angústia de não saber o dia da amanhã, de não saber qual seria o humor e a vontade dos que tinham já dominado o país, de lá tinham sido expulsos e para lá tinham retornado, não mais para garantir pontos em território ocupado, mas agora como conquistadores, por vitória em campo raso. Foram meses de tenebras espessas, repletas de temores e melancolia.

Foi ali, nesses vilarejos e cidades reocupadas que o Vênético chorou lágrimas em brasa. Apelando para sua fibra e coragem, logo estancaram as lágrimas e cuidaram de refazer, por seus homens idosos e suas mulheres, uma nova corrente de informações que eram registradas, catalogadas e passadas ao comando italiano. E o Vênético, outra vez o Vênético, sempre o Vênético, encaixou a massa do martírio italiano. E enquanto Roma e o sul continuavam a esbravejar contra os erros de seu general, insinuando ter havido traição e convivência por parte de famílias vênéticas nobres, ligadas por amizade ou matrimônio à aristocracia austríaca; enquanto os derrotistas e oportunistas bradavam contra os traidores por eles identificados; enquanto os políticos tramavam a deposição de Cadorna e seu aniquilamento; enquanto quase toda a Itália acompanhava com desespero e aflição as vicissitudes da guerra, os vênéticos, notadamente aquelas famílias aristocratas ou não, cuidavam de montar

hospitais de sangue, abrigos e cantinas. E nesses hospitais, dirigidos por médicos, paramédicos e enfermeiras voluntários, eram igualmente atendidos e cuidados feridos, mutilados e enfermos, fossem eles italianos, austríacos ou alemães. Estes souberam reconhecer o valor deste hospitais e supriram, sempre que possível, gases e remédios.

Mesmo nos momentos mais cruciantes do desastre de Caporetto não houve, por parte da alta oficialidade austríaca qualquer deslize; todas as regras ditadas pelo respeito mútuo e pelas convenções internacionais foram seguidas e obedecidas. Não havia, evidentemente o cavalheirismo da Távola Redonda, mas não foram praticadas as atrocidades denunciadas pelos derrotistas. Soube-se, depois, muito tempo depois, que tal bomocismo austríaco não era exclusivamente fruto da elevada educação dos oficiais. A verdade era que austríacos e alemães souberam logo que sua ofensiva não alcançara o sucesso desejado e seus exércitos não tinham conquistado seus objetivos finais. A resistência tenaz dos italianos em vários pontos-chave; o deslocamento em perfeita ordem, com menores perdas de armas e materiais, especialmente peças de artilharia; a perfeita manobra tática italiana estabelecendo uma linha de defesa quase intransponível ao longo do rio Piave; o rápido reagrupamento das divisões repondo seu poder ofensivo; a perfeita união de todos os componentes do alto comando, ainda sob a direção de Cadorna; a chegada de algumas divisões francesas e inglesas; todo este conjunto de situações convenceram os austríacos de que sua ofensiva, mesmo tendo levado de roldão alguns batalhões já dizimados, mesmo retomando parte considerável de território vênético, não tivera êxito completo. Tiveram uma vitória aparentemente brilhante, mas não decisiva. Pode-se dizer que os austríacos, ao vencer a batalha do Tagliamento, estancando à margem do Piave, perderam a guerra.

O general Armando Diaz, cujo valor militar nunca foi posto em dúvida, mas cujo valor político foi de pequena estatura, teve a ventura de assumir o comando geral de exércitos que pareciam, no dizer de derrotistas e anarquistas, com a aquiescência de alguns aristocratas encardidos, irremediavelmente batidos e prontos a capitular, mas que na realidade estavam firmemente plantados ao longo do Piave e que já tinham sido recuperados, reorganizados por Cadorna e seus generais.

Com seus exércitos reagrupados, com seu armamento já completamente refeito, contando com o auxílio de franceses e ingleses, Diaz traçou brilhantemente seus planos e, depois de algumas batalhas menores de preparação e reconhecimento, lançou sua tropa além Piave. Numa sucessiva escala de ataques simultâneos e bem planejados, os exércitos italianos desbarataram as forças austríacas e chegaram à vitória final, com a cessação das hostilidades em 3 de novembro de 1918, quando austríacos e alemães firmaram o armistício. O pivô desta ofensiva final foi centrado na pequena cidade de Vittorio Vênético, na região de Treviso, constituída em 1879 pela junção de Ceneda e Serravalle, antigas sedes episcopais que possuem suas for-

mosas igrejas obras de Tiepolo e Amalteo (um pupilo de Pordenone), já famosa por suas fontes sulfurosas e salinas, Vittorio Vênético deu seu nome à batalha final que levou a vitória às cores italianas.

No dia 24 de outubro, o ataque começou com as divisões do general Giardino cruzando o Piave e rumando fulminantemente rumo a Vittorio Vênético, partindo de Conegliano. A resistência austríaca foi obstinada, mas inútil. Com uma série de ataques em vários pontos de convergência variável, Diaz confundiu os austríacos quanto ao ponto crítico de sua ofensiva. Retardados por algumas horas devido a uma inesperada cheia do Piave, foram lançados onze ataques simultâneos em pontos selecionados.

A luta foi renida e feroz. Os austríacos sentiram que seu fim estava chegando e guerrearam com toda tenacidade e valor. Em 29 de outubro, o exército italiano tomou Vittorio Vênético. Foram feitos 33.000 prisioneiros e no dia seguinte a resistência entrou em colapso. O comando austríaco ordenou a retirada, inclusive das tropas instaladas no Grappa. Neste dia as forças austríacas entraram em pânico e a retirada desfez em fuga desordenada, com o abandono pelos soldados de armas e equipamentos.

Os dias 2 e 3 de novembro, foram de total confusão, ordens e contra-ordens. O pedido de armistício feito pelo comando foi cancelado pelo imperador Carlos e reinstado logo a seguir. No dia 3 de novembro, Trieste foi tomada pela frota italiana num ataque por mar. A Áustria capitulou.

O general Diaz, cômico do momento histórico enviou, numa ordem do dia, uma mensagem a sua majestade, o rei Vittorio Emanuele III, inserindo palavras de orgulho e vaidade, ao dizer:

"... I resti degli eserciti nemici risalgono in disordine e battuti, le valli che avevano disceso con orgogliosa sicurezza..."

Terminava a guerra da Itália contra a Áustria. Terminava mais um martírio para o Vênético, a região italiana que sofrera, quase inteiramente o peso da guerra.

Tudo acontecera em solo Vênético: as primeiras lutas, as pequenas vitórias, as derrotas, o tremendo desastre de Caporetto, a apoteose da batalha de Vittorio Vênético, cerne da vitória final.

De 24 de maio de 1915 a 4 de novembro de 1918: quase quatro anos e meio de lutas, de euforias, de desilusões, de sofrimento intenso e glória imorredoura. Tudo Vênético.

E a paz, que parecia ter estendido suas asas finalmente sobre o Vênético foi ilusória. Desde os primeiros dias de 1919, o Vênético e a Itália foram sulcados pelas incursões dos comunistas que haviam dominado os derrotistas e anarquistas e formavam um grupo poderoso de perturbação da ordem pública. Insuflaram badernas, montaram geves políticas, pronunciamiento de desqualificados setores do poucho contra o que eles alcançavam de nobreza traidora, incluindo em suas verbirações a Casa di Savoia, especialmente deblaterando contra a rainha Margherita, a rainhamãe toda poderosa, espicaçando o rancor contra generais e almirantes, muitos deles aristocratas. Mais sofrimento, mais brigas, mais assassinatos,

mais lutos sombrearam a glória da vitória guerreira. Junto com outras regiões da Itália, o Vêneto foi sacudido por lutas políticas de bastidores que levaram a Itália ao caos quase total nos anos de 1920, 1921 e parte de 1922. Muito se brigou, muitos foram as lutas de punhais e revólveres entre comunistas e nacionalistas. Um político ladino, deputado eleito à Câmara, pela primeira vez em 1913, - Luigi Federzoni - fundou, em 1920, o movimento nacionalista, logo transformado em Partido Nazionalista que organizou seus grupos para-militares. Parodiando Garibaldi, os nacionalistas de Federzoni vestiam uniformes: calças cáqui e camisas azuis, o azul símbolo da paz e cor da Casa di Savoia.

Contra esses nacionalistas lutavam numa luta sórdida, nas urnas e nas ruas, os comunistas e socialistas que queriam levar a Itália ao mundo estreito da extrema esquerda. Neste período tão conturbado, o Vêneto, ainda o Vêneto, foi palco de uma aventura perigosa montada por um poetaastro metido a gênio. Este poeta, que discursava com convicção e carisma, sentiu-se dono da verdade e encasquetou que a Itália devia alargar suas fronteiras e conquistar parte senão toda a Istria, em detrimento da Iugoslávia, nação criada artificialmente pelos aliados vencedores da guerra. Queria o aventureiro restabelecer a Décima Região Itálica, num sonho absurdo de resuscitar a Roma antiga... E o poeta - Gabriele D'Annunzio - nome altissonante criado por ele próprio, não nome de família, juntou um punhado de desperados num núcleo militarizado que chamou Arditi (...Temerários...) e, sem consultar ninguém, sem nenhuma autorização do governo central, marchou... e conquistou a inerme localidade de Fiume (Rijeka). Poucos dias depois, retirou-se com seus homens batidos e desarmados... Frustrado em sua megalomania de conquistador, o sr. D'Annunzio fez contatos políticos com Federzoni e depois com outro deputado eleito pelo Partido Socialista, de onde defenestrou montando mais um partido cujo programa, decalogo e plano de ação foram elaborados por D'Annunzio. O Vêneto e outras cidades italianas viram nascer em seus solos grupos de combatentes arruaceiros, cristalizados em dois polos antagônicos: os comunistas que absorveram socialistas e anarquistas e os fascistas, que engolfaram nacionalistas e savoiardos. O resultado destas lutas sorradeiras e sórdidas levaram à famigerada Marcha sobre Roma, em fins de 1922.

Sob a proteção da rainha Margherita, o sr. Mussolini tomou o poder e subjugou a Itália impondo a hegemonia da direita, num domínio que durou até 1944. Em 1923, a tranquilidade de uma paz imposta, deu ao Vêneto a possibilidade de reorganizar sua vida, modernizar sua produção e progredir.

Em 1944, com a queda do fascismo e a repetição do rompimento de uma aliança espúria, a ida da Itália ao concerto das nações aliadas, mais uma vez o Vêneto sofreu meses de hediondo domínio tedesco. Vittorio Vêneto a cidade-base da ofensiva vitoriosa de 1918, sofreu a violência de alojar um alto comando alemão e, muito pior, um centro de operações das S.S. e da Gestapo.

Como amargo consolo, dentro do infortúnio da nova ocupação alemã, teve o Vêneto uma ale-



Panorama de Friuli

gria: a República de Saló, a mais fantasiosa e carnavalesca república do mundo, criou-se, fermentou e desfez-se em podridão, à margem do lago de Garda, felizmente em terra lombarda, salvando o Vêneto da contaminação cancerosa de uma aventura final do fascismo.

Esta é a saga do vêneto. Buscamos em nossa narrativa salienta a formação do elevado caráter dos vênetos. O longo rol de sofrimento; as inúmeras invasões e ocupações, desde os bárbaros do norte até a mais recente ocupação nazista, foram como ondas de fogo que forjavam em aço a alma vêneta. Ao sofrer longos períodos de ocupação, usurpação e destruição por várias tribos bárbaras, por legiões romanas ou por modernos bandos sobrebamente organizados e armados, todos ávidos em saquear, explorar e rapinar o Vêneto inteiro, souberam os vênetos construir um cidadania própria, um caráter sólido formado pela altivez, a coragem e a vontade ferrea. Os iniciadores deste caldeamento de sentimentos patrióticos e regionais, foram os jovens aristocratas do início do século XIX, aqueles jovens que humilhados pela estúpida doação napoleônica, viram uma grande parte, quase toda a região vêneta calcada sob os tacões truculentos da soldadesca alienígena, de costumes, línguas e caráter tão diferentes e tão afastados do sentimento latino. Reagiram internamente, criando os primeiros núcleos de nacionalismo puro, sem máculas.

Muito deu, à Itália e ao mundo, a comunidade vêneta. Padova, Pavia, Udine, Aquileia, Verona, Trento foram um colar de cidades em que sobram expoentes da arte, da literatura, da cultura, de uma vida sadia e produtiva. Pérola entre perolas, Vittorio Vêneto, ostenta o orgulho de ter sido a pedra fundamental da arrancada que libertou o Vêneto, soldando e cimentando a unidade italiana.

(*)Arnaldo Trebilcock, brasileiro, estudou na Europa e terminou os seus cursos numa universidade italiana. Foi redator-chefe da Tribuna das Estâncias e redigiu os artigos de fundo da Tribuna Latina. Doutor em Ciências Comerciais, atua como agente-geral para o Brasil de empresas fabricantes de maquinário e equipamentos para indústrias petrolíferas, petroquímicas e farmacêuticas

Notas (por ordem de citação)

- Grockor** - ? nome fictício;
Vèneti - nome de duas antigas tribos da Gália Celta;
Augustus - Caius Julius Ceasar Octavianus, imperador de Roma;
D'Albano - Monsenhor Montreal D'Albano - aventureiro provençal, primeiro a dar corpo aos mercenários e primeiro condottiere;
Strabo - Pompeius Gracus, côsul. Promulgou a Lex Pompeia. Impôs ao Vêneto, em 87 a.C., a ius latinum. Morreu fulminado por um raio no mesmo ano;
Quadi marcovanos - tribos bárbaras que invadiram o Vêneto;
Atila - rei dos Hunos, coroado em 453; chefe bárbaro cruel e sanguinário, chamado de O flagelo de Deus;
Hawkwood - John, aventureiro inglês que fez fortuna e ganhou fama como condottiere nas guerras itálicas, no século XIV;
Sforza - Francesco, filho natural de Muzio Sforza, primeiro duque de Milão - empossado em 25 de Março de 1450;
Carmagnola - Francesco Bussone, condottiere. Serviu Filippo Visconti. Em 1425, bandeou-se a serviço do Doge de Veneza. Julgado e condenado por alta traição, foi decapitado em praça pública, em 5 de maio de 1432;
Catullus - Gaius Valerius; poeta lírico de alto valor, nascido em Verona, circa 87 a.C. Morreu em Roma, circa 57 a.C.;
Pepino - alcunhado de O Breve, terceiro varão de ilustre família. Rei da Francônia, conquistador da Gália Nórdica, Germânia e regiões limítrofes;
Garibaldi - Giuseppe. Herói da unidade italiana. Combateu no Brasil e na Itália. Sua amada companheira foi a brasileira Anita;
Cadorna - Luigi. Conde, nascido em Pallanza, sobre o Lago Maggiore. Serviu na infantaria e na artilharia. Foi elevado ao estado-maior em julho de 1914. Primeiro chefe geral (Comando supremo) das tropas italianas na Primeira Guerra Mundial. Morreu em 21 de dezembro de 1928;
Diaz - Armando. Oficial de alto valor e capacidade, napolitano. Planejou e dirigiu, até o triunfo final, a chamada batalha de Vittorio Vêneto;
D'Annunzio - Gabriele. Poeta, aventureiro. Foi o criador de filosofia ultra-nacionalista, raiz do fascismo. Seu nome de família foi riscado dos registros, por interferência de Mussolini. Dizia-se que seu nome verdadeiro era Giuseppe Rapagnetta, mas não há confirmação oficial a respeito;
Federzoni - Luigi. Deputado em 1913. Fundou o movimento nacionalista (os camisas azuis) engolfados pelo Fascismo. Ocupou vários ministérios e foi Presidente do Senado e da Academia Italiana

A centenária festa do padroeiro da cidade : São Caetano

Oscar GARBELOTTO (*)

Acervo: Museu Municipal



A Irmandade de Santo Antônio, em foto de 1906. Da esquerda para a direita, em pé: Antonio José Capuano, Raimundo Ferrari, Antonio Roveri, Giacomo Fiorotto, Francisco Quierardi, José Furlan. Sentados: Gaetano Garbelotto, Celeste De Nardi, Domingos Biage e Angelo Moretti. Cabe observar que, da primeira diretoria, em 1879, apenas Gaetano Garbelotto continuava como membro. Celeste De Nardi também integrou a diretoria de 1884

A população de São Caetano do Sul participou, encantada e, em alguns momentos, emocionada, da que foi denominada I Festa Italiana da Rua. A emoção tomou conta da enorme multidão participante da procissão em homenagem ao santo que deu nome a cidade. Era perceptível este sentimento aumentado à medida que o grande cortejo religioso, precedido pelo andor iluminado de São Caetano, aproximava-se da velha matriz. Homens e mulheres - muitos deles recordando a infância transcorrida no bairro da Fundação, a velha Barra Funda - não puderam impedir lágrimas emocionadas. Entre esses, lado a lado, os primos João Garbelotto e Mario Dal'Mas, ambos nascidos na Fundação na década de 20. Com certeza, rememoravam, saudosamente, as grandes festas do passado... Integrada aos festejos de 116º Aniversário da cidade, a I Festa Italiana de Rua, foi patrocinada pela Prefeitura e contou com a participação de grande número de entidades assistenciais. Além das paróquias locais, representadas pelos seus vigários, organizadores da procissão. A realização do evento ficou a cargo de comissão designada pelo prefeito Antonio Dall'Anese, assim composta: Aleksandar

Jovanovic, Alarico Sukadolnik, Paulo Vuillieme, Antonio de Fabrizio, Péricles Arcuri Gastaldo, Oscar Garbelotto e Djair Dias. O Círculo Italiano de São Caetano do Sul, pelas suas naturais afinidades, teve notável e decisiva participação na organização do evento, secundado pela Sociedade Amigos do Bairro da Fundação.

A festa foi o resultado de um feliz encontro de opiniões que aflorou na Comissão de Festejos. Refiro-me à própria vontade do prefeito Dall'Anese, que encontrou perfeita ressonância em idéias que germinavam na cidade graças às atividades da Fundação Pró-Memória, esta, por sua vez, em perfeita sintonia com a Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura de São Caetano, através da revista *Raízes*. As reuniões sucederam-se e, com rapidez, a idéia estava concretizada juntamente com o Círculo Italiano, sob a presidência de Giorgio Guardalben, e com Antonio de Fabrizio e com a Sociedade Amigos do Bairro da Fundação (através de seu presidente, Dércio da Silva, e diretores).

A restauração da nossa memória histórica, restabelecendo tradições que surgiram no Bairro Fundação, ainda no século passado, era o grande

objetivo dos pesquisadores da história e do prefeito. A feliz união de esforços, vindos de todos os recantos da cidade, tornou a idéia um sucesso sem precedentes.

A irmandade de São Caetano

Em torno da igreja e da religião é que aconteceram todos os fatos em São Caetano, naqueles primeiros e difíceis anos para os colonos italianos. As necessidades básicas e coletivas dos colonos começaram a ter melhor atenção a partir do momento que estes se organizaram em torno de uma irmandade, era a Irmandade de São Caetano constituída por Celeste Pantalto, Gaetano Garbelotto, Francesco Coppini, Giuseppe Ferrari e Giovanni Peruch. O compromisso da nova entidade foi aprovado pelo então bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, em 8 de maio de 1879. Dela faziam parte também famílias de São Paulo e era seu membro nato a pároco do Brás.

Segundo José de Souza Martins (1), a irmandade possuía atividades religiosas e sociais. Entre as religiosas atrelava-se um calendário da igreja onde constava a festa de São Caetano, no dia 7 de agosto. Havia a obrigação de se fazer "missa cantada e mais atos de adoração e festividade que puder e quiser fazer o provedor".

O historiador Ítalo Dal'Mas entende que a criação da Irmandade de São Caetano foi um fato de muita importância, considerando que em torno dela cresceu a cidade (2). Num núcleo com tantas dificuldades sociais e econômicas, a formação de tal tipo de associação e com tantas atribuições como tinha a Irmandade, foi um fator extraordinário de união entre os moradores da colônia.

Talvez, não por coincidência, a fundação da Irmandade ocorreu exatamente quando terminou a concessão de subsídios oficiais aos imigrantes, em junho de 1879. Assim a comunidade antecipou meios de se proteger e auto-ajudar da irmandade, fundada em 8 de maio do mesmo ano.

É de se supor, por essa primeira referência documental, que o padroeiro São Caetano teve sua data, desde cedo, comemorada na colônia. Pelo menos a partir do ano de 1879, dois anos após a chegada dos pioneiros italianos. A presença de pessoas de fora da colônia - além dos religiosos que oficiavam a missa - é uma hipótese que não pode ser desprezada, particularmente levando-se em conta que a Irmandade de São Caetano além de

entidades religiosas, ligada aos aspectos temporais e contemplativos, atuava no campo social e político. Era, inclusive, a entidade representativa da colônia, pois reivindicava às autoridades provinciais os direitos dos colonos. Também era de sua competência cuidar das reformas que se faziam necessárias na capela, diante do completo estado de abandono em que foi encontrada em 28 de julho de 1877.

Por isso, a Irmandade de São Caetano passou a organizar festas e comemorações religiosas arrecadando fundos para cumprir seus objetivos.

As mudanças

A velha capela beneditina era pequena. Suas dimensões alcançavam 9,5 metros de comprimento por 4,4 metros de largura (3) e, desde logo, mostrava-se reduzida para atender aos anseios religiosos dos italianos. Era natural a preocupação primeira, em reformá-la para, gradativamente, aumentar sua capacidade de abrigar as famílias cada vez maiores.

Tudo indica que Celeste De Nardi, aqui chegado em 1877 com 19 anos, filho de Giovanni De Nardi, tenha sido o principal artesão que comandou em 1879 a primeira reforma da capela. Ele era tido como o capomastri, exímio construtor, e tem seu nome ligado às principais construções da cidade (4).

As fontes são contraditórias em relação ao ano em que foi erguida a nova igreja, substituindo a antiga capela. João Caldeira Neto (5) afirma que a igreja atual foi construída em 1883, José de Souza Martins em seu opúsculo *A escravidão em São Caetano*, de 1988, acompanha esta referência. No entanto, em obra mais recente, O Subúrbio, de 1992, afirma à pág.193 que a fundação da Società di Mutuo Socorro - Principi di Napoli foi num domingo, 11 de dezembro de 1892, realizada "... na Capela,

Acervo: Museu Municipal



13 de junho de 1908: é a primeira foto da igreja que chegou aos nossos dias. Mostra um flagrante momentos antes da saída da procissão em louvor a Santo Antônio. Sobre a nave, junto aos sinos, surgem as palavras Viva Santo Antônio. O clima é de festa: festa incomum, digna de ser comemorada de maneira diferente e até merecer uma fotografia...em 1908. Ao que parece, quase toda a população da então colônia de São Caetano estava presente. Provavelmente, esse momento foi o da inauguração da nova igreja...

onde seria construída depois a Matriz Velha."

Preferimos interpretar tantas dúvidas analisando pelo que seria a realidade dos fatos. Os colonos, sabidamente pobres, naquela época, não dispunham de recursos suficientes para enfrentar mudanças rápidas na capela. Por sua vez não consta terem recebido ajuda oficial para realizar as obras a curto prazo. Logo, a construção da nova igreja foi um processo lento, gradual, que teria levado mais de três décadas.

Para tais conclusões, podemos acompanhar os relatos feitos pelo 1º Vigário da Paróquia de Santo André - que abrangia São Caetano - Pe. Luiz Capra, no Livro do Tombo da Paróquia. Ele afirma que a Irmandade de São Caetano promoveu uma grande festa em 1883, em louvor a São Caetano e

pela notícia da nomeação de uma "... comissão diretora das obras da capela que se projetava erigir e fundar (sic) no Núcleo Colonial de São Caetano".

Acrescenta a nota que, a comissão era integrada pelo vigário do Brás, padre Antonio Rubini (presidente) e por Carmine Bazille (deveria ser Barille), Celeste De Nardi, Carmine Perrella, Luiz Fiorotto e Caetano Garbelotto. Esta comissão foi nomeada em 22 de outubro de 1898 e outra, quase dois anos após, em 17 de março de 1900, constituída pelo padre Remígio Pezzotti, na qualidade de capelão e pelos membros João Vicentim, Bartolomeu Mattiela, Francisco Fioroto e Luiz D'Agostini, com as mesmas atribuições.

Acervo: Museu Municipal



Em 28 de junho de 1927, após a missa campal, a população, reunida diante da Matriz, ouve os discursos que antecederam à inauguração da lápide em memória dos fundadores da cidade. Pode observar-se o palanque que abrigava as bandas e os leilões e, mais ao fundo, à esquerda, as barracas de sorteios

que, desde 1884, o povo começou a nomear uma comissão de fabricantes que tomava conta da capela (6). Fabriqueiros era a denominação adotado para identificar as pessoas que cuidaram, naquele ano, da conservação da capela. Tudo leva a crer que, no ano de 1884, teria acontecido a primeira e significativa alteração da capela, justificando a observação de Renato Bellucci in *Pagine di verità e di vita*, em 1927 (7): "nel 1884 fu completamente restaurada ed ingradita la chiesa". A certeza de que o ano de 1884 foi apenas de restauração e de pequenas alterações na capela é reforçada

pela notícia da nomeação de uma "... comissão diretora das obras da capela que se projetava erigir e fundar (sic) no Núcleo Colonial de São Caetano". Acrescenta a nota que, a comissão era integrada pelo vigário do Brás, padre Antonio Rubini (presidente) e por Carmine Bazille (deveria ser Barille), Celeste De Nardi, Carmine Perrella, Luiz Fiorotto e Caetano Garbelotto. Esta comissão foi nomeada em 22 de outubro de 1898 e outra, quase dois anos após, em 17 de março de 1900, constituída pelo padre Remígio Pezzotti, na qualidade de capelão e pelos membros João Vicentim, Bartolomeu Mattiela, Francisco Fioroto e Luiz D'Agostini, com as mesmas atribuições. Finalmente, uma terceira comissão, em abril de 1906, teve a atribuição de concluir a Capela (8).

Correto, portanto, é afirmar que o início da construção da nova igreja, ocorreu em 1883, e os festejos em louvor a São Caetano tiveram início no século passado para garantir a continuidade das obras do templo religioso. A forma de realizá-los, apesar dos anos, pouco mudou, mas, em compensação, a denominação dada aos homens que lutavam por aquele objetivo, os fabricantes, perdeu-se no tempo. Talvez, a última

CONVITE

*a casa honrosa
presença*

*a casa valerosa
nascimento*

antecipadamente agradecida

a Comissão Organizadora

São Caetano, 1-8-29

Paróquia de São Caetano

FESTA DO PADROEIRO

Paraymphada pel. Excm. Conde Alexandre Siciliano

PROGRAMMA

7 de Agosto - dia de São Caetano - Santa Missa às 7 horas por intenção de todos os conparadores da Festa.

8, 9 e 10 Solenne tríduo

11 de Agosto - Alvorada - Missas às 5,20 7 e 10 horas, sendo esta cestada, dizendo os Evangelhos, a Oração Panegyrica a Rev.º Padre Dr. Custódio Liberal Pinto, digníssimo Vigário de S.ºs. Epifânio, da Capital.

As 14.30 horas imponente procissão, e à noite

----- FESTEJOS EXTERNOS -----

Com o concurso da Banda de Musica de Força Publica do Estado que dará um concerto das 18 as 22 horas e do conjunto musical "VOLEIROS DO SERTÃO".

A Festa terminará com um atrahente espectáculo pyrotechnico, dando-se antes deste o cortejo de dois selinhos premiados: uma machina «Singer» e um aparelho de Radio alto-falante «Telefonia».

Auto em cartões de Banca de Força Publica, "Voleiros do Sertão" e lista de artistas, serão observadas as acomodações especiais para casadas, solteiros e pessoas de Estado Civil.

Convite expedido para as festividades de 1929. O original pertence a Mário Botteon

vez que se mencionou o termo foi com o 1º Vigário de São Caetano, padre João Batista Pelanda, que, em 9 de janeiro de 1924, pediu licença para construir o Conselho da Fábrica devido à "necessidade de prover aos inadiáveis consertos da Igreja de São Caetano, cujo frecho ameaçava ruir" (9).

A inauguração da nova igreja

Não há registros que mencionem uma provável inauguração da nova igreja mas, tudo leva a crer, houve um momento especial para marcar o fato.

É o que mostra a primeira foto que se tem notícia, onde surge a igreja, pela primeira vez. A foto mostra a saída de uma procissão em louvor a Santo Antonio, em 13 de junho de 1908.

No arco da igreja está o andor com a imagem do santo, tendo logo à sua frente os componentes da banda. Estandarte e lanternas, pessoas bem vestidas, tudo indicando um momento muito importante. A igreja, ainda sem reboco, mostrava os sinais da construção recente: os buracos dos andaimes ainda são bem visíveis. O ambiente festivo se completava com os arcos de bambus, altos e imponentes, bandeirolas e barracas à esquerda no Pátio de São Caetano, antiga denominação da atual Ermelindo Matarazzo. Ao alto, as palavras Viva Santo Antonio completavam a cena. Não se pode afirmar que aquele momento foi o de inauguração da igreja já que, com certeza, a obra, mesmo inacabada, como surge em 1908, tivera seu início algumas décadas antes e nunca deixou de ser utilizada pelos fiéis. Mas o que nos leva a deduzir pelo momento especial daquela fotografia, é o fato de que a comissão nomeada em abril de 1906, foi construída com a finalidade de concluir a capela.

As grandes comemorações

Muitos são os relatos que chegaram até os

dias atuais confirmando a tradição anual de comemorações religiosas e sociais em épocas juninas, prolongadas até o dia comemorativo do santo padroeiro, 7 de agosto. Afirma-se que os festejos tinham início no dia de Santo Antonio de Pádua, muito reverenciado pelos italianos e seus descendentes. É de se supor, que desde cedo, os habitantes de São Caetano se deram conta da importância de suas presenças em terras de Tijucuçu. Como decorência natural, a inclusão da data de sua chegada - 28 de julho - como comemoração da data da fundação da cidade.

A opinião de Nicola Perrella

O festejado memorialista Nicola Perrella, em

seu livro *Entre as torbas de São Caetano*, onde narrou sobre fatos de nossa cidade após o início deste século, com entusiasmo incomum, escreveu sobre os festejos de São Caetano (10): os festejos começavam com a festa de Santo Antonio e prosseguiam com a festa de São João, a grande festa de São Pedro e, por fim, a inesquecível festa do padroeiro. Em sua narrativa refere-se às semanas que se passavam em festas", mas ressalva "que tudo era festejado após a luta de nossos trabalhos", atraindo a presença de gente vinda de outras regiões. De São Paulo, o trem conduzia visitas e das vilas dos Meninos (hoje Rudge Ramos) e de São Bernardo, cavalos e carroças trazíamos contentes, quase todos das mesmas origens.

As dificuldades de toda ordem não eram fatores impeditivos para que a população se empenhasse para o brilho das festas, sempre tendo como ponto de partida a velha capela. As ruas adjacentes à igreja recebiam enfeites de arcos de bambu e bandeirinhas multicores. Em volta do grande coreto, reuniam-se os afeiçoados das bandas musicais e dos leilões de prendas de todos os tipos.

É de se supor que a língua oficial dos leilões era o italiano, até, pelo menos, o final da década de 30. Afinal, foi a partir de 30 de janeiro que as atas da Sociedade de Mútu Socorro Príncipe Di Napoli começaram a ser lavradas em português. Perrella descreve cena de um leilão em um misto das duas línguas, quando não em puro Vêneto: "(...)due e quinhentu...A garrafa é mia per due e quinhentu...". Tudo era leiloado: cabritos, leitões, bezerras e frangos e até beijos de moças mereciam altos lances.

A tradição de ornamentar as ruas próximas à igreja nas festas acompanhou a vida do Bairro Fundação. Os arcos de bambu, o coreto, as barracas improvisadas foram substituídas por arcos brancos de madeira, ostentando lâmpadas e barracas fornecidas pela Cia. Antártica. Por alguns anos, os arcos estendiam-se pelas ruas 28 de julho, Mariano Pamplona, Rio Branco, iluminando-



O velho altar da Matriz Velha de São Caetano (ao fundo), no Bairro Fundação, antes de 1947, todo em madeira trabalhada. Foi substituído pelo atual devido à ação do tempo e dos cupins

Os fogos de artifício: o anúncio e o encerramento das festas

GRANDIOSOS FESTEJOS

Em louvor ao Padroeiro de SÃO CAETANO DO SUL e pró construção da CASA PAROQUIAL

Dias de Quermesse
AGOSTO - 11-12-18-19-25-26
SETEMBRO - 1-2-7-8-9-15-16

*** PROGRAMA ***
 Terças das 9-10h15 - as 19 horas - duas noites - com prosa

Das 12 - Horas da 6 e da 8 horas
 Bico contê - 2-20 horas

As 16 horas - prosa e música de São Padroeiro e
 Despejo de Santíssimo Sacramento

Terminadas as celebrações religiosas, realizar-se-á a Quermesse com
 Jogos e outras diversões.

No tempo de Baticão, haverá as festas locais: Sermão de
 Quermesse, Ban. Social, Café, Biscoito, etc.

As refeições poderão ser antecorridas nos
CASAS PAROQUIAIS

CASA PAROQUIAL
 Rua do Padre, 100 - São Caetano do Sul - SP

A COMISSÃO
 Presidente: ...
 Vice-Presidente: ...
 Secretário: ...
 Tesoureiro: ...
 Membros: ...

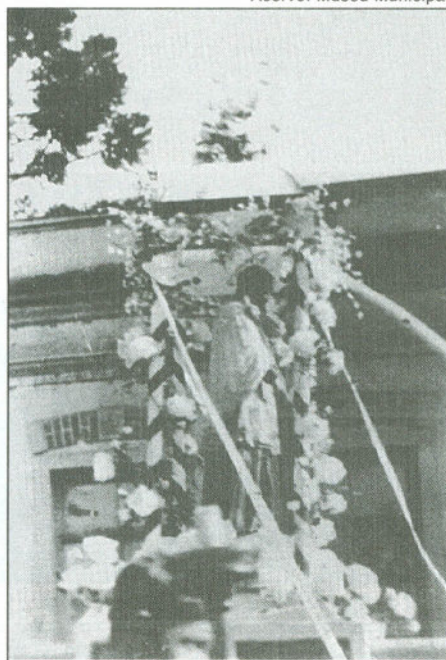
Programa dos festejos de 1956, publicado no jornal A Folha de São Caetano do Sul, em 12 de agosto de 1956

grandes trechos do bairro. Os moradores mais antigos ainda lembram do clima de festa com a simples chegada dos caminhões da Antártica, descarregando no largo da matriz as barracas a serem montadas.

A molecada - como eram chamados os garotos - acompanhava todos os lances da preparação da festa. Acredito não ser muito diferente nos dias atuais.

A tradição determinava que os fogos fossem o encerramento das festas. Nicola Perrella também ressaltava a presença constante do fogueteiro: "Por esse tempo, sentia-se no ar um cheiro à polvora queimada. Era o cheiro dos rojões que espucavam de instante a instante pelo alto, era o fogueteiro alertando a tudo e a todos que as grandes festividades estavam iniciando..."

Tudo entre os antigos caetanenses seguia o rito de tradição. O fogueteiro bem como o leiloeiro eram lugares ocupados pelas mesmas pessoas. Não há notícias sobre os nomes que, através dos anos, ocuparam tais posições. Afirmam que Antonio Barile foi um constante leiloeiro por volta dos anos 20. Mais recentemente outros nomes são citados como constantes fogueteiros: Arthur Garbelotto (o Arturo), Luiz D'Agostini (o Gijo) e Tadeu D'Agostini (o Déo). Eram estes que, durante longos anos, cuidavam de contratar os espetáculos finais e também anunciavam o início dos festejos, com rojões. Tais rojões faziam a festa da molecada, que corria atrás das varetas para suas coleções. Eu, seguramente, era um destes colecionadores durante a década de 40. Mas cuidar dos fogos não era tão simples assim. Havia a necessidade de uma certa organização. Durante todos os dias de quermesse, os fogueteiros eram incumbidos de soltar rojões para incentivar a participação nos festejos. A grande apoteose na noite final, esperada com muita ansiedade, era coroada com os fogos de artifício encomendados dos fabricantes do Moinho Velho, a família Albanese, que encantava o Brasil com sua arte em fogos. Na parte religiosa, os rojões precediam o início das procissões, pois chamavam os fiéis para participar da caminhada de fé e, para as missas comemorativas, os fogos também anteci-



Em 1926, o andor de São Caetano, enfeitado com flores, percorre, em procissão, as ruas do Bairro Fundação. A foto foi tirada em frente ao número 214, da rua Perrella

pavam o início, enquanto uma bateria de 21 tiros - colocada ora no Largo da Matriz, ora defronte à casa dos Scarparo - acompanhava o solene ato de consagração junto com o repicar dos sinos.

Thereza Piccolo Garbelotto, esposa de Arthur, na noite de 23 de julho de 1988, um dia antes de falecer, aos 78 anos, comentou muito sobre sua vida e a de seu marido. Ao descrever a festa, fez questão de salientar a intensa participação do marido, particularmente nos contatos com a Antártica e como organizador dos fogos. Durante muitos e muitos anos, dedicou-se à festa, contratando, com os Albaneses, os fogos que acompanhavam os festejos até o encerramento. Era a época, também, em que Antonio Garbelotto, pai de Arthur, admirador e ativo participante das comemorações, organizava grandes caravanas de funcionários da Antártica de São Paulo para participar dos festejos locais.

Quando assistiu à missa campal em comemoração aos 116 anos de fundação da cidade, em 1993, com certeza sentiu os ecos da tradição centenária. Refiro-me, neste particular ato, ao momento solene da consagração, quando a oração sacerdotal foi acompanhada de sinetas dos coroinhas, repicar dos sinos, salva de 21 tiros e hino nacional. Tudo como era antigamente...

Apenas para completar o quadro geral dos festejos, sempre narrados por Nicola Perrella, destacamos o papel das bandas de música, particularmente a mais famosa delas, a da Sociedade de Mútuco Socorro Principe di Napoli. Era a Banda Casa da Savóia, regida pelo maestro Gioacchino Capocchi, que conseguiu transformar pessoas rudes, lavradores, alguns analfabetos, em uma banda reconhecida em todo o Estado. Perrella refere-se aos seus componentes como "homens do barro e das torbas" que vestiam uniformes de gala, animavam todos os festejos.



Este era o Corpo Musical Casa de Savóia, fundado e dirigido pelo maestro e compositor Gioacchino Capocchi, e mantido pela Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli. A foto, do início do século, mostra homens - italianos e descendentes dos primeiros colonos - orgulhosos da fama de que a banda gozava em São Caetano e outras cidades paulistas. Nos festejos da cidade, era presença obrigatória



Uma procissão à rua 28 de Julho, cerca de 1935, segundo Marcelino De Nardi. É bem visível ainda a rua de terra, tendo ao fundo a igreja matriz com a cúpula concluída. à esquerda, o açougue de José Lorenzini e o armazém de Arthemio Lorenzini, A Feira da Matriz. à direita, a casa dos Martorellis e a casa de Massimiliano Lorenzini. As Filhas de Maria, bem à frente, carregam o andor de Santo Antônio

O que falam outros autores sobre as festas

Manoel Cláudio Novaes também trata das festas comemorativas de São Caetano, em seu livro *Nostalgia*. É um livro que vale a pena ler e reler, pela beleza de seus textos, pela ternura que Novaes dá aos seus relatos. Sobre a festa diz textualmente (11): “A Sociedade Príncipe de Nápoles muito deve a São Caetano. Todos os anos, organizava a comemoração da data da fundação da cidade. Missa em ação de graças e em memória dos fundadores falecidos e festejos populares com quermesse e fogos de artifício. Os festejos deviam ser excelentes, pois atraíram gente de São Paulo e de Santo André que aqui vinham em trens especiais. A princípio, os festejos eram realizados no centro de São Caetano, num grande espaço que havia entre uma casa na atual Avenida Matarazzo, ao lado da estrada de ferro, até outra casa onde hoje se situa o Cine Max, animados por uma banda de música que foi primeiramente agasalhada pelo Príncipe de Nápoles, na Rua Perrella, depois sediada no prédio da Sociedade União Operária, na mesma Avenida Matarazzo, esquina com a rua Serafim Constantino. O maestro, residente no Brás, passava os fins de semana em São Caetano para ensaiar a banda musical. Mais tarde, os festejos passaram para a atual Praça Ermelindo Matarazzo, ao lado da velha igreja de São Caetano.

Instalada a Paróquia de São Caetano, os festejos alusivos à fundação da cidade fundiram-se com os em louvor ao padroeiro São Caetano, cuja festa é no dia 7 de agosto, isto é, dez dias após 28 de julho”.

É Novaes ainda quem informa (12), com todo o seu conhecimento, que os festejos comemorativos do aniversário da cidade, associados à festa religiosa em louvor a São Caetano “... ganharam

dimensão, quando São Caetano foi elevada à condição de paróquia, contando com a presença permanente de sacerdotes estigmatinos, em 1924”. Como se sabe, o primeiro vigário foi Giovanni Pelanda que tinha como colaborar o padre Alexandre Grigolli, ambos vindos de Verona. Tais festejos, segundo ainda Novaes “...englobando os cívicos e religiosos, prolongavam-se por quase um mês e eram muito concorridos. Ainda existe um valioso documento de 1929 que trata do convite para a Festa do Padroeiro, pertencente a Mário Botteon. Nele há alguns aspectos interessantes, como a notícia da existência de um *paranypho*, o exmo. Conde Alexandre Siciliano, além da Comissão Organizadora que cuidava dos festejos.

No programa, além dos atos religiosos, destacavam-se festejos externos com a presença da Banda de Música da Força Pública do Estado e do conjunto musical Violeiros do Sertão. Não faltava o espetáculo pyrotecnico. Observação ao final do convite demonstrava preocupação para as acomodações das famílias, com a reserva de meses.

Informação importante também é a de Casério Veronesi, transcrita, após depoimento a Ademir Médico, na coluna do *Diário do Grande ABC*, em 25 de maio de 1989:

“A festa de São Caetano, no dia 28 de julho, era a maior da cidade. O padre escolhia os festeiros. Uma semana antes, começavam a ser feitos os enfeites e armadas as barracas.

Montava-se o Coreto e arrecadavam-se as prendas. A velha rua da Matriz (28 de julho) era enfeitada com bambus entrelaçados formando arcos. Mulheres confeccionavam bandeirinhas e lanternas japonesas. Estas iluminavam as ruas. As duas sociedades enviavam suas bandas para animar a procissão e a festa. O ponto mais esperado, o momento da apoteose, era marcado pelos fogos de artifício e pelo estouro dos morteiros”.

Estávamos no dia 15 de agosto de 1993. últi-

ma noite da Festa Italiana que marcou o ressurgimento de uma tradição centenária para São Caetano. Era quase meia-noite quando, ao som da valsa de despedida, tocada pelo conjunto musical no grande palco, todos os integrantes das associações que compunham as barracas, em seus trajes italianos típicos, formaram um imenso círculo abraçando o numeroso público que ainda permanecia no local. Lenços abanaram e a emoção e as lágrimas correram soltas nos braços fortes e comovidos de quantos tiveram a vertura de lá estar nesse momento encantado. Meia-noite: os sinos da velha matriz, berço de São Caetano, repicaram acompanhando a alegria do momento. Anunciava o fim da festa...

Para tantos, todavia, não foi o final. Teimosamente, apesar do cansaço, dançavam e pulavam ao som da tarantella. Procuravam, talvez, eternizar aquele instante maravilhoso. O prefeito Antonio José Dall’Anese era um deles. Em sua alegria, sentia-se a satisfação do dever cumprido e de poder proporcionar aquilo ao povo de sua cidade... O novo dia já ia adiantado quando o cansaço, finalmente dominou homens e mulheres, alegres e felizes. O Bairro Fundação, consciente de que havia retornado aos seus dias de glória... A centenária Festa de San Gaetano, iniciada pelos velhos colonos italianos, nunca mais deixará de ser comemorada.

(* *Oscar Garbelotto é advogado e professor universitário. Ocupou na administração pública os cargos de diretor do Departamento da Educação e Cultura e diretor do Instituto Municipal de Ensino Superior (IMES). Atualmente, preside a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul; dedica-se, também, ao estudo e pesquisa da História local. Descende de um dos fundadores da cidade, Antonio Garbelotto. (Colaboração e revisão do texto: Morisa Garbelotto Rodegher).*

Notas

- (1) Martins, José de Souza - *Subúrbio - São Paulo : Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano, 1992, p. 183;*
- (2) Dal’Mas, Ítalo - *Jornal de São Caetano, 04 de dezembro de 1978, p.3;*
- (3) Martins, José de Souza - *A escravidão em São Caetano - São Paulo, CEDI, 1988, p. 9;*
- (4) Dal’Mas, Ítalo - *Jornal de São Caetano, 29 de novembro de 1978, p. 3;*
- (5) Caldeira, João Netto - *álbum de São Bernardo , São Paulo, Ed. Organização Cruzeiro do Sul, 1937, sem numeração de páginas;*
- (6) Henrique, J. - “*Igrejas no Grande ABC- V*”; *Diário do Grande ABC, 22 de abril de 1979, Caderno C;*
- (7) Bellucci, Renato - *Página di verità e di vita, opúsculo sobre o 50º aniversário de fundação de São Caetano; 1927; sem numeração de páginas;*
- (8) *Registro de Provisões da Diocese - Acmsp: 1895/1899, fls. 180 - 1899/1902, fls.56; 1905/1911. fls. 80. Apud - Santos, Wanderley dos - Antecedentes Históricos do ABC Paulista, São Bernardo do Campo, Prefeitura de São Bernardo, 1992, p. 146;*
- (9) *Documento avulso da Paróquia de São Caetano. Acmsp. Apud Santos, Wanderley dos -, op. cit., p. 146;*
- (10) Perrella, Nicola - *Entre as torbas de São Caetano - São Paulo, Ed. Alarico, 1961, pp.73-83;*
- (11) Novaes, Manoel Cláudio - *Nostalgia ; São Paulo: Ed. Meca; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1991, p. 3.*

Medicina caseira nas primeiras décadas da fundação de São Caetano

Henry VERONESI(*)

Manoel Cláudio Novaes, em seu livro *Nostalgia*, no artigo intitulado *Solidariedade*, inicia escrevendo: “Nos primeiros trinta ou quarenta anos, mais ou menos, da fundação, a população de São Caetano do Sul não contava, em seu meio, com médico e nem farmácia. Isto constituía um transtorno para os sancaetanenses. Quando alguém precisava de médico ou farmácia, devia ir à São Paulo. Acrescentasse a isto a precariedade de condução. Segundo consta, o médico mais solicitado era o Dr. Rubbe, com consultório e residência no Brás”. Os precários recursos da época induziam não só o segmento mais carente da população como também as camadas mais abastadas - que, diga-se de passagem, eram minoria - a socorrer-se de meios de cura e remédios caseiros de que familiares, vizinhos ou conhecidos tinham noção. Valia tudo para a cura: benzimentos, rezas, promessas, remédios extraídos de coisas, das mais estranhas procedências, como ervas, raízes, árvores, folhas de árvores, animais de diversas naturezas, etc. Tudo isso era, tradicionalmente, conhecido pelas pessoas e transmitido de geração em geração.

Rara era a família que não tinha, entre os seus membros, pelo menos um que conhecesse alguns remédios para a cura de uma ou outra doença. Em geral, a base do medicamento era de ervas, raízes, folhas e plantas, facilmente encontradas nos quintais, nos campos ou nas matas da localidade. Era só diagnosticar a doença, e o remédio aparecia como por encanto. Via de regra, o diagnóstico era feito pelo próprio doente que se medicava, em seguida. Se o diagnóstico era de prisão de ventre ou problema do fígado, ele recorria ao chá de pariparoba; para as doenças relacionadas com os rins, era usado o chá de erva quebra-pedra, também conhecida com o nome de erva pombinha ou arrebenta-pedra. O banho de assento, usado com a fervura de alguns galhos dessa planta, aliviava as dores hemorroidais: para as dores de estômago e intestino era tomado o chá de carqueja; para o reumatismo e artrismo, o chá de erva de bugre; o



Flávia Coradini Veronesi. Foto circa 1910

sabugueiro, além de curar a erisipela, com o banho de sua água fervida e aplicação de suas folhas no local da inflamação (ferida), era usado, em forma de chá, para a dinamização do processo de expelção do sarampo. Os furúnculos e outras inflamações purulentas eram saradas com a aplicação de uma folha gelatinosa, chamada de folha gorda (uma trepadeira que, geralmente, era utilizada nas cercas de divisas das propriedades circunvizinhas); a erva picão era muito usada por doentes com hepatite ou icterícia; a arnica, para dores musculares; a malva, para os distúrbios intestinais, com a aplicação do indesejável chá de bico, também conhecido como cristal. A erva-santa-maria, aplicada na eliminação das bichas - lombrigas ou áscaris - era usada também para a eliminação de

pioelhos. Hoje em dia, ainda é usada, no interior, para espantar insetos, principalmente pulgas; leva a denominação de santonina. A erva cidreira e a milícia eram usadas para relaxar os músculos, como calmantes; o guapo e o hortelã aliviavam a tosse e as folhas do eucalipto para inalação, quando havia bronquite. Para as crianças que tinham dores de barriga era dado chá de camomila ou de erva-doce. A folha do pé de fumo era aplicada na caxumba. O alecrim também era usado em forma de chá para os que estivessem sofrendo de dores de estômago, servindo, ainda, como bom diurético.

Todas as ervas, folhas e raízes que eram necessárias para a composição dos remédios eram facilmente encontradas na região, muitas delas nos próprios quintais das famílias que as plantavam e as conservavam para essa finalidade.

A medicina caseira ou popular não buscava sua matéria-prima para preparo de seus remédios somente na vegetação. Buscava, também, remédios extraídos da fauna animal. Para o panarício ou panariz, que é uma inflamação aguda que se localiza geralmente, na ponta de dedo ou na raiz da unha, era usado um pedaço de toicinho, colocado em cima da inflamação. Assim que ele tomasse contato com a pele, o verme era atraído, entrando no pedaço da gordura de

porco e, com isso, findava a infecção por ele provocada. A banha (a gordura) de galinha, além de ser aplicada por meio de fricção no peito para aliviar a tosse e a bronquite, era usada em gotas, colocadas no leite para expectorar o catarro. Para as dores lombares - lumbargo - era aplicada a gordura (banha) de capivara pura ou misturada com cânfora.

A medicina caseira ou popular, além de lançar mão de remédios que eram extraídos da flora e da fauna, aplicava produtos fabricados para outras finalidades, como remédios, para o alívio de dores de males ou como preventivos para a saúde. Assim, quando alguém tinha dor de ouvido, a colocação de umas gotas de azeite de oliva morno tirava a dor. O azeite também era usado como laxativo



Ernesta Venturi Veronesi, esposa de Valentim Veronesi, primeiro administrador da Indústria Pamplona. Foto: cerca de 1910

em crianças de tenra idade. Para substituir o colostro - primeiro líquido segregado pelo recém-nascido, da glândula mamária - após o parto, era e, ainda é, usado o óleo de amêndoa. Para a insolação, a água pura na cabeça, protegida por uma toalha bem felpuda. Para o fortalecimento geral, no inverno, era tomado o óleo de fígado de bacalhau, comprado, a granel, em qualquer empório de secos-e-molhados da época.

Os remédios manipulados nas farmácias dificilmente eram utilizados, não só porque não existiam farmácias, mas também porque custavam dinheiro e este era curto na família sancaetanaense.

Alguns remédios manufaturados, no entanto, eram empregados preventivamente ou para cura. É o caso dos purgantes óleo de ricino, palhano, cerejinha e a água inglesa, que eram dados a toda família, para a limpeza do organismo e, como diziam os italianos - para ir melhor de corpo. O óleo de fígado de bacalhau era tomado no inverno e sua aquisição era feita a granel ou devidamente embalado por laboratório. O Elixir Paregórico - licor de láudano - que era extraído da papoula(ópio) servia para tirar qualquer dor intestinal, estomacal e o allium sativo, para evitar que as crianças de tenra idade fossem, à noite, sufocadas pelas lombrigas.

A medicina caseira ou popular era conveniente às famílias. Primeiro, porque não custava nada; segundo porque a facilidade de obtenção do remé-

dio era imediata. Não tinha contra-indicação, não havendo notícia alguma de qualquer agravamento de doença por causa de sua aplicação e, muito menos óbitos por isso. Se não faziam bem, mal não provocavam.

Muitas curas realizam-se por auto-sugestão. Os meios para isso eram as rezas, os benzimentos que davam resultados surpreendentes. O mijacão - tumor na sola do pé proveniente do contato com a urina do cavalo, o quebrante - que, acredita-se, tem sua origem no mau olhado, a erisipela e o mal de simioto (doença de macaco), acreditava-se que encontravam sua cura no benzimento, embora outras providências fossem praticadas paralelamente.

Para o mijacão a cura era feita, apenas, com o benzimento, e nada mais. Não era usado remédio algum e a pessoa, depois de benzida, algumas vezes, melhorava do mal.

O quebrante, doença secular, que muitas vítimas fez no Brasil no tempo da Santa Inquisição, também era curado somente com o benzimento apropriado, com a pessoa presente, ou por cura de longe - cinestesia - com a reza apropriada. O quebrante, diziam, que era causado pelo mau olhado. Isto serviu de pretexto para que os portugueses, após o século XVI, motivados pela ganância do enriquecimento da realeza portuguesa, viessem a confiscar bens e propriedades de brasileiros, condenando-os por crime de deitar mau olhado em criança. "Brasileiros, por cometerem um crime sob a insensata acusação de deitar mau olhado numa criança, foram presos, suas famílias postas na rua, estigmatizados com o epíteto de parentes de herege, suas casas trancadas, todas as suas propriedades confiscadas, embarcados para Lisboa para os cárceres da Inquisição e julgados sem direito a defesa, alguns condenados à fogueira"(1).

A cura do quebrante, pelo benzimento, até hoje tem seus crentes. Se é credence, ou não, até hoje ninguém provou. Por isso, a melhor posição é

Acervo: Henry Veronesi

AGUA DE PEROLAS

para tirar sardas e espinhas, clarear e amaciar a pele, a 2:000, Pasta de Flôr de Lyrio para lustrar e embelezar os dentes, tirar o limo e pedra; Essencia de almiscar a 1:000; na rua do Ouvidor n. 133 A.

Publicidade dos remédios água de Pérolas, Pasta de Flôr de Lyrio e Essencia de Almiscar, publicada no Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, em 19 de julho de 1855, quinta-feira, à página 7

aquela adotada pelo povo de um país latino em relação à existência de bruxas: "Eu não acredito em bruxas; porém, que elas existem, existem".

A cura da erisipela era feita com o benzimento específico: banhos e aplicação das folhas de sabugueiro, durante um certo período, até desaparecerem todos os sintomas da inflamação da pele e a febre que eram as principais características.



Flávia Coradini Veronesi e sua filha, Idamis, no Jardim da Luz, em 1925, por ocasião de tratamento médico

O mal de simioto, ou doença do macaco, também tinha sua cura ao benzimento e aplicação de remédio caseiro, tomado por via oral, durante o período de sete dias, até a cura total.

A ciência tem dado respostas para a cura de muitas doenças. Para outras, contudo, explicação alguma tem dado. Talvez isso aconteça por falta de necessárias pesquisas ou mesmo por falta de interesse comercial. A medicina caseira, ou popular, por isso, é ainda muito difundida e cada vez mais aplicada, em certas regiões. O benzimento, a reza e os remédios caseiros têm muito crédito popular, pois a confiança neles depositada vem de longa data, transmitida de geração em geração.

O mal de simioto, diziam os velhos habitantes de São Caetano, não era curado, se a doença não fosse benzida com rezas e por pessoas com o respectivo dom de curá-lo. Em São Caetano, poucas pessoas tinham esse dom, porque essa qualidade era transmitida de pai para filho, tendo se diluído no tempo face à extinção de muitas gerações familiares.

A respeito da cura dessa doença, cabe aqui o relato de um episódio testemunhado pelo autor deste artigo: "Foi em novembro do ano de 1939, às 6h30 da manhã, quando me preparava para ir tomar o trem das 7h12, para ir para o Instituto Profissional Masculino. Vi adentrar em minha casa, convidada por minha mãe, Flávia Coradini Veronesi, uma jovem senhora carregando no colo, embrulhada num cobertor de algodão, uma criança, impressionantemente magra, esquelética que mal podia chorar de tão fraca que se encontrava. Minha mãe, pegando a criança no colo, pediu para a



Ernesta Venturi Veronesi, esposa de Valentim Veronesi, primeiro administrador da Indústria Pamplona. Foto: cerca de 1910

em crianças de tenra idade. Para substituir o colostro - primeiro líquido segregado pelo recém-nascido, da glândula mamária - após o parto, era e, ainda é, usado o óleo de amêndoa. Para a insoleção, a água pura na cabeça, protegida por uma toalha bem felpuda. Para o fortalecimento geral, no inverno, era tomado o óleo de fígado de bacalhau, comprado, a granel, em qualquer empório de secos-e-molhados da época.

Os remédios manipulados nas farmácias dificilmente eram utilizados, não só porque não existiam farmácias, mas também porque custavam dinheiro e este era curto na família sancaetanaense.

Alguns remédios manufaturados, no entanto, eram empregados preventivamente ou para cura. É o caso dos purgantes óleo de rícino, palhano, cerejinha e a água inglesa, que eram dados a toda família, para a limpeza do organismo e, como diziam os italianos - para ir melhor de corpo. O óleo de fígado de bacalhau era tomado no inverno e sua aquisição era feita a granel ou devidamente embalado por laboratório. O Elixir Paregórico - licor de láudano - que era extraído da papoula(ópio) servia para tirar qualquer dor intestinal, estomacal e o allium sativo, para evitar que as crianças de tenra idade fossem, à noite, sufocadas pelas lombrigas.

A medicina caseira ou popular era conveniente às famílias. Primeiro, porque não custava nada; segundo porque a facilidade de obtenção do remé-

dio era imediata. Não tinha contra-indicação, não havendo notícia alguma de qualquer agravamento de doença por causa de sua aplicação e, muito menos óbitos por isso. Se não faziam bem, mal não provocavam.

Muitas curas realizam-se por auto-sugestão. Os meios para isso eram as rezas, os benzimentos que davam resultados surpreendentes. O mijacão - tumor na sola do pé proveniente do contato com a urina do cavalo, o quebrante - que, acredita-se, tem sua origem no mau olhado, a erisipela e o mal de simioto (doença de macaco), acreditava-se que encontravam sua cura no benzimento, embora outras providências fossem praticadas paralelamente.

Para o mijacão a cura era feita, apenas, com o benzimento, e nada mais. Não era usado remédio algum e a pessoa, depois de benzida, algumas vezes, melhorava do mal.

O quebrante, doença secular, que muitas vítimas fez no Brasil no tempo da Santa Inquisição, também era curado somente com o benzimento apropriado, com a pessoa presente, ou por cura de longe - cinestesia - com a reza apropriada. O quebrante, diziam, que era causado pelo mau olhado. Isto serviu de pretexto para que os portugueses, após o século XVI, motivados pela ganância do enriquecimento da realza portuguesa, viessem a confiscar bens e propriedades de brasileiros, condenando-os por crime de deitar mau olhado em criança. "Brasileiros, por cometerem um crime sob a insensata acusação de deitar mau olhado numa criança, foram presos, suas famílias postas na rua, estigmatizados com o epíteto de parentes de herege, suas casas trancadas, todas as suas propriedades confiscadas, embarcados para Lisboa para os cárceres da Inquisição e julgados sem direito a defesa, alguns condenados à fogueira"(1).

A cura do quebrante, pelo benzimento, até hoje tem seus crentes. Se é credence, ou não, até hoje ninguém provou. Por isso, a melhor posição é



Flávia Coradini Veronesi e sua filha, Idamis, no Jardim da Luz, em 1925, por ocasião de tratamento médico

O mal de simioto, ou doença do macaco, também tinha sua cura ao benzimento e aplicação de remédio caseiro, tomado por via oral, durante o período de sete dias, até a cura total.

A ciência tem dado respostas para a cura de muitas doenças. Para outras, contudo, explicação alguma tem dado. Talvez isso aconteça por falta de necessárias pesquisas ou mesmo por falta de interesse comercial. A medicina caseira, ou popular, por isso, é ainda muito difundida e cada vez mais aplicada, em certas regiões. O benzimento, a reza e os remédios caseiros têm muito crédito popular, pois a confiança neles depositada vem de longa data, transmitida de geração em geração.

O mal de simioto, diziam os velhos habitantes de São Caetano, não era curado, se a doença não fosse benzida com rezas e por pessoas com o respectivo dom de curá-lo. Em São Caetano, poucas pessoas tinham esse dom, porque essa qualidade era transmitida de pai para filho, tendo se diluído no tempo face à extinção de muitas gerações familiares.

A respeito da cura dessa doença, cabe aqui o relato de um episódio testemunhado pelo autor deste artigo: "Foi em novembro do ano de 1939, às 6h30 da manhã, quando me preparava para ir

tomar o trem das 7h12, para ir para o Instituto Profissional Masculino. Vi adentrar em minha casa, convidada por minha mãe, Flávia Coradini Veronesi, uma jovem senhora carregando no colo, embrulhada num cobertor de algodão, uma criança, impressionantemente magra, esquelética que mal podia chorar de tão fraca que se encontrava. Minha mãe, pegando a criança no colo, pediu para a

Acervo: Henry Veronesi

AGUA DE PEROLAS

para tirar sardas e espinhas, clarear e amaciar a pele, a 2\$000, Pasta de Flôr de Lyrio para lustrar e embelezar os dentes, tirar o limo e pedra; Essencia de almiscar a 1\$000; na rua do Ouvidor n. 133 A.

Publicidade dos remédios água de Pérolas, Pasta de Flôr de Lyrio e Essencia de Almiscar, publicada no Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, em 19 de julho de 1855, quinta-feira, à página 7

aquela adotada pelo povo de um país latino em relação à existência de bruxas: "Eu não acredito em bruxas; porém, que elas existem, existem".

A cura da erisipela era feita com o benzimento específico: banhos e aplicação das folhas de sabugueiro, durante um certo período, até desaparecerem todos os sintomas da inflamação da pele e a febre que eram as principais características.

MEDICINA POPULAR.

Em casa de E. e H. Laemmert se acha á venda

O MEDICO DO POVO

Instrução pondo ao alcance dos homens conciosos e de boa vontade os processos mais perfeitos e as recentes descobertas indicando os meios praticos de tratar todas as molestias, segundo os principios da homöopathia, pelo

Dr. B. Mure,

traduzido e augmentado de explicações e notas por um homöopata brasileiro (o desembargador Henrique Veloso de Oliveira); 1 vol. de 356 pags. 40 em brochura, ou 55 encadernado.

Esta obra importantissima pôde se considerar como o augmento e a purificação de todas as outras deste genero e encontrarão especificadas de um modo claro e ao alcance das pessoas estranhas á arte de curar. Tanto os meios preservativos, como a maneira de combater eficaz e infalivelmente a Cholera-morbus, observada pelo autor na invasão que fez esta epidemia em Paris no anno de 1849.

Publicidade do livro *O Médico do Povo*, a respeito da cura pela medicina popular, publicada no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, em 19 de julho de 1855, à página 7

jovem mãe que se sentasse. A jovem senhora que, pelo semblante, se notava estar desanimada, sentou-se e logo lhe foi servido um café. Minha mãe, que estava com a criança no colo, convidou a jovem a entrar em seu quarto, despindo o bebê sobre a cama. Após ter despido a criança, pediu para a senhora que rezasse um Padre Nosso e uma Ave Maria. De pronto, ela começou a rezar, e minha mãe começou o benzimento do bebê. Eu, que pela primeira vez presenciava um espetáculo daquela natureza, pois o menino tinha a aparência de um ser recém-egresso de um campo de concentração nazista, estava estarelecido, não acreditava que aquela criança pudesse vir a sobreviver por mais algumas horas.

Após o benzimento, minha mãe pediu para que a senhora vestisse o criança. Vestido o menino, minha mãe, Flávia, assim falou com a jovem: Agora, a senhora vai até a padaria de seu primo Morelatto, e diga-lhe para dar um tostão de fermento de pão. Notando que talvez ela não tivesse o mísero tostão, disse-lhe: diga para ele marcar essa despesa na minha conta. E continuou falando com ela: Quando a senhora chegar em casa, coloque o fermento dentro de um copo com água e, quando chegar a noite, ponha o copo no sereno, durante a noite toda. Logo de manhã, comece a dar a água para ele, de colherinha em colherinha. Faça isso durante sete dias, e volte com ele aqui no oitavo dia. Antes de a senhora sair, recomendou: Se ele

aceitar bem o líquido, pode dar-lhe com a mamadeira, quantas vezes ele quiser.

Antes de despachar a mulher, deu-lhes uns conselhos de higiene, pedindo que fizesse muitas orações. A senhora saiu, já um pouco animada e eu, acreditando na sobrevivência do bebê, perguntei para minha mãe se o pequeno tinha chances de vida. Ela me respondeu que só Deus poderia responder à minha pergunta. Ela tinha feito, e ainda iria fazer, tudo o que sabia fazer.

Passados 28 dias, exatamente na quarta visita, minha mãe mandou-me chamar e fez questão que a mulher me mostrasse o bebê pelado. Eu não acreditava no que estava vendo e ouvindo. O menino estava com uma aparência rosada. Seus ossos já tinham quase desaparecido, encobertos pela gordurinha que tinha adquirido. Estava brincando com os próprios pés, soltando gritinhos de criança sadia. A jovem mãe, abraçada em minha mãe, só falava em dona Flávia daqui, dona Flávia dali. Estava radiante com o seu filhinho que, se não estava totalmente curado, estava sendo encaminhado para isso. Estava, ainda, em período de convalescença, demonstrando, no entanto, significativa melhora.

Passados alguns meses, minha mãe contou-me que o menino estava completamente curado, tinha engordado e estava gozando de perfeita saúde. Estava curado daquele mal de simioto que o estava levando para a sepultura.

Há pouco tempo, conversando com meu sobrinho, Ildefonso Veronesi, bioquímico de profissão, a respeito das doenças que minha mãe curava, dizia-me: "Minha avó, sua mãe Flávia, com a prática de curar o mal de simioto, salvou

A casa de E. e H. Laemmert acaba de receber pelo navio *Froya*, de Hamburgo, a affamada

AGUA DE PYRMONT NATURAL

cujo emprego é recommendado em muitas molestias chronicas, sobretudo naquellas que procedem de obstrucção nas visceras inferiores, a saber: vertigens, asthma, palitação do coração, ataques hypocondriacos, hystericos e melancolia. Na fraqueza das fibras, na fraqueza de estomago e de digestão, nas febres biliosas, na predisposição para gota, rheumatismo, e obosidade o uso dessa affamada agua é de reconhecida efficacia, assim como em muitas enfermidades do sexo feminino. Suas propriedades medicinaes são: aperiente, alterante, tonica, ferruginosa. Vende-se em garrafas com o timbre original da Fonte.

Publicidade do remédio *Água de Pyrmont*, para cura de moléstias crônicas, publicada no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, em 19 de julho de 1855, à página 7

muitas crianças. A água com o fermento de pão que ela indicava nada mais era do que um soro químico. Era a fonte de alimentação que os bebês necessitavam durante a doença - que podia ser uma desidratação - que os fortalecia e, ao mesmo tempo, os curava".

Mas, por que era preciso que o líquido fosse colocado no sereno? - perguntei. Porque era o único meio de cultura de que se tinha conhecimento e que na época era eficaz. Era pelo sereno que, naquela época, eram captadas do ar as cepas - um grupo de micro-organismos farmacológicos, existentes no ar e no solo, em locais pouco industrializados, onde a poluição não existe.

(* Henry Veronesi, advogado, administrador de empresas, ex-radialista, ex-diretor do Programa ABC em Marcha, ex-presidente da Ordem dos Advogados - Sub-seção de São Caetano do Sul, ex-diretor da fazenda, da Administração, da Caixa de Pensões dos Funcionários, ex-presidente das Comissões de Licitação, da comissão de Reforma Administrativa da Prefeitura de Santo André, ex-diretor do Departamento de Administração de São Caetano do Sul.

NOTAS

(1) Ferreira, Durval - *A Inquisição no Brasil - uma história de horror*. Revista *Manchete*, nº 1820, pp. 30-35.

IMES comemora 25 anos. Autorização para transformar-se em universidade

Acervo: Cláudio Musumeci



Flagrante do trote aplicado na primeira turma de alunos do IMES. De tesoura na mão, Cláudio Musumeci; ao fundo, o então prefeito Walter Braido

Depois de 25 anos de atividades ininterruptas, o Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul obteve autorização do Conselho Estadual de Educação, no final do ano passado, para implementar as medidas administrativas necessárias à sua transformação em universidade municipal. O fato coincidiu com as comemorações do jubileu de prata da escola, transcorrido em agosto. Ampla programação foi desenvolvida para marcar os 25 anos da instituição que, hoje, congrega mais de três mil alunos. Esportes, palestras e um painel sobre o tema A Ciência e Arte de ser Dirigente foram a tônica da programação acompanhada pelos alunos, professores e comunidade. O painel foi mediado pelo jornalista Alexandre Polesi, diretor de Redação do Diário do Grande ABC, contando com a participação do vice-presidente da TRW do Brasil, Sílvio Henrique; do presidente do IBGE e professor do IMES, Sílvio Minciotti, e do diretor de Planejamento do grupo Ciba-Geigy, Paulo Antonio.

Três palestras sobre temas relevantes e atuais foram apresentadas durante o jubileu de prata. O secretário de Recursos Hídricos, Saneamento e Obras do Estado, Fernando da Costa Boucinhas, falou sobre o Projeto Tietê; o ministro do Planejamento, Alexis Stepanenko, expôs o tema Atividades de Planejamento e Administração Pública, e o vice-presidente da General Motors do Brasil, André Beer, abordou o tema A Influência da Conjuntura Política e Econômica na Atividade Empresarial.

Acervo: Cláudio Musumeci



O então prefeito Walter Braido, ladeado por Cláudio Musumeci, numa cerimônia do IMES, no final dos anos 60. No centro, Antonio Dall'Anese, vereador à época

A participação dos alunos nas festividades dos 25 anos do IMES foi também registrada com a realização do Torneio Universitário. Houve disputas nas modalidades de futebol de campo, futsal, voleibol, basquetebol, handbol, xadrez, tênis de mesa, natação e truco, realizadas nas dependências do IMES, Estádio Lauro Gomes, Clube Santa Maria e CER Tamoio. No final das comemorações, foi apresentado o show Canto Gaúcho, com Claudino de Lucca e Grupo Pampa.

O Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul foi criado, oficialmente, no dia 26 de maio de 1970, quando, além de oferecer os cursos de Ciências Econômicas e Ciências Políticas e Sociais, proporcionou aos alunos o Curso de Administração de Empresas; sua origem, contudo, remonta a essa data.

A história do IMES inicia-se três anos antes. Em 1967, no dia 19 de setembro, o prefeito da época, Walter Braido, promulgou a lei 1.611, estabelecendo a criação e instalação da Faculdade de Ciências Econômicas e Contábeis em São Caetano do Sul. Ainda que modificada, esta lei é considerada a que deu origem ao IMES. Todavia, a denominação e os objetivos da faculdade não prosperaram, em virtude do trabalho de pesquisa realizado pela comissão nomeada pelo chefe do Executivo, junto à comunidade. O trabalho apontou que um curso de Ciências Contábeis não seria a opção ideal para atender a demanda estudantil. Assim, a comissão (integrada por Oscar Garbelotto, Cláudio Musumeci, Rubens Lopes Figueiredo, Milton Feijão e Fábio Teixeira) sugeriu a instalação do curso de Ciências Políticas e Sociais.

No dia 12 de julho de

IMES resultado de trabalho e perseverança

Silvio A. MINCIOTTI (*)

Dez anos após a conclusão de meu curso de Administração no IMES, assumi a Direção Geral do Instituto em 1981. Tudo aconteceu tão rápido. Em minha mente refluíram aqueles momentos quando ingressei na faculdade, na época denominada ESAN-Unidade São Caetano do Sul. Tratava-se de um convênio que a Prefeitura Municipal fizera com aquela instituição, visando implantar no Município, um curso de Administração de Empresas.

Circunstâncias adversas impediram que o convênio prosperasse e surgiu, então a alternativa de que o curso de Administração da ESAN fosse incorporado pela Fmceps-Faculdade Municipal de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais, recém-criada em São Caetano do Sul.

Foram dias de muita tensão. O convênio se desfizera e ainda não havia autorização do Conselho Estadual de Educação para que a incorporação se concretizasse. Para isso, era necessário que o atual prédio do IMES, na época em construção, ficasse pronto para poder viabilizar a tão esperada incorporação. Enquanto isso, éramos cerca de 180 alunos, literalmente sem ter para onde ir, pois a ESAN já não nos aceitava mais e a Fmceps dependia do prédio para nos acolher.

Foi aí que se iniciou uma verdadeira vigília, onde cada um de nós, que estávamos coordenando esse movimento de mudança, nos revezávamos em visitas diárias à obra para tentar garantir sua conclusão em tempo hábil.

Através do empenho de muitos, deu-se finalmente a incorporação e surgiu a Faculdade Municipal de Ciências Econômicas, Administrativas, Políticas e Sociais, que posteriormente foi transformada no nosso Instituto Municipal de Ensino Superior-IMES.

Quando assumi a Direção Geral, esse passado voltou em minha mente e ficava muito claro que uma instituição que nasce em situação tão difícil e sobrevive em função da perseverança de muitos abnegados, tinha o estigma do desafio permanente, porém, também possuía a convicção de que o sucesso era possível.

Assim, conduzimos nosso primeiro mandato na direção. E dando sequência ao trabalho profícuo dos que nos antecederam, pudemos propor novos desafios ao IMES. Como era esperado, a casa reagiu muito bem. Rapidamente todos se engajaram na busca dos novos objetivos e assim foi possível criar o Ceapog-Centro de Estudos de Aperfeiçoamento e Pós-Graduação, o Inpes-Instituto de Pesquisa do IMES, a Revista IMES, construir o prédio que passou a abrigar essas novas atividades, enfim, foi possível começar um trabalho visando projetar externamente toda a competência e

excelência que o IMES acumulara ao longo de sua existência.

Ao fim de nosso primeiro mandato entendeu a Congregação do IMES e o senhor prefeito municipal, Walter Braidó, que deveríamos continuar mais quatro anos, objetivando consolidar o que se iniciara.

Assim foi feito e, sempre contando com o auxílio de todos, foram se consolidando as novas atividades e o IMES seguiu sua trilha de crescimento, o que pode ser marcado pela implantação do curso de Ciências da Computação e pela consolidação da sua estrutura organizacional, onde se destacou o fortalecimento das chefias de Departamento e surgimento de novas coordenadorias de apoio administrativo e gerencial.

Posteriormente, pude ver nos que me sucederam, a mesma garra e empenho no sentido de que o IMES fosse sempre melhor e maior. Essa complementaridade de gestões, consagrada por todas as direções do IMES ao longo de sua existência é a responsável pelo desenvolvimento e aprimoramento da Instituição, somada ao fato de que o IMES é parte do objetivo de vida comum a todos aqueles que nele militam ou militaram.

É uma bonita história de amor que o tempo não conseguiu esgarçar e temos certeza se mostra indefinidamente pois os integrantes mais jovens dessa comunidade, já aprenderam a respeitá-la e a incorporar também como coisa sua.

O IMES representa parte do que deu certo em cada uma de nossas vidas. Ele é a demonstração viva do que os homens podem conseguir quando se reúnem em torno de uma causa comum. O IMES é a melhor evidência de que nada é mais forte do que aqueles que crêem.

Por tudo isso, o IMES faz bem à alma de quem se preocupa em garantir à sociedade um espaço onde se possa construir o futuro do país a partir da construção do futuro das pessoas.

(*) Silvio A. Minciotti, presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, foi diretor-geral do Instituto Municipal de Ensino Superior

1968, três dias depois de ser concedida autorização para o funcionamento da escola, através do decreto 49.983, o prefeito indicava os primeiros dirigentes: Cláudio Musumeci, diretor e Celso Sebastião de Souza, vice-diretor. O primeiro vestibular foi realizado entre 22 e 25 de julho de 1968. No dia 31 de julho do mesmo ano, Hilário Torloni, vice-governador do Estado de São Paulo, proferia a aula inaugural dos cursos.

Em 1969, foi extinto o curso de Administração de Negócios, mantido através de convênio entre Prefeitura e Escola Superior de Administração de Negócios da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Com o fim do convênio, a Prefeitura obrigou-se a conceder aos alunos daquele curso (que freqüentavam o terceiro ano) transferência para outra faculdade, dentro do próprio município. Para solucionar o problema, a Faculdade de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais absorveu o novo curso e transformou-se, em 26 de maio de 1970 (Lei 1.836) no Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul, passando a oferecer, também, o curso de Administração de Empresas. Com essa fusão, os alunos recém-trans-

Acervo: Cláudio Musumeci



Palestra do jornalista Joelmir Beting, nas dependências do IMES. Esquerda, Cláudio Musumeci; à direita de Beting, Oscar Garbelotto e o então vice-prefeito, Argemiro Barros de Araújo

feridos completaram o curso de Administração, em 1970. O IMES, portanto, curiosamente, formou a sua primeira turma de bacharéis apenas dois anos e meio depois de ter começado a funcionar. Nesse espaço de tempo, até fevereiro de 1973, Rubens Lopes de Figueiredo respondeu pela direção da escola.

Durante breve período - de janeiro de 1972 a janeiro de 1973 - o IMES foi mantido através da Fundação Educacional Di Thiène e, depois, voltou a funcionar como autarquia, o que até hoje acontece. A partir de 1973, a direção do IMES foi exercida por Oscar Garbelotto, tendo como vice-diretor Cláudio João Dall'Anese. Iniciou-se um período de trabalho que visou a consolidação técnica, didática e administrativa e a formação de um corpo

Qualidade, a marca registrada

Marco Antonio Santos Silva (*)

Ex-aluno, porque ingressei no IMES em 1969, depois professor do Departamento de Administração, hoje cumpro um papel específico como diretor-geral da instituição: colher os frutos plantados em gestões anteriores. A tarefa, naturalmente, não é fácil, porque, além de responder a uma grande responsabilidade, implica, também, a necessidade de adequar a instituição aos novos tempos. Tendo sido aluno da escola e tendo galgado diversas funções internas, pude conhecer a estrutura que foi sendo criada ao longo das últimas duas décadas e meia, o que, de certo modo, facilita o trabalho.

O IMES preocupa-se muito em manter laços estreitos com o mundo empresarial, com o propósito de conhecer-lhe as necessi-

dades reais e, assim, adaptar o currículo de cada curso à realidade do mercado. Desse modo, a instituição será capaz de formar profissionais habilitados a desenvolver as suas funções, de imediato, em sintonia com os desafios que se colocam no dia-a-dia de cada área específica. Esse trabalho deverá ser facilitado com a transformação do IMES em Universidade - autorizado em dezembro último -, porque isso concede mais autonomia à escola no terreno curricular e no que respeita à possibilidade de criação de cursos novos. A aproximação com o mundo empresarial, através de convênios, tem permitido ao IMES absorver novas tecnologias (como é o caso do relacionamento com a ITEC, uma empresa formada a partir de joint-venture IBM-Itautec para o equipamento AS-400) e, desse modo,

apropriar-se das ferramentas necessárias à própria formação profissional de seus alunos e, ao mesmo tempo, armar-se, enquanto instituição, de condições para concorrer no mercado frente a outras escolas similares, mas em condições de igualdade. Os convênios também representam uma importante solução para viabilizar os custos operacionais da instituição.

(*) Marco Antonio Santos Silva, economista, com curso de especialização em Educação, empresário, é diretor-geral do Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano

46

Acervo: Cláudio Musumeci



docente capaz de assegurar o mais alto padrão de ensino, que é ponto de honra para a escola. Naquela ocasião, iniciaram-se as desapropriações que iriam permitir, mais tarde, a expansão territorial do IMES. Na gestão seguinte, Cláudio João Dall'Anese passou a ocupar o cargo de diretor, tendo como vice Carlos João Eduardo Senger. O trabalho da administração anterior teve continuidade e os primeiros resultados fizeram sentir-se. Em janeiro de 1975, foi integrado à escola o curso de Comércio Exterior, como habilitação do curso de Administração.

O IMES foi ampliado em mais três salas de aula, ocupando parte ociosa do pátio. Acima de tudo, porém, a reestruturação criou condições que

Cerimônia no auditório do IMES, com a presença de membros da congregação e autoridades municipais, em 1976, durante entrega de título de professor emérito ao prefeito Walter Braido e ao economista Cláudio Musumeci. Da direita para a esquerda: Antonio Dall'Anese (vereador), Silvio Minciotti (professor), Cláudio Musumeci (primeiro diretor da instituição), Oscar Garbelotto (professor), Walter Braido, Orestes Gonçalves (professor), Argemiro B. de Araújo (vice-prefeito), José João Dario (diretor de Educação e Cultura) e Cláudio Dall'Anese (vice-diretor do IMES)

viabilizaram toda a série de realizações efetuadas a partir de 1981, na gestão de Silvio Augusto Minciotti, como diretor, e Jorge José Alves da Silva, como vice. Destacam-se, dentre as realiza-

ções, a criação do Ceapog (Centro de Estudos e Aperfeiçoamento e Pós-Graduação), do Inpes (Instituto de Pesquisas), da Coordenadoria de Informática e a ampliação física da escola, com a construção de toda uma ala nova, destinada à atividade dos cursos de pós-graduação e do Instituto de Pesquisas, da biblioteca, cantina, almoxarifado, livraria, salas de estudos e futuro plantão de dúvidas dos alunos.

Formação de executivos

O IMES tem um total de 33.371 alunos matriculados nos seguintes cursos: Administração



A política educacional do então prefeito Walter Braido voltava-se também para o ensino superior. Aqui, o prédio que abrigaria o IMES, em fase final de construção, em 1968

Acervo: Fundação Pró-Memória de São Caetano

Abril de 1973: no Auditório Paulo Machado de Carvalho, a formatura da primeira turma de Administração do IMES. Da esquerda para a direita, o deputado Ítalo Fittipaldi, o prefeito Walter Braido, o governador e paraninfo, Laudo Natel, o diretor do IMES, Oscar Garbelotto, o vice-diretor, Cláudio Dall'Anese, o vereador Sebastião Lauriano dos Santos, o assessor de Finanças da Prefeitura, Cláudio Musumeci, e o diretor do Depec, João José Dario



A cidade em que escola não é problema

Cláudio MUSUMECI (*)

Durante a primeira gestão de Walter Braido (1965-69), o lema adotado para o Município foi A cidade em que escola não é problema, cujo objetivo era o de dotar São Caetano de uma infra-estrutura educacional perfeita, que atendesse a todos os níveis de ensino. E isso foi feito, de fato, porque, hoje, inexistem problemas nesse campo em nossa cidade. Assim, não se poderia deixar de instalar, também, um estabelecimento de nível superior. Como assessor financeiro da Administração e economista de profissão, tivemos a oportunidade de sugerir ao então prefeito a criação de um curso de Ciências Econômicas. Com a aquiescência do prefeito, fizemos contatos com a direção do Instituto de Ensino de São Caetano para que a escola assumisse o projeto, que, no entanto, não se concretizou, por diversas razões. Em seguida, nomeou-se uma comissão, presidida pelo

advogado Oscar Garbelotto, para cuidar do assunto em nível de estrutura administrativa da própria Prefeitura.

Com a criação da Faculdade de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais de São Caetano dava-se um passo decisivo para a formação do IMES. O resultado prático acabou sendo a municipalização do curso de Administração de Negócios mantida pela Escola Superior de Administração de Negócios (ESAN), entidade subordinada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que vinha funcionando no prédio de um ginásio da Avenida Engenheiro Rebouças, em convênio com a Prefeitura. Em 26 de maio de 1970, a Faculdade de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais transformou-se no Instituto Municipal de Ensino Superior (IMES), que passou a oferecer, também, o curso de Administração de Empresas. A aula inaugural

da nova instituição de ensino havia sido oferecida pelo vice-governador, Hilário Torloni, nas dependências da Câmara Municipal de São Caetano.

A experiência de dirigir o IMES foi bastante fértil e gratificante, porque, além do convívio rico com os jovens estudantes e com o corpo docente, possibilitou-nos colaborar, ainda que de forma modesta, na construção de um patrimônio que hoje enche de orgulho a nossa cidade, tanto pelo fruto produzido, ao longo dos últimos 25 anos, quanto pelas perspectivas promissoras que ainda tem para oferecer.

(*) Cláudio Musumeci, economista, foi vereador, assessor financeiro da Prefeitura de São Caetano do Sul e primeiro diretor do Instituto Municipal de Ensino Superior

de Empresas (1.496 alunos); Ciências Econômicas (709 alunos); Comércio Exterior (686 alunos) e Ciência da Computação (480 alunos). Além desses cursos, a instituição desenvolve outras atividades como pesquisa de salários, perfil do professor e do eleitor, reformulação curricular, adequando-se às novas exigências da vida empresarial. Promove, também, um fórum de debates entre os seus docentes, treinamento para funcionários e mantém um Centro de Apoio Vocacional, com atendimento psicológico, e orientação para mais de sete mil alunos de 2º Grau das redes particular e estadual do Grande ABC, através do caderno Profissões.

A Central de Estágios visa prestar assistência e orientação aos alunos que realizam seus trabalhos de conclusão de curso. Isso ocorre em três etapas: pesquisas em grupo, estágio supervisionado e estágio dentro do próprio IMES, para coordenar, orientar e acompanhar o aluno, de maneira direta.

O programa de formação de executivos proporciona, a um grupo selecionado de estudantes, o desenvolvimento de uma mentalidade gerencial. Ano passado, 45 alunos foram selecionados e realizaram o curso com o total de 176 horas-aula. O programa aborda temas diversos, tais como Ética Empresarial, Mercado Financeiro, Redação para Executivos e Técnicas de Organização.

Já o Centro de Estudos de Aperfeiçoamento e Pós-Graduação, criado em 1981, tem o objetivo de oferecer programas de pós-graduação relacionados ao curso de Administração de Empresas. O Centro possibilita a complementação da formação acadêmica. Atualmente, conta com 268 alunos nos cursos de Administração Econômico-Financeira, Administração de Marketing, Administração da Produção, Administração Geral, Análise Econômica e Metodologia do Ensino Superior.

O surgimento do IMES

Oscar GARBELOTTO (*)

A política administrativa municipal em relação à educação sofreu implementação prioritária na gestão do prefeito Walter Braido, imediatamente após a sua posse em 1965. Se não bastasse a extraordinária visão de reconstrutor, fez-se cercar de educadores reconhecidos, entre os quais podemos destacar o professor Milton Feijão.

Desde o início do governo de Braido, participamos da administração como chefe de Gabinete. Diante das grandes perspectivas do crescimento educacional na cidade, o prefeito resolveu criar, em nível de diretoria, o Departamento de Educação e Cultura, entregando-nos a direção para estruturá-la e desenvolver os planos educacionais da cidade (graças à nossa experiência anterior como chefe da Seção de Educação e Cultura no governo de Oswaldo Samuel Massei, entre os anos de 1957-1960). Nascia, assim, o Depec.

A educação e a cultura, rapidamente, tornaram-se atividades comuns na cidade. Foi um período profícuo em planejamentos rápidos e implantação de obras e atividades educacionais que marcaram, definitivamente, o Município. Resolvido o problema educacional - a crônica falta de vagas -, a Administração iniciou um processo educacional em nível superior. O objetivo era proporcionar aos jovens de

São Caetano oportunidades de estudos superiores sem sair da cidade. Assim, de imediato, dois convênios firmados com entidades da capital fizeram surgir os cursos de Assistência Social e Administração de Empresas, implantados a partir de 1966 e 1967, respectivamente. Pelos acordos firmados, a Prefeitura comprometeu-se à cessão dos prédios, mediante bolsas de estudo para atender aos estudantes carentes.

Ainda atendendo à sugestão do economista Cláudio Musumeci, naquela oportunidade assessor de Finanças da Prefeitura, Braido nomeia-nos presidente de uma comissão com o objetivo de implantar curso de Ciências Econômicas. Faziam parte da comissão Cláudio Musumeci, Milton Feijão, Rubens Lopes Figueiredo e Fábio Teixeira. Os trabalhos da

comissão desenvolveram-se rapidamente, resultando numa proposta acatada pelo prefeito e transformada em lei pela Câmara Municipal - a criação da Faculdade de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais, em regime autárquico. Aprovados os cursos e os docentes para a escola, em 31 de julho de 1968, ocorreu a aula inaugural, proferido pelo então vice-governador de Estado, Hilário Torloni, nas dependências da Câmara Municipal. O economista Cláudio Musumeci foi indicado como primeiro diretor da nova autarquia. Em 1969, antes de findar-se o governo Braido, o curso de Administração de Empresas, até então mera extensão da ESAN (Escola Superior de Administração de Negócios, de São Paulo), foi anexado pela faculdade local. Daí a necessidade de alteração no nome, passando a denominar-se, em 1970, Instituto Municipal de Ensino Superior, como é atualmente conhecido.

Nos anos que se seguiram, entendeu a administração da época que a autarquia deveria ser transformada em fundação. Após ter sido colocada em prática, por alguns meses, novamente o prefeito Walter Braido optou pelo retorno ao regime autárquico, a partir de 1973. Nessa oportunidade, fomos eleito diretor pela Congregação, com mandato de quatro anos (1973-1977), possibilitando um trabalho que, finalmente, colocou o IMES em situação financeira equilibrada, com avanços na área educacional, além da criação de um novo curso - Administração em Comércio Exterior.

Hoje, após mais de 25 anos fazendo parte do corpo docente da instituição (lecionamos desde o primeiro dia de aula, em 1º de agosto de 1968), podemos testemunhar, com segurança, sobre a real grandeza do IMES. Uma instituição de alto nível educacional e administrativo, que soube conquistar, passo a passo, destacada posição no cenário nacional, justificando plenamente a sua transformação em universidade. Fruto de administrações sérias e competentes, que buscaram a continuidade dos trabalhos voltados para a valorização do aluno e da instituição, o IMES constituir-se-á, como sempre, num efetivo centro de formação e irradiação de educação de nossa cidade.

Acervo: Fundação Pró-Memória de São Caetano



Nas dependências da Câmara Municipal, aula inaugural da Faculdade que originaria o IMES. Entre os presentes, em primeiro plano, da esquerda para a direita, Elizabete Pardi Garbelotto (esposa do presidente da comissão organizadora da faculdade). O terceiro personagem, ainda na primeira fileira, é o representante do secretário de Estado da Educação, Ulhoa Cintra e seu oficial de Gabinete. Na segunda fileira, da esquerda para a direita, os advogados Antonio Calos Abreu Hildebrand e Plínio de Assis, e o então vereador Bruno Aggio. Ao fundo, alunos do Colégio Comercial Profª Alcina Dantas Feijão

(*) Oscar Garbelotto, presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, é professor-fundador do IMES e foi diretor-geral da instituição de 1973 a 1977;

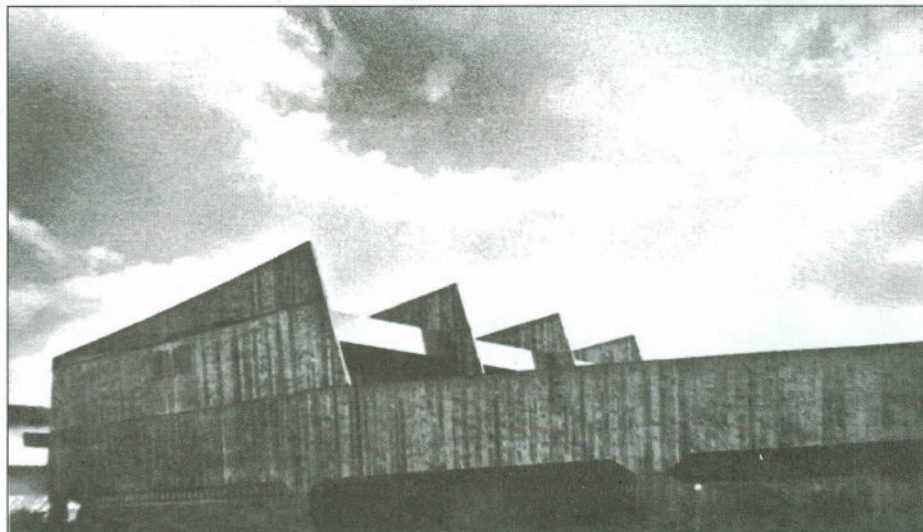
Fundação das Artes comemora jubileu E confirma espaço no contexto cultural

A Fundação das Artes de São Caetano do Sul programou diversas atividades, durante o mês de abril de 1993, para comemorar o Jubileu de Prata. As comemorações, todavia, foram marcadas durante todo ano, com a participação e promoção de vários eventos.

A abertura das festividades ocorreu no dia 1º de abril, com a realização de sessão solene, que contou com a participação da Big Band, regida por Antonio Carlos Neves Pinto. No período de 22 de abril a 15 de maio, esteve aberta ao público, exposição dos artistas orientadores dos cursos de Artes visuais da Fundação. Expuseram seus trabalhos: Anete Nascimento, Chai Chi Lin Rodrigues, Elisabete Bovo e Valdo Rechelo.

As comemorações constaram também de apresentação de espetáculo de dança, palestra, apresentações da Orquestra Sinfônica Jovem da Fundarte, da peça teatral *Um Homem é um homem*, do Quarteto de Cordas. Diversas outras atividades e espetáculos desenvolvidos durante o ano, também foram comemorativos ao Jubileu de Prata da Fundação das Artes de São Caetano do Sul, e contou com a participação expressiva de público, dos alunos da escola e autoridades do Município, além de pessoas ligadas à cultura.

A Fundação das Artes de São Caetano do Sul foi criada em 25 de abril de 1968, pela lei munic-



Acervo: Fundarte

Fachada do prédio da Fundação das Artes, em 1968

pal 1.671, promulgada pelo prefeito Walter Baido. Naquela oportunidade, era expressiva a atenção que a administração municipal dedicava à rede de ensino, o que resultou na expansão significativa dos prédios escolares. Paralelamente, tornou-se

clara a necessidade de o Município também investir na área cultural, através da criação de uma escola em que a cultura fosse valorizada e difundida para toda a região.

O primeiro diretor da Fundarte foi Milton Andrade, ex-secretário executivo do Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura; permaneceu no cargo até 1982. Em seguida, a Fundação foi dirigida por Roberto Manzo, de 1983 a 1988 e, desde 1989, Dulce Junquetti responde pelo cargo de diretora.

O primeiro curso a funcionar na Fundação das Artes foi o de Música, que teve como professores os concertistas da Orquestra de Câmara do Município, dissolvida naquela ocasião. A partir daí, série de cursos foram criados e a Fundação das Artes ampliou e dinamizou diversas outras atividades culturais.

Em junho de 1968, foi implantado o Curso de Teatro e, em outubro do mesmo ano, foram iniciadas as atividades de Artes Visuais. O último curso instituído foi o de Dança, no ano seguinte.

Em 1969, a Fundarte marcou suas atividades promovendo uma movimentada semana de cinema, pintura, teatro, literatura, música erudita e popular. O êxito foi garantido, levando para O Bairro Nova Gerti (então ainda denominada Vila Gerti) milhares de pessoas. Este foi o primeiro de uma série de incentivos culturais que a autarquia passou a desenvolver com a comunidade. Os resultados de suas iniciativas fizeram com que a Fundarte se tor-



Acervo: Fundarte

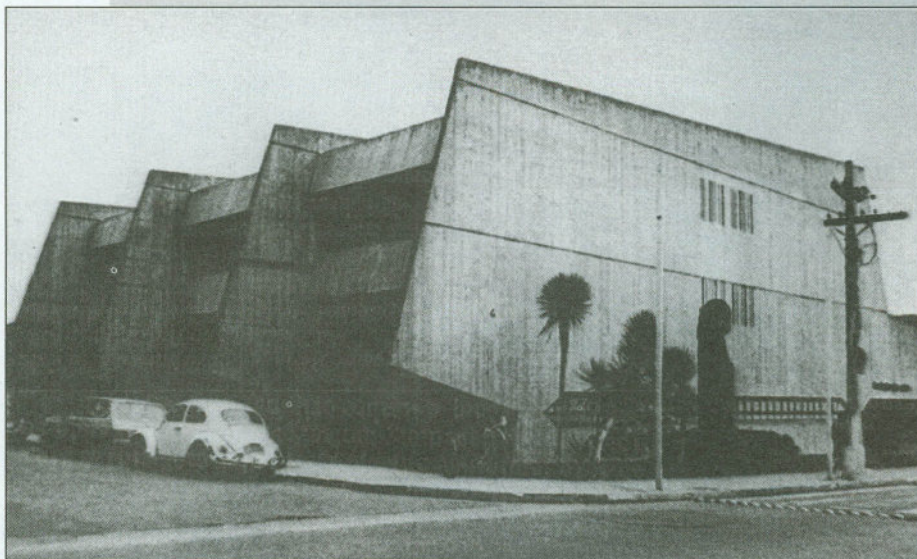
Saguão de exposições, em 1968



Classe de iniciação musical, em 1968



Aula de Canto com Roberto Manzo (sentado) e Baldur Liezemberg, em junho de 1969.



Fachada do prédio da escola, em 1978



Abertura das comemorações do 10º aniversário da Fundação, em 26 de julho de 1978

Atualização constante assegura eficiência e prestígio da escola

Dulce JUNQUETTI (*)

Do ponto de vista da teoria da educação, predomina a tese de que o homem é um produto das relações sociais, da realidade das relações sociais. A realidade educativa é interpretada como uma parte desta, de modo que se pode supor que o homem não é nada mais do que aquilo que a educação faz dele.

Quando vim para a fundação das Artes, em 1989, comecei a descoberta de um segmento da educação até então desconhecido por mim.

A princípio, a Fundação das Artes me parecia uma mescla confusa entre Escola de Artes e Espaço Cultural. Descobri, contudo, que esta é, na verdade, a magia do sucesso da escola. Esta dualidade permanece não tirando em absoluto sua identidade; é uma característica indissociável. O que até então eu não havia reconhecido completamente ficou evidente: a escola constitui uma exceção, e é preciso estar aberto para se conhecer e respeitar essas diferenças e adequar nossas atitudes frente ao novo.

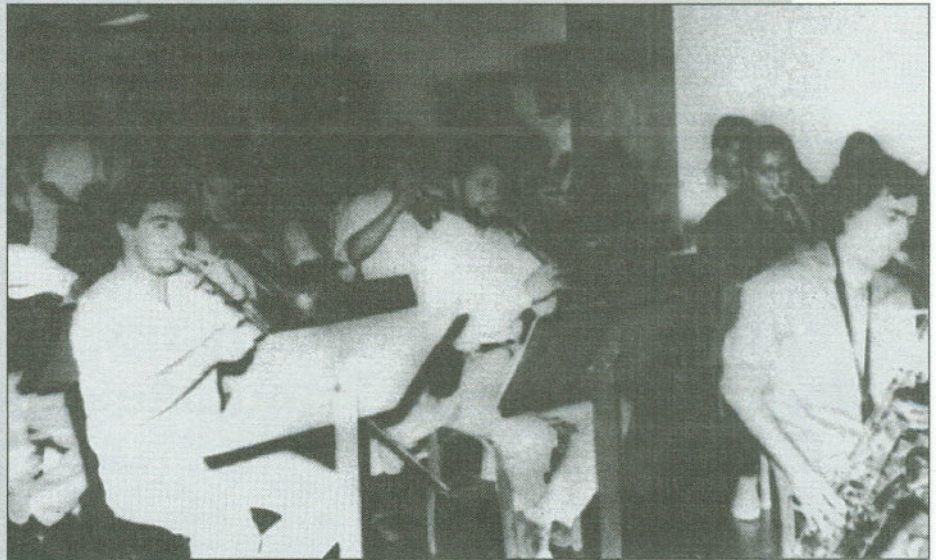
As reflexões diante da importância da didática tiveram seu ponto de partida em ampla discussão em torno dos ensinamentos aqui aplicados. O que antes era chamado de flexibilidade didática foi aos



Quarteto de Flautas da Fundação das Artes; apresentação no Museu de Arte de São Paulo, em 27 de julho de 1978



Quarteto de Cordas, durante a estréia, em agosto de 1989



Apresentação da Big Band



Alunas da Escola de Dança apresentam espetáculo (1987)

poucos se transformando numa uniformidade, através de uma conseqüente reforma curricular.

É impossível deixar de ver que a instituição se renovou, e é por esta renovação que seu presente e seu futuro se garante como o grande celeiro de artistas. Sua força se encontra sobretudo na sua auto-certeza histórica.

Demorou alguns anos para que uma nova geração de professores/artistas assumisse naturalmente a dissociação de serem professores em sala de aula e perante seus pares serem excelentes artistas e/ou instrumentistas, dando um grande exemplo na transmissão de informações e vivência, executada de maneira profunda e perseverante.

Do nosso ponto de vista, o sucesso se deve constituir num motivo para não se renunciar aos reais esforços; a carência dos resultados dos esforços pode dever-se à forma como se direcionou a transmissão das informações. Baseado nisso, nosso corpo docente passa por um constante aprendizado, em cursos de reciclagem em diversos países, determinando a qualidade de nosso ensino.

Vivemos em uma sociedade embasada na desigualdade, uma sociedade que está injustamente ordenada, onde é inevitável se ver a luta pelo reconhecimento, pela identidade e pelas qualidades de uma instituição e deste espírito de luta participam todos os membros da Fundação das Artes.

De triunfo em triunfo, vamos deixando aos poucos esta questão para quem possa interessar, e caminhamos firmando uma trilha na ordem da positividade, como se cada vez mais descobríssemos todas as possibilidades no âmbito educacional artístico/cultural.

Nossa intenção é modesta; apenas esperamos algo mais acontecendo numa constante evolução, na certeza de que o futuro sempre será melhor e olhando para o passado como eterna fonte de aprendizado.

(*) Dulce Junquetti é diretora-geral da Fundação das Artes de São Caetano do Sul.



Espetáculo de dança, em 1991

Apresentação de alunas da Escola de Dança, durante as comemorações de Jubileu de Prata, em outubro de 1993, no Teatro Paulo Machado de Carvalho



Acervo: Fundarte

Centro formador de artistas, característica da Fundarte

Roberto MANZO (*)

Vinte e cinco anos de trabalho na formação de artistas; vinte e cinco anos em atividade visando a transformação de pessoas. Mesmo considerando a prática da arte como forma de trabalho. O artista, durante sua atuação, vive incríveis momentos entre a fantasia e a realidade; torna-se integrante de um mundo onde o sonho confunde-se com o real; tornam-se vagas as noções de tempo e espaço.

Sua forma de raciocínio é peculiar - pensa e expressa-se através de sons, movimentos, gestos... Sua expectativa é a certeza do crescimento interior - seu e dos espectadores; o aplauso ajuda, estimula e entusiasma porém, somente tem sentido para o verdadeiro artista quando este realmente se sente merecedor.

Vinte e cinco anos investindo em crianças e jovens, descobrindo e incentivando talentos nas artes plásticas, dança, músicas e teatro.

Desnecessário, mas oportuno lembrar, a Fundação das Artes tem, nesse largo período, sensivelmente contribuído de forma eficaz no aprimoramento e crescimento intelectual e cultural da cidade e da região, sendo conhecidos seus resultados em diversos pontos do território nacional e até em outros países.

Uma das principais características da instituição é ter em seu corpo docente professores graduados em nível superior nas áreas de

atuação e, o que é mais importante e natural, servindo de autênticos modelos aos alunos, são também artistas que se apresentam regularmente em espetáculos e exposições.

Vinte e cinco anos de história. Relembro com enorme carinho os primeiros anos da Fundação - do professor Verino S. Ferrari, incansável, admirador entusiasta dos primeiros frutos colhidos; de Milton Andrade; do sincero idealismo dos professores Moacyr Del Picchia, Maria Amália Martins (Malinha), Joaquim Thomaz Jaime, José Eduardo Gramani e Marília Pini (esta, ainda em grande atividade como professora e integrante do Quarteto de Cordas da instituição); de Maria do Carmo Fávero Gózzora, responsável na ocasião pela secretaria da escola.

Vinte e cinco anos - tão importante quanto as comemorações, momento ideal para refletir, analisar e tomar atitudes; problemas das mais diferentes ordens, sempre existiram; com esforço conseguimos superar diversas crises colocando em primeiro lugar e muito acima dos próprios interesses, os reais objetivos da entidade.

(*) Roberto Manzo, maestro e professor, foi diretor-geral da Fundação das Artes

nasce cada vez mais conhecida. Seu nome e prestígio, como entidade cultural, foram sendo divulgados e a procura pelos cursos aumentou de forma significativa.

No início da década de 70, veio ao Brasil um grupo de alemães, defensores do movimento Orff. A proposta do grupo era de lecionar música para crianças, utilizando instrumentos rudimentares como flauta e o violão de madeira. Foi estabelecida uma aliança cultural entre Brasil/Alemanha. Após esse entendimento, foram promovidos cursos sobre o método, dirigido aos professores, capacitando-os para sua aplicação. A Fundarte foi a única escola no Brasil e utilizar o método para iniciação à música.

Em 1976, surge a Big Band e o quarteto de Flauta Doce, ambos formados por alunos e professores. O trabalho desse grupos obteve êxito e garantiu presença em comemorações na região e excursões pelo Estado.

Em 1981, o Grupo de Teatro da Fundarte destacou-se com a apresentação da peça O Coronel dos Coronéis, em turnê por todo o País. Participavam do grupo Cássia Kiss e Marcos Frota, atores conhecidos pelo público.

Novos grupos foram criados, como o Madrigal, formado por 20 alunos, que recebeu vários prêmios em concursos e participações em programas de TV, formou-se também o Quarteto de Cordas, em 1989, reunindo professores.

Em 1990, o prédio da Fundação das Artes, considerado uma das mais modernas arquiteturas da cidade, passou por reforma geral. O auditório, que estava interditado há dois anos, foi restaurado e recebeu uma mesa de som com 40 canais, beneficiando alunos e público em geral.

A Orquestra Sinfônica Jovem, formada por 57 alunos, foi criada em 1991, com a finalidade de sustentação pedagógica de matérias do curso profissionalizante de música, além de promover apresentações para a comunidade e em festivais, como o de Campos do Jordão e Poços de Caldas. Com essas inovações, ganhou o respeito e admiração da sociedade, participando do desenvolvimento cultural do Município.

Em 1992, foi criado o Corpo de Baile da Fundarte. Um dos objetivos de sua criação foi o de representar a cidade em eventos nacionais de sua estréia oficial ocorreu em junho do mesmo ano, durante as comemorações do aniversário de São Caetano do Sul. Em 1993, foi criado o quinteto de Sopros, formado por professores da Fundarte.

Hoje, a Fundação das Artes é um ponto de referência obrigatório para aqueles que, de alguma forma, identificam-se com atividades culturais. A Fundação permite a participação de qualquer pessoa, realizando, semestralmente, teste de aptidão para selecionar alunos.

Através das Escolas de Música, Teatro, Dança e Artes visuais, a Fundação das Artes abriga cerca de 1.200 alunos e, aos poucos, vem se transformando no centro cultural do Grande ABC.

Instituto Mauá de Tecnologia: 29 anos de presença constante

Marli BARBOSA (*)

Acervo: Instituto Mauá de Tecnologia

Há 29 anos, o Instituto Mauá de Tecnologia está presente em São Caetano, colocando no mercado engenheiros em várias especialidades. Hoje, o IMT forma profissionais nas áreas de Engenharia de Alimentos, Civil, Metalurgia, Eletricidade, Mecânica, Química e Engenharia Sanitária. O Centro de Pesquisas existente no campus de São Caetano possui 4.500m². A biblioteca tem um acervo de 40 mil volumes e o Banco de Dados eletrônico conecta a comunidade acadêmica com outros cursos superiores. O IMT nasceu no início da década de 60, depois de muitos esforços de técnicos interessados em dotar o País, e São Paulo, de uma escola de Engenharia capaz de suprir as necessidades crescentes do parque industrial. O campus de São Caetano começou a funcionar em 1965.

Carência de especialistas

O Brasil enfrentava as conseqüências da II Guerra Mundial. Os impactos eram mais evidentes no setor industrial, que improvisava para suprir as reduções na importação. O crescimento do parque industrial, principalmente em São Paulo, resultou numa demanda maior de profissionais de Engenharia a fim de atender às necessidades de conhecimentos técnicos e científicos.



Visita do ministro da Educação e Cultura ao campus de São Caetano, em 1966. Na frente, da esquerda para a direita, Izrael Mordka Rozenberg (atual superintendente do IMT), deputado Nicolau Temer, o ministro Raimundo Moniz de Aragão, o deputado Salvador Julianelli Neto e o engenheiro Álvaro de Souza Lima

Acervo: Instituto Mauá de Tecnologia

Acervo: Instituto Mauá de Tecnologia



Lançamento da pedra fundamental do edifício Engenheiro Plínio de Queiroz. No centro, o então prefeito Oswaldo Samuel Massei; à sua direita, Aldino Pinotti, prefeito de São Bernardo e, ao fundo, Armando Furlan, vereador em São Caetano



Visita do governador Roberto de Abreu Sodré, durante o lançamento da pedra fundamental do edifício Engenheiro Plínio de Queiroz. Da esquerda para a direita, Luciano Nogueira Filho, o governador Abreu Sodré e o então prefeito, Oswaldo Samuel Massei

No começo dos anos 50, o engenheiro industrial Victor Carlos Fillinger foi eleito conselheiro da CREA - Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura - como representante do Instituto de Engenharia. Nas reuniões do Conselho, viu crescerem os problemas relativos à carência e dificuldades do exercício da Engenharia da indústria.

Coincidiam estudos sobre essa mesma questão na Divisão Técnica do Instituto de Engenharia, dirigida por Victor Carlos Fillinger. O objetivo era examinar todos os aspectos da questão e fazer um quadro de disponibilidade de profissionais.

Esses estudos foram publicados pelo Instituto de Engenharia, que demonstraram a escassez de profissionais da área para atender às necessidades de industrialização de São Paulo e do Brasil. Nas recomendações, indicou-se o aumento de vagas nas escolas de Engenharia então existentes, e já se sabia, entretanto, não seria suficiente.

Na década de 60, a industrialização prosseguiu em ritmo acelerado. No início de 61, o engenheiro Francisco Antunes estreitou os contatos com Fillinger e sempre abordavam a carência de engenheiros. Depressa, chegaram à conclusão sobre a necessidade da criação de uma escola de Engenharia, orientada especificamente para a formação de profissionais com as especializações exigidas pelas indústrias.

Rapidamente, estabeleceram-se contatos com outros engenheiros, alguns professores de escolas existentes na época - Escola Politécnica de São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, Escola Mackenzie e Escola de Engenharia Industrial da Universidade Católica. Houve reuniões no Instituto de Engenharia e nas casas dos interessados no empreendimento.

No dia 2 de junho de 1961, houve a primeira reunião preparatória para estudar a criação da nova escola. Estava constituída uma comissão para tratar da fundação da Escola Paulista de Engenharia, integrada pelos engenheiros Francisco Antunes, Luiz Castro Sette, Mário Savelli, Nicolau de Vergueiro Forjaz e Victor Carlos Fillinger.

Da primeira denominação logo se evoluiu para a de Escola de Engenharia de São Paulo. Finalmente, por sugestão de Fillinger, foi adotada a de Instituto de Tecnologia, daí se derivando Escola de Engenharia Mauá, numa lembrança a Irineu Evangelista de Sousa, o Barão de Mauá.

A fundação do IMT

No dia 11 de dezembro de 1961 - Dia do Engenheiro - na sede do Instituto de Engenharia, localizado no Viaduto Dona Paulina, foi plantada a semente do Instituto Mauá de Tecnologia. No segundo andar do Palácio Mauá, reuniam-se algumas das maiores expressões de São

Acervo: Instituto Mauá de Tecnologia



Lançamento da pedra fundamental do edifício Engenheiro Plínio de Queiroz, em 21 de setembro de 1970

Paulo - na Engenharia, no Magistério, na Política, na Ciência e na Sociedade - para a assembléia de fundação do IMT, presidida pelo engenheiro Álvaro de Souza Lima.

No auditório, figuras de igual importância ouviram a leitura do projeto do Estatuto, que recebeu aprovação unânime e, depois, dos indicados para integrarem o Conselho Diretor, que receberam aplausos de todos: presidente - Plínio de Queiroz; vice-presidente - Álvaro de Souza Lima; secretário-geral - Francisco Antunes; seguidos também dos nomes dos membros efetivos. Nemésio Leal foi o secretário da assembléia de fundação e quem lavrou a ata.

Agora, era a hora de agir e enfrentar as dificuldades. O Ministério da Educação e Cultura e o Conselho Federal de Educação mostraram-se contrários à criação de uma escola para milhares de alunos. Os que engrossavam as fileiras do IMT reconheceram que a entidade, ainda embrionária, não tinha condições de desenvolver projeto de tamanha grandeza. A melhor política era obter autorização de funcionamento limitando o número de matrículas e depois tratarem das ampliações.

Foi de grande importância o apoio da

Acervo: Instituto Mauá de Tecnologia



Visita do ministro da Educação ao campus de São Caetano, em 1966. Da esquerda para a direita: o ex-ministro da Educação, Ernesto de Souza Campos, o deputado Salvador Julianelli Neto, o ministro da Educação, Raimundo Muniz de Aragão, os engenheiros Álvaro de Souza Lima e Izrael Mordka Rozenberg, o prefeito Oswaldo Samuel Massei

Federação das Associações de Pais e Mestres, que enviou numerosas correspondências ao ministro da Educação e altos funcionários do MEC. O ministério, através de portaria do diretor do Ensino Superior, baixada em 18 de abril de 1962, autorizou o início das atividades da Escola de Engenharia Mauá.

Para enfrentar as primeiras despesas, o engenheiro Francisco Antunes solicitou e obteve de grande número de professores, sobretudo engenheiros, uma pequena contribuição financeira. A lista alcançou 150 assinaturas e serviu para demonstrar a aceitação da idéia.

Criada a estrutura do empreendimento - um órgão de cúpula mantenedor - que funcionava provisoriamente numa sala do Instituto de Engenharia - e uma Escola de Engenharia, tratou-se de conseguir um local para as instalações. De olho no antigo Ginásio do Estado, no Parque D. Pedro II, recorreu-

se ao governador Carvalho Pinto. Imediatamente, ele aceitou o pedido e, ainda, prometeu as reformas necessárias no prédio. Depois de alguns entraves burocráticos, a cessão veio através da Secretaria de Educação em 30 de janeiro de 1962.

Concorreram ao primeiro vestibular 1.139 candidatos e a Escola iniciou atividades com 320 alunos matriculados. A primeira turma de formandos colou grau em 1966 em solenidade na Matriz de São Paulo. Eram engenheiros eletricitistas, químicos e metalurgistas, uma vez que as demais habilitações - Civil, Mecânica, Sanitária e Alimentos - foram ampliadas posteriormente.

A boa vontade, aliada à capacidade de criação e improvisação de dirigentes e professores, foi imprescindível para enfrentar os desafios. Os próprios dirigentes iam às vidrarias procurar bons preços e doações para material do laboratório de Química. Professores desenhavam os móveis para os carpinteiros, emprestavam uns aos outros material para as aulas e procuravam colaboração em outras escolas de Engenharia.

Em São Caetano do Sul

Todos concordavam que muito em breve o velho prédio do Parque D. Pedro II não seria suficiente para abrigar a Escola de Engenharia Mauá. Era necessário uma área que comportasse edificações como laboratórios, oficinas, auditório, praça de esportes, setores administrativos e maior número de salas de aula.

Puseram-se a campo dirigentes, professores e também alunos. Procurado, o então prefeito de São Caetano do Sul, Anacleto Campanella, logo prometeu empenhar-se na doação de área para o IMT. Ainda em 1962, foi promulgado o decreto municipal 1.612, com o qual o prefeito declarou de utilidade pública a área localizada na Estrada das Lágrimas. Pela lei municí-

pal 1.150, de 6 de novembro daquele ano, a Câmara Municipal autorizou o Município a instalar a EEM.

Concluída a desapropriação do terreno, já na administração Walter Braido, a 3 de julho de 1967, aconteceu a efetivação da escritura de doação representando 98.348 m². O Instituto Mauá de Tecnologia adquiriu mais 39.265m² da Cerâmica São Caetano e aí, em cerca de 140.000m², foi possível planejar o campus, trabalho dos arquitetos Francisco Beck e Ary de Queiroz Barros.

A primeira aula no campus de São Caetano do Sul aconteceu em 20 de março de 1965. Alguns professores, pais de alunos e mais de 200 jovens que acabavam de ingressar na Mauá, dirigiram-se à maior sala de aula existente para assistir à aula inaugural do ano e das novas instalações. Para pronunciá-la foi escolhido o professor Antonio de Oliveira, atual diretor da EEM e então professor de Física.

Na implantação do campus na cidade, o IMT contou com muitas doações, inclusive de empresas. Foi de grande importância o convênio com o Estado, assinado em 19 de março de 1970 na administração Abreu Sodré, pelo qual o Instituto obteve recursos para construção de 8.000m², que incluiu o Edifício Plínio de Queiroz, ainda hoje o maior do campus. Outra colaboração veio em 1975 do Banco Nacional de Desenvolvimento para construção do Laboratório de Bioquímica Industrial. O IMT realizou também um financiamento junto ao FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos - para reorganização administrativa e construção do Edifício Arquiteto Francisco Beck, e, 1981. O edifício foi inaugurado em 2 de dezembro de 83, com a presença do governador Franco Montoro. Ali encontra-se modernamente instalado o Centro de Pesquisas com seus laboratórios.

A sede do IMT continuava instalada no prédio da rua Frederico Alvarenga, 121, no Parque D. Pedro II. Em 11 de setembro de 1975, a área foi declarada de utilidade pública para prosseguimento das obras do Metrô. A 16 de janeiro de 79, no gabinete do prefeito Olavo Setúbal, foi assinado o Termo de Cessão do Imóvel da rua Pedro de Toledo, 1071, onde se encontra a sede do IMT e o Cecea - Centro de Cursos Extracurriculares(1).

A Escola de Engenharia Mauá

A Escola de Engenharia Mauá, uma das entidades mantidas pelo Instituto Mauá de Tecnologia, oferece curso de graduação em Engenharia, mantendo sete diferentes habilitações: Alimentos, Civil, Elétrica (Eletrônica e Eletrotécnica), Mecânica, Metalúrgica, Química e Sanitária. Desde a sua fundação até o final do 1992, a EEM formou o total de 8.596 engenheiros, que têm encontrado grande receptividade no

Acervo: Instituto Mauá de Tecnologia



Vista atual do campus do Instituto Mauá de Tecnologia

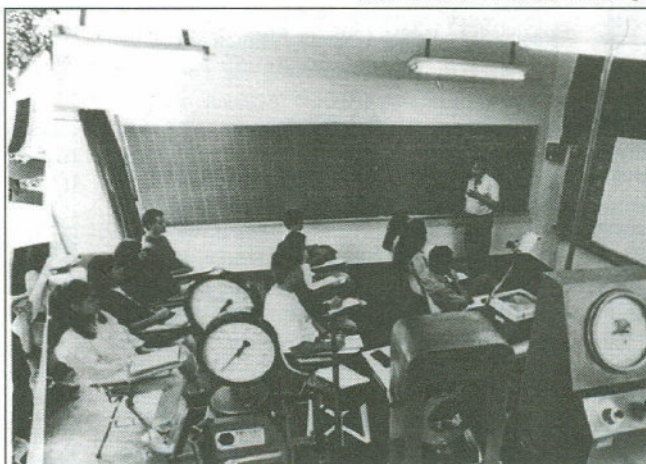
mercado de trabalho.

A Mauá tem como meta o ensino de qualidade e prioriza a formação prática de seus alunos. Tanto que do número de aulas que integra o currículo dos cursos cerca de 50% são destinados a projetos e práticas de laboratório. Para isso, dispõe de mais de 50 laboratórios, entre os quais os de: Ensaio de Motores, Bioquímica e de Alimentos, Ensaio Mecânicos, Metrologia, Microondas e Computação. Dispõe ainda de uma planta-piloto para experiências de industrialização de alimentos.

A Oficina de Criação, uma das mais recentes inovações da Mauá, dá ao aluno a possibilidade de elaborar e concretizar seus projetos com total liberdade de ação. No final do curso, os estudantes desenvolvem um trabalho de Graduação, dentro de sua área de formação com acompanhamento de professores. Esses trabalhos são expostos inclusive para visitação externa.

A infra-estrutura inclui outros recursos que beneficiam o estudante, como o posto de serviços bancários e estacionamento para 1.500 automóveis. Há no campus várias salas destinadas exclusivamente a estudos, sem falar na biblioteca,

Acervo: Instituto Mauá de Tecnologia



Laboratório no interior do Instituto Mauá de Tecnologia

que com mais de 40.000 livros especializados.

O Centro Acadêmico, o maior em espaço físico da América Latina, com cerca de 800m², abriga livraria, papelaria, locadora de CDs, sala de TV, salão de jogos, bombonière e sala de cópias. É também responsável pelo funcionamento de uma lanchonete e da cantina.

Banco de Dados

A EEM implantou recentemente seu BBS - Bulletin Board System -, um banco eletrônico de dados que possibilita a alunos e professores o acesso a informações acadêmicas, via computador, de suas casas ou qualquer outro local. Através da iniciativa, inédita entre instituições de ensino superior, o estudante pode também comunicar-se com colegas para discutir trabalhos e exercícios.

A Mauá também já obteve da Fapesp - Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo - aprovação para integrar a rede de informações internacional da Internet. Assim, através do sistema de correio eletrônico, alunos e professores podem comunicar-se, via computador, com universidades, bibliotecas e estudantes de todo o mundo.

Dos 224 integrantes do corpo docente da Mauá, 50 são mestres, 37 doutores e 137 graduados, destes muitos com cursos de especialização. Por considerar que seus professores constituem o maior patrimônio, a EEM tem investido significativamente no aperfeiçoamento do quadro. Além de propiciar cursos de pós-graduação no país e no exterior, a Mauá colabora com outras instituições através de trabalhos de pesquisa e cursos especiais.

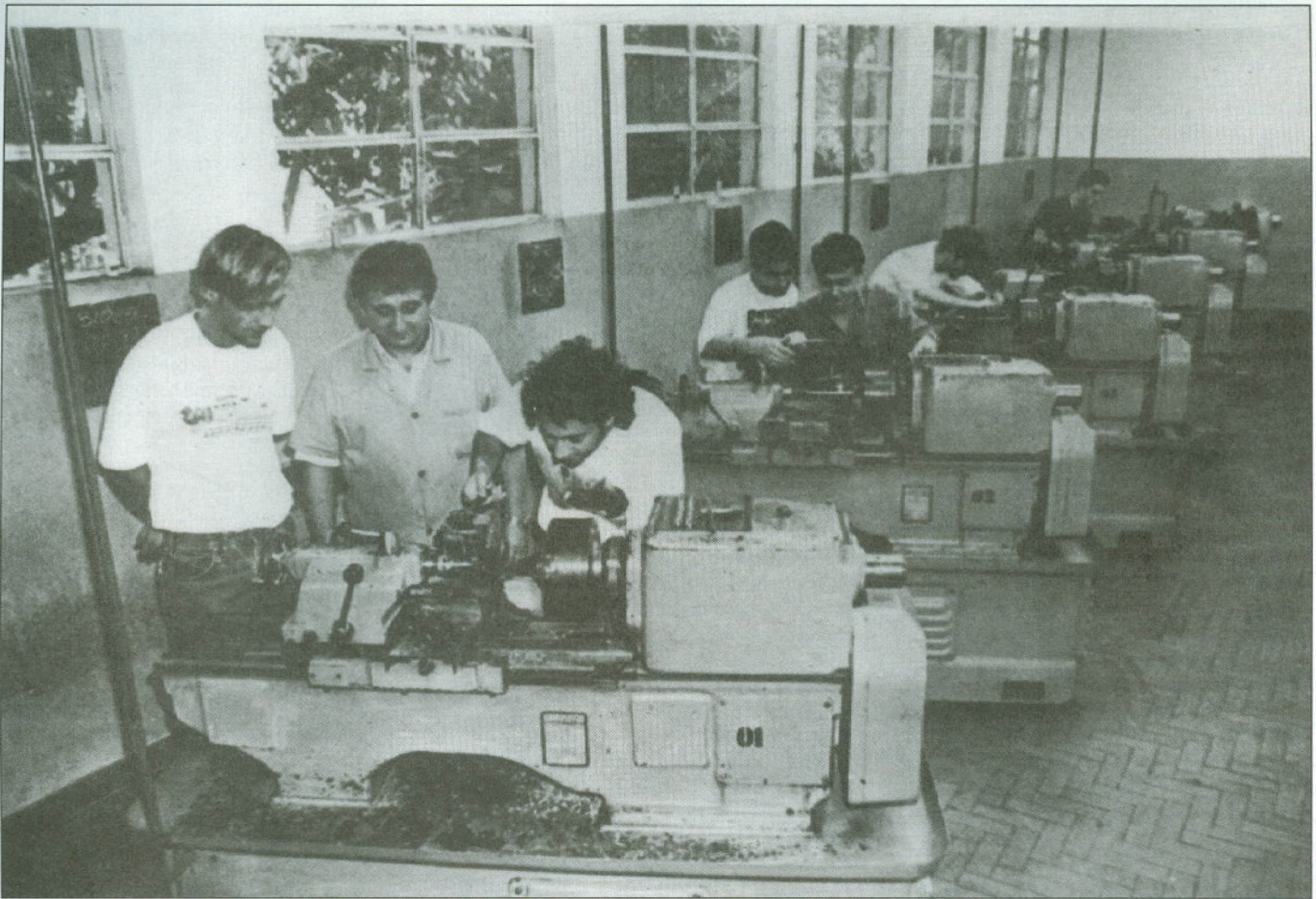
Crédito educativo

O Fundo Mauá de Bolsas, mantido com recursos do IMT, tem como objetivo das condições ao aluno de continuar seus estudos em caso de dificuldades financeiras. Beneficia atualmente cerca de 190 alunos e pode representar de 30 a 100% da mensalidade, valor que será restituído um ano após a formatura.

Outro fundo gerado pela Mauá é o Fundo Alfredo Egidio Arruda Villela, criado com doação do Banco Itaú e que funciona no mesmo sistema do FMB. A EEM concede ainda bolsas não restituíveis para 2% de seu alunado. A distribuição é delegada à Prefeitura de São Caetano do Sul, que estabelece critérios de seleção e os valores concedidos.

Pesquisas

O Centro de Pesquisas do Instituto Mauá de Tecnologia foi criado em 1967, quando eram dois os objetivos do IMT: de um lado, aproveitar os recursos materiais e humanos de que já dispunha, para a prestação de serviços técnicos à indús-



Vista parcial de oficina mecânica no Instituto Mauá de Tecnologia

tria e, de outro, proporcionar aos professores a oportunidade de participar de um programa permanente de aperfeiçoamento.

O CP iniciou suas atividades com realização de ensaios, análises e controle de qualidade de materiais. Aos poucos, as áreas de atuação foram ampliadas. Da pesquisa tecnológica, passou à assistência e consultoria técnica a empresas estatais e privadas, realizando trabalhos nos mais diversos campos da Engenharia.

O edifício, com área superior a 4.500m², em que está instalado, abriga um conjunto de laboratórios de Ensaios Mecânicos, Análises Químicas, Tintas, Tecnologia Sanitária, Corrosão, Ensaios Metalográficos, Instrumentação, Solos, tecnologia Química, Metrologia e Luminotécnica e também salas de Projetos, Desenho, Divisões Técnicas e serviços complementares.

Uma das ramificações das pesquisas desenvolvidas é constituída pelas atividades de investigação científica a que se dedicam professores e estudantes interessados no aperfeiçoamento acadêmico e profissional. Algumas pesquisas contam com apoio de órgãos como Fapesp - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Outro ramo compreende trabalhos de pesquisa aplicada, realizados mediante convênios com entidades públicas ou privadas. Dentro dessa linha, o Centro de Pesquisas tem prestado serviços à CESP - Companhia Energética de São Paulo, DERSA - Desenvolvimento Rodoviário S.A., Petrobrás - Petróleo Brasileiro, Mercedes Benz, Companhia de Transportes Urbanos de Recife, Companhia Rhodia S.A., Furnas-Centrais Elétricas S.A., entre outras.

A Cecea

No final de 1972 a EEM criou o curso de Extensão em Administração Industrial com o objetivo de atender à crescente necessidade de conhecimentos na área, sentida por profissionais de nível superior no exercício de funções de gerência. Vieram outros cursos, que em 1976 integram-se no Centro de Cursos Extracurriculares de Engenharia e Administração, o Cecea, já com estrutura autônoma.

Com duração variável, os cursos obedecem diretriz eminentemente prática e são ministrados por professores que reúnem larga experiência profissional nas áreas de sua especialização. O Cecea oferece entre outros, cursos de

Administração Industrial, Sistemas de Informação, Marketing Industrial, Finanças, Administração de Transportes, Projetos Industriais em Engenharia Mecânica e Administração de Projetos. Também desenvolve programas específicos a equipes técnicas de empresas interessadas.

(*)Marli Barbosa é jornalista

Notas

(1)Os dados históricos são extraídos do livro *O Mauá em História - saga de uma instituição, de autoria do advogado e jornalista Silveira Peixoto, que foi assessor jurídico do Instituto Mauá de Tecnologia de 1970 até 1992. José Benedicto Silveira Peixoto é autor de vários livros, entre os quais A Tormenta que Prudente de Moraes Venceu. É jornalista desde os 16 anos. Atuou em alguns dos principais jornais e revistas. Foi professor de Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero e de Direito na Faculdade de Direito de São Bernardo. Hoje, aos 84 anos, é titular da Academia Paulista de Jornalismo e da Academia Brasileira de História. É, também, presidente de honra do Ordem dos Velhos Jornalistas do Estado de São Paulo e secretário do Conselho Supremo da Sociedade de Veteranos de 32 - MMDC.*

O cotidiano escolar em São Caetano

Eliane MIMESSE(*)

Acervo: Museu Municipal



Primeira Escola Feminina, que ficava à rua Perrella, quase defronte ao Cine Central. Foto de 1912. Na primeira fila, da esquerda para a direita, Ana Martins, Regina Vicentini, Maria Joana Bálamo. A professora é Dona Noêmia. Na segunda fila, da esquerda para a direita, a quarta aluna é Tecla Gallo; a quinta aluna, Ida Lorenzini. Na terceira fila, da esquerda para a direita, ao fundo, a quarta aluna é Carmela Capuano (com vestido de bolinhas); a quinta aluna é Tereza Cavana, a sexta, Paula Thomé, a sétima, Amabile Barile, e a oitava, Maria Barile (doação: Maria Joana Fiorotti)

Analisaremos a educação em São Caetano, na passagem do século XIX para o século XX. Retomamos, necessariamente, o início da colonização para recolhermos o meio estudado, enfocando os anos que precedem e sucedem a passagem do século. Detivemo-nos nesse período por anteceder o desenvolvimento industrial e o conseqüente crescimento da população, que acarretou a vinda de outros povos e não só dos imigrantes italianos, moradores do local desde a sua colonização. Sem desvincularmos os acontecimentos da formação do território pelos índios e pelos monges beneditinos, passamos a analisar a chegada dos imigrantes de forma sucinta, para nos determos na época da criação de duas cadeiras de primeiras letras no Núcleo Colonial de São Caetano, no ano de 1883. Esse é o ponto de partida para o trabalho desenvolvido. Teremos não só o cotidiano como um todo, mas um enfoque mais pormenorizado do cotidiano escolar, a estruturação de suas escolas, a aceitação dessas no interior do Núcleo Colonial, o material didático utilizado e a influência do trabalho doméstico, da lavoura e das olarias na aprendizagem das crianças. Como enfoque principal, pretendemos atingir o cotidiano no período da criação das duas

cadeiras até o seu posterior desenvolvimento no final da primeira década, quando temos, ao todo, sete professores em São Caetano.

Desvendaremos o cotidiano escolar a partir de 29 de março de 1883, quando são criadas duas cadeiras de primeiras letras na colônia de São Caetano, uma feminina e outra masculina. Tendo, poucos meses depois, um professor para a escola masculina - Joaquim Ferreira Alambert - que permanece dez anos na colônia, quando permuta a sua cadeira para Sorocaba. Na escola feminina, temos notícias da professora Elisa Angélica de Brito Alambert somente no mês de março do ano seguinte; ela foi removida de Lorena para São Caetano permanecendo na escola durante dos anos, sendo substituída

por Josephina Invernizzi, que se fixa na colônia nos próximos sete anos. Com base nos relatórios semestrais enviados pelos professores ao Inspetor-Geral da Província e ao Diretor da Instrução Pública, poderemos reconstituir parte dos acontecimentos escolares.

Críticas foram tecidas à criação de escolas nas colônias, à medida em que se afirmava que os trabalhadores não deveriam ter escolarização, mas somente deveriam produzir para engrandecer o país. Em contraponto a isso, temos o ideal de formação de núcleos autônomos, que valorizam a escola, na medida em que esta não interferisse no trabalho desempenhado pelas crianças, meninos e meninas maiores de oito anos. Por termos os números de alunos freqüentes, percebemos que a escola era formada por um grupo homogêneo (durante os anos de que temos notícias), mas em relação ao número de alunos matriculados podemos perceber uma pequena queda. E os professores esclarecem essas diferenças referindo-se ao trabalho doméstico, à lavoura, às doenças e contínuas entradas e saídas das famílias na colônia.

Nesses relatórios, podemos perceber que o número de crianças que não freqüentavam a escola

era grande, e que menores de sete anos eram aceitos, ocupando as vagas das crianças maiores, que tinham outras ocupações. Como cita o professor Manoel dos Reis, em relatórios de 01 de junho de 1896: "E muito elevado o número de meninos em idade escolar na colônia de São Caetano, calculando-se aproximadamente, embora custe crer pela matrícula actual, em setenta ou oitenta a respectiva população; entretanto, muitos poucos são, relativamente, os que procuram a escola, sendo ainda para notar (o que aliás parece comum nas escolas de bairros) que compareçam a matrícula muitos menores de sete anos, ficando em casa, ocupados ou não em serviços de lavoura, dezenas daqueles que possuem a idade legal. Os professores tem de atender as solicitações que insistentemente se lhes fazem, admitindo à matrícula meninos muitas vezes sem o necessário desenvolvimento physico e intellectual, desejosos, como sempre estiveram e estão, de manter em suas escolas regular frequencia, uma vez que aquellos que se acham abaixo da idade escolar frequentam as aulas com rasoavel aproveitamento; e é o que tenho sido obrigado a praticar, apresentando ainda agora matriculados (...) diversos alumnos de cinco e seis annos de idade".

Outro ponto exaustivamente citado nesses relatórios é a falta de material escolar, como os próprios livros adotados e não enviados pelo governo, segundo a professora Elisa Angélica de Brito Alambert, em relatório de 01 de 1885: "A falta de livros (...) é assás sensível. Em geral minhas alunas são filhas de homens do trabalho, e por isso pobres: e difficilmente podem elles concorrer para as despesas dos respectivos compendios. A difficiencia de livros é uma das causas do pouco desenvolvimento intellectual das allunas nas escolas publicas". E não somente os livros é que são; caros são outros materiais também, segundo a professora Josephina Invernizzi, em relatório de 01 de novembro de 1888: "Não ha um mappa ou um globo terrestre para o estudo da geographia; nem uma lousa, para o desenho linear".

Vemos, assim, que o ideal da educação nas escolas preliminares está presente na legislação, de modo claro. Contudo, em nível de realidade, era inviável, pois não existiam materiais, os alunos não freqüentavam regularmente a escola, e ainda a própria escola não contava com prédio próprio. O município deveria ter verbas suficientes para construí-la. Assim, a escola recém-criada ocupou uma das salas da antiga casa-grande, alternando os horários entre as salas feminina e masculina.

Mesmo com todas as críticas e problemas eminentes, o professor Joaquim Ferreira Alambert inscreve-se na Escola Normal de São Paulo e, por

dois anos, afasta-se da cadeira de São Caetano; temos, entre os anos de 1885 e 1886, um professor substituto, Antonio José Lisboa. Vemos, assim, que o professor efetivo assumiu a vaga em São Caetano sem o curso da Escola Normal, sendo ele, talvez, um professor livre-docente, como preconizava a Reforma Leôncio de Carvalho, e que freqüentou a Escola Normal por dois anos e não em três anos, como essa se dispôs a partir de 1880.

Dessa forma, temos alguns problemas ainda a serem desvendados, pois, o professor livre-docente, ou de formação primária, somente poderia lecionar as disciplinas que cursou, sem efetivar uma escola preliminar que, naquele momento, contava, em média, com dezoito disciplinas em todas as suas séries. Assim, não podemos saber, nesses primeiros dez anos da escola pública em São Caetano, se os professores tinham conteúdo e compreensão suficientes para com os alunos que aqui se encontravam, ou se, simplesmente, incorporados da autoridade e da vontade de ensinar, não viam os grandes obstáculos da região, pois mantinham críticas aos pais das crianças, como a professora Elisa em relatório de 01 de novembro de 1885: "As classes operárias, como V.Sa. bem o sabe, pouco zelosas da educação dos filhos, sem avaliar devidamente o mal que dessa incuria lhes advém, obrigam geralmente os filhos aos trabalhos domésticos em prejuízo da sua frequência nas escolas publicas.". E ainda temos a barreira do próprio idioma, que dificultava a aprendizagem das disciplinas.

Nesse contexto, temos notícias de uma escola particular, no ano de 1891, que funcionava nas escadas das casas e a professora Ida Guarienti Leone ensinava português para adultos e crianças, sendo essa uma das vertentes possíveis do desinteresse dos alunos e da baixa freqüência na escola.

A partir do ano de 1894, temos uma reestruturação no quadro dos professores. A professora Josephina Invernizzi é substituída pela professora Joanna de Almeida Motta, que permanece em São Caetano por mais de um década; e o professor Manoel dos Reys, que permutou a sua cadeira com o antigo professor Joaquim Ferreira Alambert.

Nesse período, o tema dos relatórios permanece centrado na falta de material para a escola, mas vão além quando a Comissão Examinadora que efetuava os exames oficiais, no final do ano letivo de 1895, não compareceu, e comentam a respeito de um professor-substituto que, por três meses, ocupou a cadeira de Manoel dos Reys, e, no mesmo ano, expulsou um aluno por insubordinação (aluno readmitindo à escola quando do retorno do professor efetivo).

Temos na mesma década, em 1899, uma escola privada mista, de Ernesta Magnani Vivaldi, que leciona para meninos e meninas de sete a doze anos e faz esforços para seguir e programa oficial das escolas preliminares. Vemos, assim, que as iniciativas do governo foram grandiosas no momento do estabelecimento de leis que visassem a efetivação das escolas. Mas os subsídios foram dificultados à medida que não existia um prédio escolar ou mesmo materiais básicos, como livros e lousa.

Devemos, aqui, apontar a escassez de documentação referente a outras épocas. Os relatórios semestrais foram pedidos pela Inspeção Geral de

Instrução Pública durante um certo tempo; logo, temos fontes. A seguir, as fontes reduzem-se aos Anuários do Ensino do Estado de São Paulo, com o número básico de alunos matriculados e freqüentes e nome dos professores. É por esse motivo que o governo de Afonso Pena, em 1907, organiza a Diretoria Geral de Estatística, recomendando atenção especial para o serviço escolar, em função da falta de dados nos anos anteriores. É assim que temos notícias dos professores Alfredo Guedes Lopes e Joana de Almeida Motta, no biênio 1907-1908. Mas podemos perceber que essa decisão do governo não foi duradoura, porque as notícias seguintes são dos anos de 1916 em diante.

Em 1908, segundo depoimento de Maria Scarparo, temos uma escola que funciona numa casa particular, coexistindo como as anteriores, e com a escola pública que permanecia com dois professores. É de iniciativa privada a escola existente nas dependências da Sociedade Beneficente Internacional União Operária, que, em ata de 12 de janeiro de 1912, cede seu espaço para o funcionamento de uma escola.

Com o crescimento do distrito, maior número de habitantes, ampliação das fábricas, a escola cresce, pois temos, em 1917, sete professores, distribuídos em quatro escolas: feminina, masculina, mista e noturna. Mas o número de escolas amplia-se, quando a Reforma Carlos Maximiliano, de 1915, se efetiva, com o apoio e a atenção do governo federal.

O espaço e sua ocupação: a escola

questão da ocupação de espaço em São Caetano ocorre de forma conturbada, na extensão de seus limites e na formação da escola. Segundo o traçado original do núcleo colonial implantado, a parte central seria nas redondezas da antiga capela, onde viviam os antigos proprietários, os monges beneditinos. A princípio, a distribuição dos lotes ocorre seguindo esses parâmetros, formando-se passagens e caminhos, partindo-se desse ponto e sendo próximos ao rio Tamandateí (que, além de antiga via de acesso a outras localidades, era também fonte de alimentação e local de lazer). Com a construção da São Paulo Railway, o traçado original dos lotes e do próprio distrito diferencia-se, à medida que ocorrem desapropriações durante a duplicação da ferrovia, em 1899. Assim, com o crescimento da população, existe a necessidade da expansão, e as construções dirigem-se para o outro lado dos trilhos, e, além desse ponto, temos as fábricas ao redor da antiga capela, ocupando determinados espaços que impediam a fixação de casas, estabelecendo novos limites e reduzindo a extensão do território.

No momento em que nos detivemos, a localização da população ocorre, na maioria das vezes, nesse centro velho, entre o rio Tamandateí e a ferrovia. A escola, nesse contexto, insere-se como os primeiros colonos quando chegaram ao núcleo, passando a ocupar um local na antiga construção beneditina, até que tenha um prédio próprio - a ser construído. Quando da criação das cadeiras de primeiras letras, as duas escolas - masculina e feminina - estabelecem-se no mesmo local, utilizando-se da mesma sala de aula e do mesmo material

precário enviado pelos órgãos competentes. No primeiro semestre de funcionamento da escola pública em São Caetano, tínhamos apenas o professor da escola masculina, mas no segundo, com a chegada da professora da escola feminina e com a consequente falta de local apropriado, as escolas passam a coexistir no mesmo espaço, alternando-se nos horários das aulas.

Talvez essa ocupação do espaço comum tenha sido sanada com a desocupação de outras salas nas antigas construções, fato a respeito do qual não temos fontes seguras. Mas, com certeza, a existência de outros locais para o funcionamento da escola pública é notada por toda a população. A construção da casa - também chamada de palacete - do antigo colono De Nardi, contribuiu-se em muito para as condições e melhoria do ensino. A construção será terminada em 1896, cedendo o seu espaço, em seguida, para a utilização da escola. Podemos crer que isso tenha ocorrido na época referida, em função do relatório da professora da escola feminina que, no ano de 1890, reivindicava a colocação de assoalho no seu local de trabalho. Assim, com a mudança da escola para o palacete dos De Nardis, a sala de aula era assoalhada, e o ambiente tornava-se mais agradável para o ensino.

No que tange à escola masculina, temos notícias de que esta se mudou para uma sala das casas da ferrovia, cedida por um morador e funcionário da mesma empresa. E o espaço deixado pelas antigas escolas feminina e masculina é ocupado pela escola mista na primeira década deste século. Podemos acompanhar o desenvolvimento, e, talvez, o grau de importância dado à escola pela população, à medida que esta criou condições para a sua manutenção, diante da inexistência de local adequado para o seu funcionamento. E contamos com o crescimento lento do número de alunos freqüentes, fato que conduz à abertura de novas salas e escolas.

Paralelamente às escolas públicas citadas, tínhamos a utilização de espaços particulares, como as sacadas das casas, para o ensino da língua portuguesa, ou instituições que cediam suas dependências para a escola, como é o caso da Sociedade Beneficente Internacional União Operária em 1912. Temos a coexistência de vários fatores contraditórios nessa ocupação do espaço: a escola masculina e a feminina dividiam a mesma sala; a escola pública e a escola privada; a necessidade do trabalho com a família e a freqüência escolar, entre outros. Foi essa coexistência que manteve a educação em São Caetano pela contribuição e interesse da comunidade, e, finalmente, a escola pública foi inaugurada, com prédio próprio, diretor e material escolar adequado, nos anos vinte. Foi denominada Grupo Escolar Senador Fláquer, em homenagem a um político da região.

(*) Eliane Mimesse é graduada em História e Pedagogia pela PUC de São Paulo, e especializada em História do Brasil. O presente trabalho é parte de pesquisa em desenvolvimento.

Exposição comemora 45 anos de autonomia

Crédito Acervo: Raízes



Exposição foi aberta pela primeira-dama, Martha Dall'Anese, e pelo prefeito Antonio Dall'Anese, nas dependências do Museu Municipal

O Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul realizou, no período de 22 de outubro a 20 de novembro últimos, exposição em comemoração aos 45 anos de emancipação político-administrativa.

A mostra, montada nas dependências do Museu Municipal (Rua Maximiliano Lorenzini, 122, Bairro da Fundação), foi visitada por centenas de pessoas, estudantes e autoridades, direta ou indiretamente ligadas ao movimento autonomista.

A exposição reuniu fotografias, jornais e objetos que caracterizaram o movimento dos sancaetanenses para a realização de plebiscito, ocorrido em 24 de outubro de 1948, quando São Caetano conquistou sua autonomia político-administrativa.

Documentos expostos registraram o anseio autonomista já em 1928, com o surgimento do noticioso *São Caetano Jornal*. A iniciativa, todavia, durou pouco mais de um ano e resurgiu fortalecida, no início de 1947, com o movimen-

to autonomista liderado pelo Jornal de São Caetano e com a criação da Sociedade Amigos de São Caetano.

O trabalho, montado pelo Museu Municipal, destacou também aspectos das administrações dos ex-prefeitos Ângelo Raphael Pellegrino, Anacleto Campanella, Oswaldo Samuel Massei, Walter Braido, Raimundo da Cunha Leite, João Dal'Mas, Luiz Olinto Tortorello e do atual prefeito, Antonio José Dall'Anese.

A exposição foi enriquecida, ainda no dia da abertura, com depoimento de autonomistas presentes, como Luiz Rodrigues Neves, vereador na primeira legislatura e fundador do Jornal de São Caetano; do padre Ezio Gislimberti e pela explanação da diretor do Museu Histórico, Sônia Maria Franco Xavier.

O ex-vereador Rodrigues Neves discorreu sobre o início do movimento pela emancipação e enfatizou, principalmente, o entusiasmo dos jovens da época em torno da criação do Município, ocasião em que os interesses da

cidade estavam sempre acima de quaisquer interesses pessoais. Padre Ezio Gislimberti destacou também o apoio da Igreja ao movimento.

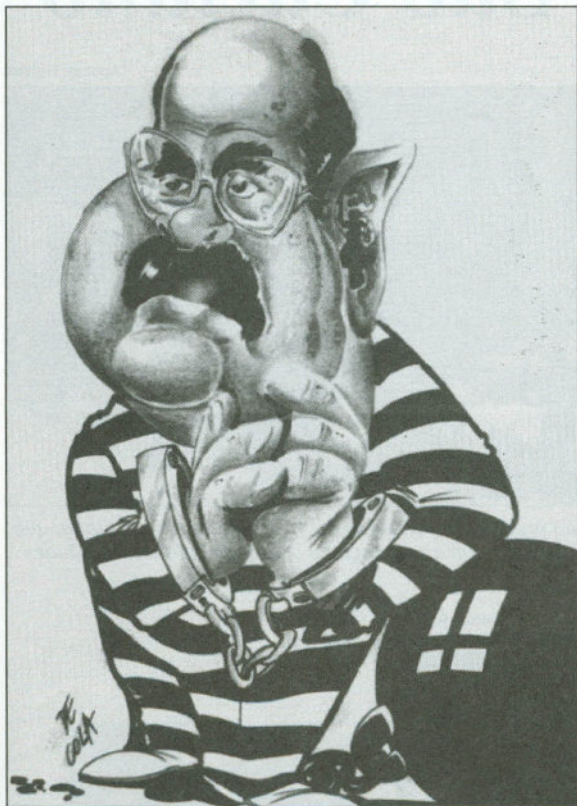
Ao final da cerimônia de abertura, todos os líderes autonomistas presentes receberam medalhas da atual administração, em reconhecimento pelo trabalho desenvolvido em benefício da comunidade de São Caetano do Sul.

O prefeito Antonio Dall'Anese acentuou, na oportunidade, a importância da data da emancipação, que teve como consequência direta o início da melhoria da qualidade de vida da população de São Caetano do Sul. "A qualidade de vida equivalente à de uma cidade do Primeiro Mundo de que desfruta hoje a população da cidade, deve-se ao movimento autonomista e ao trabalho que se seguiu após a conquista da autonomia político-administrativa."

A nossa administração não tem poupado esforços para a manutenção e ampliação dos serviços e obras que traduzem essa qualidade", ressaltou Dall'Anese.

Quadrinhistas e Cartunistas do ABC

Foto: Yoji Agata



Charge assinada pelo caricaturista De Cola, exposta na Fundação Pró-Memória

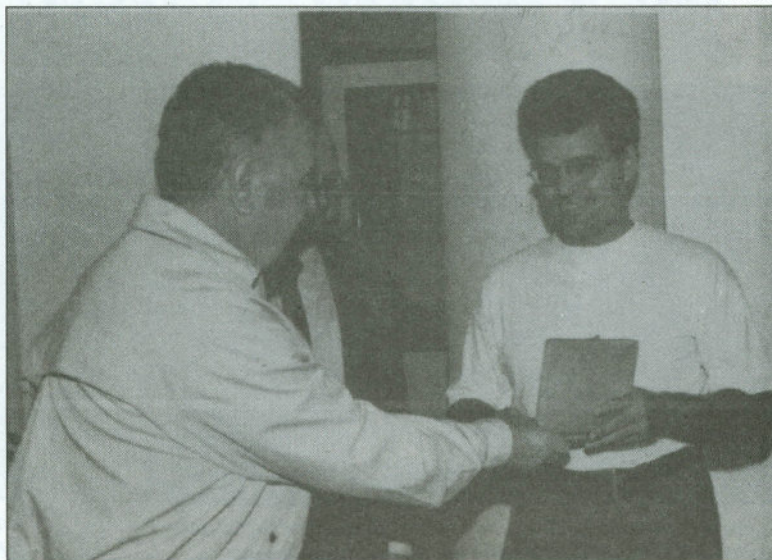
Em setembro último, a Fundação Pró-Memória realizou exposição intitulada Quadrinhistas e Cartunistas do ABC, com apoio da Prefeitura (através da Diretoria de Educação e Cultura) e do *Diário do Grande ABC*, com o objetivo de divulgar os trabalhos de desenhistas que viveram, publicaram ou ainda estão produzindo cartuns e quadrinhos na região. Os expositores foram divididos em três categorias: veteranos, profissionais da imprensa regional e os alternativos, que trabalham em revistas, imprensa sindical e estudantil, etc.

Na categoria veteranos, foram convidados os cartunistas Jayme da Costa Patrão (criador do personagem Zé Caetano, que muito contribuiu para a emancipação político-administrativa de São Caetano, em 1948), Gedeone Malagola (autor dos quadrinhos Milton Ribeiro, o Cangaceiro) e Waldemar Zambrana (reprodutor de caricaturas dos políticos da cidade). Entre os profissionais da imprensa regional, foram expostos trabalhos dos ilustradores do *Diário do Grande ABC*, Luiz Carlos Fernandes, Ricardo Giroto e Adelmo Naccari, e da *Tribuna do ABC*, de Juarez. Entre os chamados alternativos, estiveram presentes Márcio Honório, Luciano Queiróz, Moacir Torres,

Marcelo Marques, Márcio Marques, Eduardo Kakisaka, Márcio Santiago, Gilmar Machado Barbosa, Moacir Fraile, Diego Marques, Wilson de Cola e Manoel Alves.

Em paralelo à exposição, houve palestras, oficinas de quadrinhos, concurso de cartuns e exibição de vídeos de desenho animado. A oficina de quadrinhos foi coordenada pelo curador da exposição, professor Roberto Elísio dos Santos, com a participação de 40 estudantes das redes municipal e estadual de ensino. Foi realizada, ainda, demonstração de RPG (role playing game), videogame ao vivo em que as pessoas escolhem os seus personagens.

Foto: Yoji Agata



Jayme da Costa Patrão faz a entrega de um dos prêmios do concurso

Foto: Yoji Agata



Roberto Elísio dos Santos, curador da exposição, entrega prêmio

O concurso de cartuns humorísticos, intitulado *Viver o ABC*, teve 27 trabalhos inscritos, julgados por uma equipe formada pelo caricaturista Jayme da Costa Patrão, Luiz Carlos Fernandes, ilustrador do *Diário do Grande ABC*, Antonio Carlos Zacharias, gerente do SESC-São Caetano e Flávio Teixeira de Jesus, representante da Maurício de Sousa Produções. Os vencedores foram Márcio Honório (conhecido como XKid, em primeiro lugar), Everaldo Pereira (segundo lugar) e Sandro Barbosa (terceiro lugar).

Exposição mostra trajetória dos imigrantes italianos, de Vittorio Veneto a São Caetano

Acervo: Raízes



O prefeito Antonio Dall'Anese recebeu objeto em doação para a exposição, durante a cerimônia de inauguração do evento

Acervo: Raízes



População prestigiou exposição sobre a colonização italiana, que contou, também, com a presença de delegação oficial da cidade-irmã de Vittorio Veneto

Acervo: Raízes



O prefeito de Vittorio Veneto, Mario Botteon, fala durante a inauguração do evento. À esquerda, o prefeito Antonio Dall'Anese e Aleksandar Jovanovic, assessor de Comunicação Social da Prefeitura; à direita, o vice-prefeito, Iliomar Darronqui e Oscar Garbelotto, presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano

A exposição De Vittorio Veneto a São Caetano: Retrato de uma imigração foi montada pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, no período de 27 de julho a 27 de agosto último, durante as comemorações de 116º aniversário de fundação de São Caetano. Um dos objetivos da mostra foi o de resgatar tradições dos colonizadores italianos fundadores do Município.

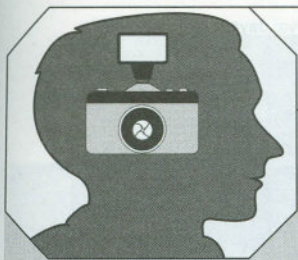
A cidade de Vittorio Veneto, localizada na província de Treviso, na região do Vêneto, ao norte da Itália, foi o local de partida de 26 famílias que formaram o primeiro grupo que chegou a São Caetano, em 28 de julho de 1877. Devido a esta referência histórica e aos laços étnicos e culturais, que unem as duas cidades, em 10 de maio de 1984, Vittorio Veneto e São Caetano tornaram-se cidades-irmãs, ocasião em que foi realizada a cerimônia do *gemmellaggio* (irmanamento), na Câmara Municipal.

Durante a exposição foram mostradas 30 gravuras de Vittorio Veneto, nos seguintes aspectos: 10 quadros de Vittorio Veneto antiga, mostrando sua praças, como a Loggia Municipale e fotos do mercado na Plaza de La Pieri, construído em 1887; 10 quadros de Vittorio Veneto hoje, com suas auto-estradas, o centro da cidade, os jardins públicos e o Rio Meschio e, finalmente, 10 quadros mostrando a história da antiga Fundação de Sinos Poli, inaugurada em 1453 e que até hoje produz e exporta sinos para o mundo. Junto aos quadros de Vittorio Veneto foram apresentadas fotografias antigas de São Caetano, com os primeiros imigrantes, as olarias, as primeiras casas,

escolas, clubes e sociedades assistenciais como a Príncipe Di Napoli e a União Operária Internacional. Além dos quadros e fotografias, a exposição apresentou ferramentas de trabalho usadas pelos imigrantes italianos; utensílios domésticos como panelas, talhetes, caldeirões, usados na época e outros objetos históricos.

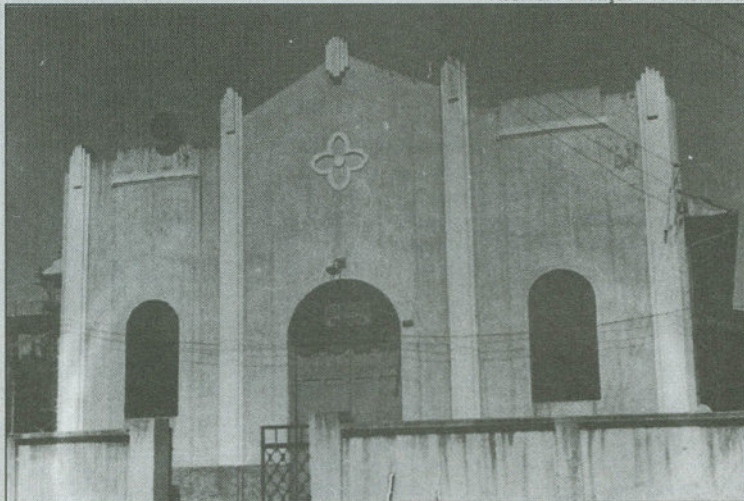
Comitiva italiana

Durante as comemorações do 116º aniversário de fundação, São Caetano recebeu a visita de comitiva oficial de Vittorio Veneto, liderada pelo prefeito da cidade, Mário Boteon e esposa. Integraram também a delegação: Franco Concas e esposa, ex-prefeito; Giuseppe Bevilacqua e esposa, vereador; Isidoro Francescon, membro do governo de Vittorio Veneto; os industriais Giovanni Marin e esposa, e Manlio Casagrande; o professor Leo Pizzol e Francesca Meneghin.



Memória Fotográfica

Acervo: Fundação Pró-Memória



Antiga Igreja Presbiteriana, localizada à Rua Goitacazes, esquina com a Rua Niterói, na década de 50. Posteriormente, no mesmo local, foi construído o templo atual e a escola

Acervo: Fundação Pró-Memória



Os irmãos futebolistas em duas épocas: da direita para a esquerda Eduardo Lucas (Sule), Lucas (também conhecido como Sulão), que foi goleiro do famoso São Caetano E.C., em 1928, e Afonso (Sulinho). A foto, de 25 de janeiro de 1948, foi tirada no Clube Atlético Rhodia, quando dois dos irmãos defenderam a seleção da Liga Santoandréense de futebol (Doação: Eduardo Lucas)

Acervo: Fundação Pró-Memória



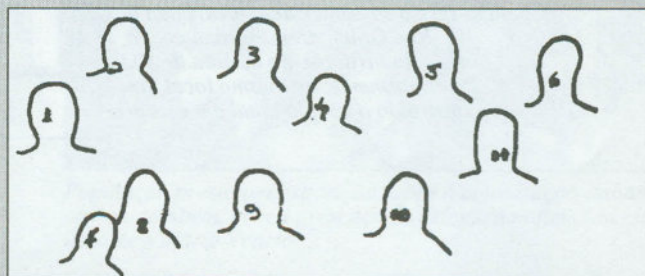
Bazar da Associação de Proteção à Maternidade e a Infância de São Caetano do Sul, em benefício do Natal das crianças pobres de 1960. A foto mostra o momento da inauguração pelo Prefeito Municipal, em local da Av. Conde Francisco Matarazzo. Da esquerda para a direita: Leonice Barontine, Lauro Garcia, Claudio Musumeci, Oswaldo S. Massei, Dolores Massei, Dona Eolina, Américo Cavalini (ao fundo)



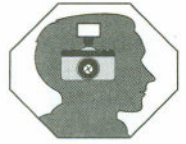
Foto de um coquetel pós-formatura das normalistas do Instituto de Ensino São Caetano, onde a paraninfa da formatura foi a sra. Leonor Mendes de Barros. Em 03 de janeiro de 1958.

Foto tirada na residência do sr. Jayme da Costa Patrão à rua Maranhão nº 1040 - Bairro Santa Paula.

- 1 - Marilena Piotto, 2 - Sra. Maria Patrão,
- 3 - Jayme da Costa Patrão, 4 - Marcinha Patrão,
- 5 - Ana Bortoletto, 6 - Antonio Maria São Pedro,
- 7 - Georginho Patrão, 8 - Dora Patrão Amato,
- 9 - Dna Leonor Mendes de Barros,
- 10 - Secretária de Dna Leonor,
- 11 - Yara Patrão Amato.



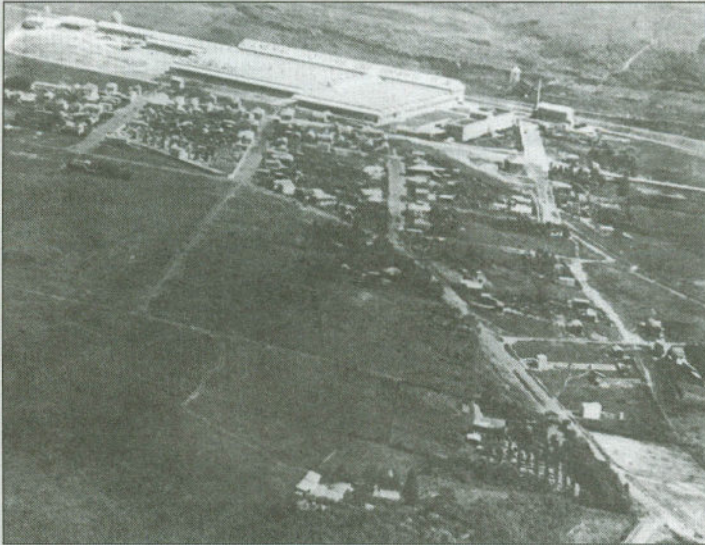
Angelo Calamari e Benedita Calamari, imigrantes italianos, chegaram ao Brasil em 1900, instalando-se no interior de São Paulo. Vieram para São Caetano em 1934 e se instalaram na esquina das ruas Alagoas com Paraíba (Doação: Marino Calamari)



O vice-prefeito Lauro Garcia, então no exercício o cargo de prefeito durante férias do prefeito Osvaldo S. Massei, examinava planos para construção dos reservatórios de água das vilas Barcelona e Santa Maria à direita da foto, estão o engenheiro José Salvatore Netto (diretor de Obras), o vereador Concetto Constantino e o professor Olavo de Campos Toledo, chefe de Gabinete. à esquerda, o vereador Altamiro Dias da Motta e o oficial de Gabinete, Edson Brandão. A foto foi tirada na sala de reunião do Gabinete do prefeito, situado no 2º andar do Prédio Vitória, por volta de 1958



Acervo: Fundação Pró-Memória



Vista aérea do Bairro Santa Paula, na década de 30. Ao fundo as instalações da General Motors do Brasil e, ao centro, o Cemitério da Vila Paula, quando ainda dividia o terreno com o armazém Pega Fogo, da família Del'Rey. à esquerda das instalações da GM, uma pista oval, utilizada como campo de provas dos caminhões da empresa, que, naquela época, eram importados em peças separadas e montados em São Caetano.

Da esquerda para a direita, os primeiros cinco quarteirões urbanizados do Bairro Santa Paula, delimitado entre a Avenida Goiás, a rua Piauí e Alameda São Caetano. Os quarteirões aparecem divididos por cinco ruas transversais: Martim Francisco, Tiradentes, General Osório (estendendo-se além do cemitério até uma trilha de terra, hoje rua São Paulo), São Carlos (até o cruzamento com Alameda São Caetano, cujo traçado podemos observar até onde se encontra a ponte do Córrego dos Moinhos, esquina com a Avenida Kennedy, no canto inferior à esquerda), e Quintino Bocaiúva (que, na época, chegava até à caixa d'água da GM, e atualmente é área interna da empresa).

Acervo: Fundação Pró-Memória



General Motors Esporte Clube. Da esquerda para a direita: 1 - Calejo, 2 - Mosca, 3 - Eduardo, 4 - Roque, 5 - Martorelli, 6 - Américo, 7 - Fiorotti, 8 - Valdemar, 9 - Biscueta, 10 - Danilo, 11 - Marinotto. (Doação: João Fiorotti)



Equipe do Serviço Municipal de Trânsito de São Caetano do Sul, em foto de 24 de dezembro de 1958. Primeira fila: Joaquim Pinto Ribeiro (servente), Hermes Fonseca, Manoel Oliveira, Elpídio de Siqueira, Artur Petta, André Gomes, José Antonio da Silva (Antoninho) e Alcides Forian. Segunda fila: Reni Zanconatto (Inspetor), Rubens Jesus Gomes, Raimundo da Cunha Leite (Diretor), Wandir Della Negra (Auxiliar), Augusto ?, Jairo Jesus Gomes e Jubayr Sancho Maio (Escriturário). Local: em frente à sede do S.M.T. nos baixos do Viaduto dos Autonomistas (Doação: José Antonio da Silva)

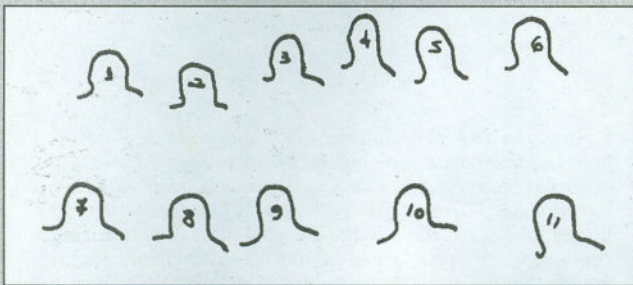
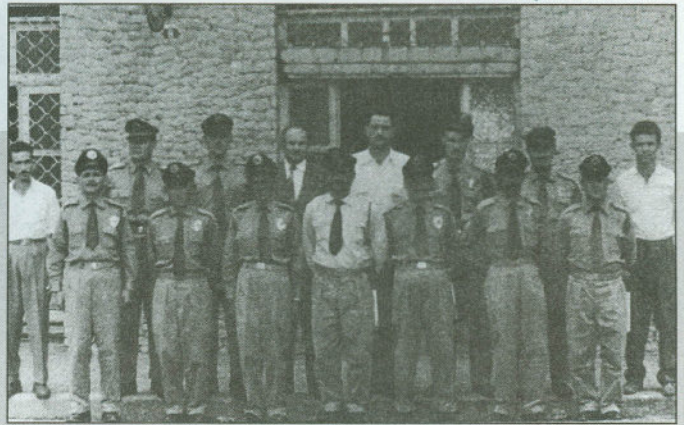
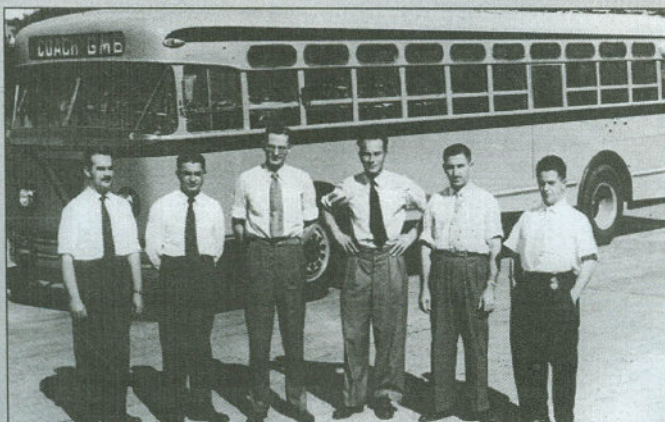


Foto dos jogadores do juvenil do Corinthians do Bairro Fundação, em jogo realizado em 08 de agosto de 1940 no campo do Monte Alegre entre Juvenil do Corinthians 2 x Juvenil do Vitória 1. Na foto, identificamos as seguintes pessoas: 1 - Domingos Biagi (Sultão), 2 - Benedito (Dito), 3 - Alexandre D'Agostini (Xandú), 4 - Luiz Coledão (Goleiro), 5 - Artemio Luis (Fumanchu), 6 - Emídio Perrella (Mosquito), 7 - Alfredo Tardini (Gibóia), 8 - Joãozinho Batista Dalcin, 9 - Aroldo Crepaldi, 10 - Antonio Toniolo (Pinguim), 11 - Oscar Boava (Doação: Emídio Perrella)



Primeiro ônibus com motor traseiro fabricado no Brasil, pela General Motors do Brasil. Dados Técnicos: capacidade - 42 passageiros, chassi e motor importados dos Estados Unidos: carroceria - aço de Volta Redonda. Na foto, técnicos que o projetaram, isto é, da esquerda para a direita: Floro Scoss, José Romanelli, Embry Kennedy, Francisco Domecny, Francisco Rodrigues, Francisco Alonso (Doação: Francisco Rodrigues)



Foto da antiga rua São Caetano, hoje Avenida Conde Francisco Matarazzo, vendo-se aos fundos a porteira da Estrada de Ferro da S.P.R. Destaca-se, à esquerda, o sobrado que abrigava a loja de tecidos armarinhos e brinquedos de Antonio de Andrade. à janela do prédio, as senhoras Etelvina Zanini Andrade e a sua nora, Ermelinda de Andrade. Foto tirada por volta de 1950 (Doação: Valter Andrade)



Irmãos Calamari. Da esquerda para a direita: em pé - Salvador, José, Arlindo e Marino; sentados, Nicola e Marcolino Segundo. Foto de 1945 de R. Fâmula & Irmãos de São Caetano (Doação: Arlindo Calamari)



João Almendra, um dos primeiros feirantes locais, percorria as ruas do Bairro Cerâmica, vendendo verduras. Na foto, de 1935, ele aparece conduzindo uma carroça na rua Casemiro de Abreu, bem em frente à loja de artigos escolares de propriedade de Graciano Martins (Doação: Oswaldo Almendra)



Antigo prédio do Grupo Escolar Sylvio Romero, inaugurado em 07 de setembro de 1950, pelo primeiro prefeito de São Caetano do Sul, Ângelo Rafael Pellegrino. Hoje, no mesmo local, à rua Castro Alves esquina com Vital Brasil Filho, existe a EEPG Sylvio Romero, em prédio construído em 1980 (Foto: Jornal São Caetano)

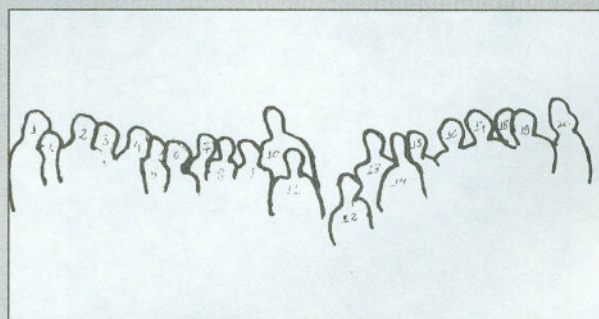


Acervo: Fundação Pró-Memória



Antonio Russo apresentou, em 1962, os artistas da Rádio nacional, durante show realizado no Cine Urca, propriedade da família Lorenzini, que se situava à Rua Manoel Coelho, e encerrou suas atividades no início da década de 1990. Aparecem na foto, da esquerda para a direita: Carlos Alberto da Nóbrega, Ronald de Golias, Manoel da Nóbrega e Antonio Russo

Acervo: Fundação Pró-Memória



A Rádio Cacique foi ao ar pela primeira vez em 28 de julho de 1958. Em breve, o seu prefixo - ZYR-41 - seria conhecido de todos. Na foto, aparecem os artistas do programa de auditório chamado Hora da Peneira. Da esquerda para a direita: 1 - dupla Os Geniais, 2 - Raphael de Castilho, 3 - Mario Ferreira, 4 - Benito de Paula, 5 - Lindomar Castilho, 6 - Norma Takaiama, 7 - Bob de Carlo, 8 - Roberto Barreiros, 9 - Eliana Pitman, 10 - ?, 11 - ?, 12 - ?, 13 - ?, 14 - Tony Duran, 15 - José Astolphi, 16 - Odilon de Souza Melo, 17 - ?, 18 - Jean Carlos, 19 - Giba - Gilberto do Carmo Araújo, 20 - ?. (Doação: José Astolphi)



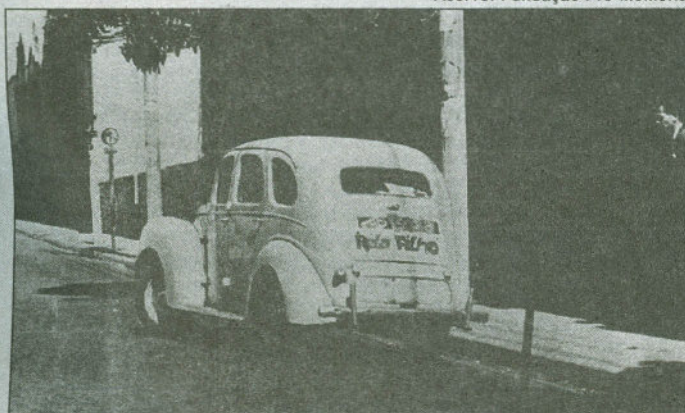
Pique-nique realizado, no dia 02 de abril de 1934, no Bosque da Vila Galvão, em Guarulhos, por famílias de São Caetano do Sul. Da esquerda para a direita: (primeira fila, de cima para baixo) Otávio Marcatti, Reinaldo Lodi, Francisco Santarelli, Renata Santarelli, (?), Fleama Santarelli, Mário Capuano; (segunda fila) Nandina Santarelli, (?), Dora Santarelli; (terceira fila) Pasquina Marcatti, Veliade Santarelli, Emília Marcatti; (quarta fila). As crianças não foram identificadas (Doação: Mario Capuano)

Acervo: Museu Municipal



Comissão de festejos da Sociedade Amigos do Bairro Fundação, em 1966. Da esquerda para a direita: Mário Botteon, João Marcelino Braido, Rafael Daniel Filho, Armando Lopes (Presidente da Sociedade), Mauro Moretti, Amadeu Bortoletto, Virgílio de Oliveira, Josué Davanço e Ângelo Picollo (Doação: Armando Lopes)

Acervo: Fundação Pró-Memória



Um aluno da Auto Escola Rela Filho presta exames de baliza sob as vistas atentas do examinador Giacomo Benedetti. A auto escola foi fundada por João Rela Filho, em 1939. O veículo era um Ford 1951, usado para treinamento e exames de novos motoristas. Como sempre ocorria, às terças-feiras pela manhã, Giacomo Benedetti, Ignácio Del'Rey, Antonio Del Mestre e Felipe de Freitas reuniam-se nas proximidades do Viaduto dos Autonomistas, bem ao lado da Metalúrgica Glória, para examinar os candidatos. Foto cerca 1955 (Original de Nelson Rela)



Acervo: Museu Municipal



Foto do Prefeito Ângelo Raphael Pellegrino e seus auxiliares. Da esquerda para direita: José Bonifácio de Carvalho (chefe de Gabinete), Antonio Dardis Neto (vereador), Daniel Giardulo (diretor da Fazenda), Ângelo Raphael Pellegrino (Prefeito), Jordano P.S. Vincenzi (vereador), Manoel Cláudio Novaes (oficial de Gabinete), Hélio Novaes (auxiliar de Gabinete), Prof. Benedito de Moura Branco (diretor de Administração).

Acervo: Arcília Vidalez Cambaúva.



Conferência Distrital do Rotary Internacional - Distrito 119 - depois 461 - Santos (Parque Balneário Hotel), em 12 de abril de 1953. Da esquerda para a direita, ao redor da mesa, em primeiro plano, aparecem os componentes do Rotary Clube de São Caetano do Sul: Macária P. Rodrigues, Mário Porfirio Rodrigues, Dirceu Luiz, Abdias Fêncio, Arcília Vidalez Cambaúva, Ricardo Falchero, Nélia Gianelli Falchero, Jordano Vincenzi, Anacleto Campanella, Yone Flaquer, José Luiz Flaquer Neto, Geraldo Cambaúva, Edna Lorenzini Fenicio, (?), Urames Pires dos Santos, Silvia A. Santos, Martha Bruna Vincenzi. Ao fundo, rotarianos de outros clubes



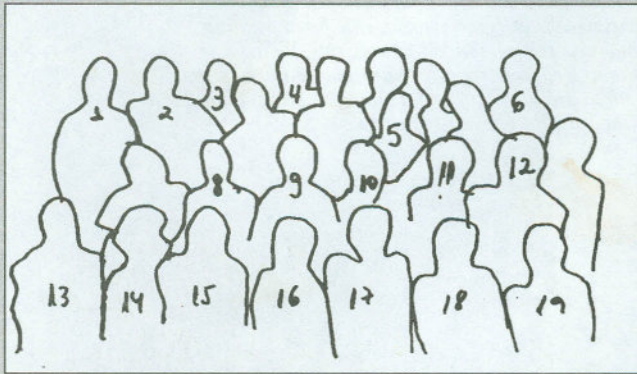
Na década de 40, Adolpho Bennati era importante funcionário da Estrada de Ferro, então denominada SPR (São Paulo Railways). Fazia jus a moradia nas proximidades da estação. O local das casas de S.P.R. (que ainda existem) era exatamente nos fundos da Padaria Leone, que dava frente para a rua Perrella. Bennati morava com a família em uma dessas casas e a foto, de 1943, mostra as filhas do funcionário ferroviário: (da esquerda para a direita) Edna, Dinorá, Alice e Iracema. Observe-se a singela cerca que separava o quintal dos trilhos e, ao fundo, além do trilhos, em primeiro plano, a casa que fazia esquina com a rua Manoel Coelho e a antiga Metalúrgica Glória, que fazia esquina com a rua Pernambuco. A rua Conselheiro Antonio Prado percorria, paralelamente, o leito da ferrovia até alcançar o portão das Louças Cláudia (Doação: Edna Benatti Giardulo)



O jardim 1º de Maio foi inaugurado em 1954, com amplos canteiros bem distribuídos, moderna pérgola cercada por um tanque e com instalações sanitárias subterrâneas. Em sua área foram colocados dois bustos em homenagem a grandes industriais: Conde Francisco Matarazzo e Senador Roberto Simonsen. Aparece na foto Carlos Duran, jornalista e empresário de São Caetano, junto à pérgola do Jardim 1º de Maio, em 1958. O Jardim era ponto de encontro da juventude da época, e contava com um cinema ao ar livre. Atualmente, nesse local, está instalado um posto telefônico da Telesp (Doação: Carlos Duran)



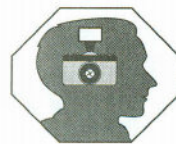
“Em 1914, foi instalada, em São Caetano, a Companhia Mecânica Importadora. Era uma laminadora de ferros de pacotes para construção. Inicialmente pertencia a ingleses. Pouco tempo depois, foi vendida para a empresa do conde Siciliano, que buscou na Argentina operários especializados. Após um período difícil enfrentado pela companhia, marcado por greves e reformas internas (como, por exemplo, a construção do forno de aço) vieram mais operários especializados do exterior; dessa vez, os italianos. Com as reformas e o uso do óleo diesel, a produção triplicou. Foram, então, formadas turmas, sendo trazidos mais operários da Argentina. Os brasileiros logo aprenderam o trabalho, juntando-se às turmas. Esses estrangeiros (argentinos, italianos), passaram a residir em definitivo no Brasil. Os solteiros casaram-se com brasileiras, formando famílias, e os casados traziam as suas famílias para o Brasil.” (Anotações de Casério Veronesi, guardadas pelo Museu Municipal de São Caetano, 1985.) Na foto, Carpintaria da Mecânica - 1945. Da direita para a esquerda: Silvio Antunelli, Valdemar Balbino, Feliciano Balbino (mestre) Jaime Cítero, e Belavique (Doação: Jaime Cítero)



Pique-nique na chácara dos Fiorottis. As pessoas que aparecem na foto são: 1 - Idalina Padovani, 2 - Ludivina, 3 - Maria Crivelari, 4 - (?), 5 - (?), 6 - Milca Galo, 7 - (?), 8 - Elza Bizol, 9 - (?), 10 - (?), 11 - Ida Rossi Fulep, 12 - Afonsina Rossi, 13 - (?), 14 - (?) Bizol, 15 - (?), 16 - Olívia Alves, 17 - Maria Aparecida Davi, 18 - Madalena Padovani, 19 - Augusta Geraldo Fioroti. O pessoal que aparece fazia parte do Círculo Operário de São Caetano e da Irmandade das Filhas de Maria da Matriz Sagrada Família. A chácara dos Fiorottis localizava-se na Vila Gerti, aproximadamente na esquina da rua Visconde de Inhaúma com Avenida Paraíso. Foto de 1945 (Doação: Rubens Rossi)



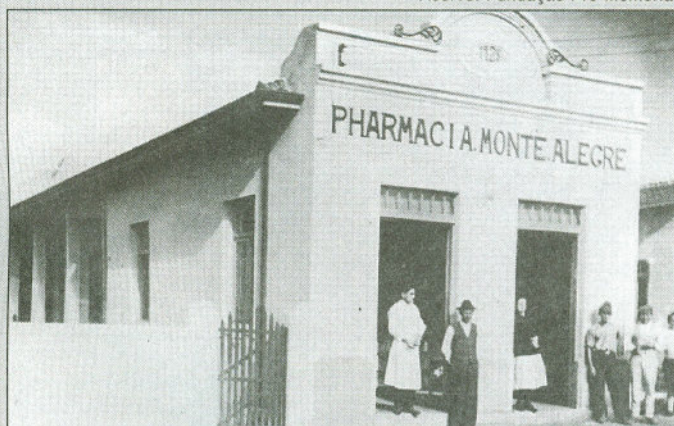
Coral da Sagrada Família, na década de 50. Aparecem na foto: 1 - Acácio Montini, 2 - Severino Germano dos Anjos, 3 - Antonio Coppini, 4 - José Afonso Borges, 5 - Euclides Midei, 6 - Mario Jorge Montini, 7 - Domingos Florindo Pan, 8 - Roberto Manzo, 9 - Benedetti, 10 - Valdomiro Kaminski, 11 - Flavio Escarlante Rocha (Rochinha) 12 - Romano Gava, 13 - Antonio Benedetti, 14 - Padre Luciano Dolzopho, 15 - Vicente de Matos Gomes, 16 - Renato Garbarino, 17 - Benedito Pavani, 18 - Flávia, 19 - Thelma Tomé, 20 - Doracy Santoro, 21 - Aparecida Crivelari Nicolini, 22 - Roseli, 23 - Cleide Morato Furlan, 24 - Elizabete Crivelari, 25 - Aparecida Perego, 26 - Marlene Collero, 27 - Sílvia Novaes, 28 - Olga, 29 - Tereza de Jesus Borges Pavano, 30 - Romeo Muscariello, 31 - Maria Amélia Perim, 32 - Mariazinha Maarçon, 33 - (?), 34 - Rosa Crivelari, 35 - (?) (Doação: Benedito Pavani)



Carroção da Formicida Matarazzo, em 1938. O cocheiro é Salvador Calamario e o ajudante, Marcelino (Doação: Marino Calamari)



A capela de Santo Onofre foi construída em 1926 na Avenida Conde Francisco Matarazzo, nº 62, por iniciativa de Francisco Monzilo, que veio para São Caetano em 1915. Vendia miúdos de porco e de vaca, transportados num carrinho. Monzilo construiu a capela para pagar uma promessa feita em 1920. Se o Santo Onofre o ajudasse a ganhar dinheiro suficiente para erguer a casa própria, ele ergueria um templo também, onde haveria de difundir a sua devoção. Em, 1926, Francisco Manzilo construiu a sua primeira casa, grande, com diversos cômodos. Ao lado, ergueu a capela, pequena, com um singelo altar e o santo, em estátua grande. Hoje, a capela não existe mais



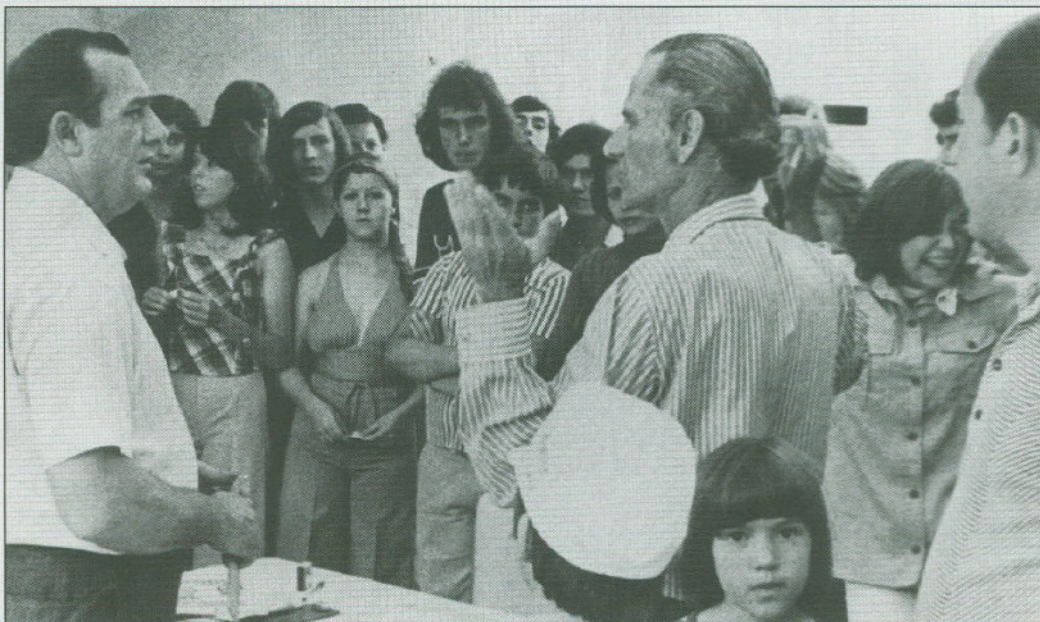
Farmácia Monte Alegre, no dia de sua inauguração, em 1928. à porta, à direita, aparece o proprietário, Olderige Zanon, um dos primeiros farmacêuticos da cidade e, à esquerda, sua mãe, Bella Bona Zanon. O prédio ainda existe: localiza-se no nº 122 da Rua Amazonas, onde hoje funciona um chaveiro (Doação: Cristina Zanon)



Em foto tirada no ano de 1933, Singerfrido Cavassani (o último à direita da foto) conhece a diretoria e outros altos funcionários que dirigiam a Rayon Matarazzo na época. Frido, como sempre foi conhecido, com 15 anos, era recém-contratado na função de contínuo. O terno que veste na fotografia havia sido presente de Ciccillo Matarazzo, para melhor apresentar-se no escritório. O flagrante mostra a entrada da Rayon, à Praça Ermelindo Matarazzo, em frente ao busto do Conde Francisco Matarazzo. Aparecem as seguintes pessoas: 1 - Francisco Massobrio (chefe dos apontadores); 2 - Domingos Maringelli (chefe de armazém da seda); 3 - Francisco Tarateta (funcionário do escritório); 4 - Antonio Passarelli (porteiro, que morava na antiga rua Rui Barbosa); 5 - Accácio Novaes (chefe do Departamento Pessoal); 6 - Pio Palhani (chefe do almoxarifado, que fazia parte das caçadas existentes em São Caetano do Sul); 7 - Nicolau Damasco (funcionário do escritório); 8 - Luiz (?) (trabalhava no escritório); 9 - Theodoro Cervone (diretor administrativo); 10 - Francisco Locoselli (funcionário do escritório); 11 - Ciccillo Matarazzo (diretor); 12 - Miguel Demuro (trabalhava no armazém e expedição da seda); 13 - Qualhott (diretor administrativo); 14 - Maurício Daré (encarregado do laboratório-químico); 15 - Nicolino Nuccitti (trabalhava no setor de Custos); 16 - Daniel Fiorotti (trabalhava no laboratório químico); 17 - Luiz Gonçalves (chefe do escritório); 18 - Ipólito (diretor do laboratório); 19 - Rubens Daré (funcionário do escritório; irmão de Maurício Daré); 20 - Singerfrido Cavassani (contínuo)



Acervo: Adilson Linhares



Flagrante de uma reunião da campanha eleitoral de 1976. à esquerda, em primeiro plano, Antonio José Dall'Anese, candidato a prefeito; á direita, Fábio Ventura, vereador. No canto, à direita, Mônica e Adilson Linhares. No centro, Márcia Braido

Acervo: João Kaiser



Festa junina (1954) na União Cultural de São Caetano

75

